

5
(4)
/
/
18



PECULIO DE RECREIO

BIBLIOTHECA DE 200 ROMANCES

ORIGINAES E TRADUZIDOS

DE

DUMAS, WALTER SCOTT, LAFONTAINE, FREDERICO SOULIÉ,
V.^o D'ARLINCOURT, MADAME COTTIN,
VICTOR HUGO, BOCAGE, GEORGE SAND, ETC.

O catalogo distribue-se gratis em todas as livrarias de Lisboa,
Coimbra, Porto e Braga.

ROLLAND & SEMIOND
3 — RUA NOVA DOS MARTYRES — 3
LISBOA

5
(4)
/
/
18

20

HENRIQUE,
E
AMELIA,
OU
A HERANÇA INESPERADA.
POR
AUGUSTO LAFONTAINE.

TRADUCCÃO DO FRANCEZ.

~~~~~  
TOMO I.  
~~~~~



63-C

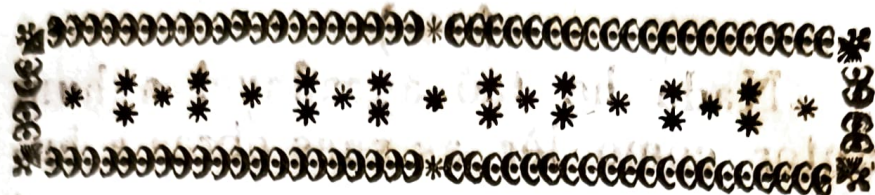
LISBOA. M.DCCC.XXXVIII.



NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

~~~~~  
*Vende-se em casa de Rolland, Rua Nova dos Martyres, N.º 10.*

18536359



# HENRIQUE, E AMELIA,

O U

## A HERANÇA INESPERADA.



**N**ão faças bulha! disse-me Amelia fazendo-me signal com o dedo; minha mamam está descansando no gabinete. » Adiantei-me na ponta dos pés, e cheguei-me ao bastidor em que estava bordando, e perguntei-lhe se tinha lido o meu manuscrito.

« Não tive hum instante de meu, me respondeo ella, este bordado he muito trabalhoso, e querem que o acabe quanto antes. Olha, meu querido primo, continuou ella dando-me o papel, lê-mo em quanto eu estou trabalhando; a obra sahirá melhor, e não te hei de interromper. »

( 4 )  
Nada he tão agradável a hum  
autor como lêr as suas obras a hu  
ma pessoa amavel que as ouve com  
interesse. Não me fiz rogar duas ve  
zes, e li em voz que pudesse ouvir-se.

~~~~~  
HISTORIA DE ANGELO DI AMONE.

A dança tinha acabado, e as lu
zes meias apagadas eraõ substitui
das pela claridade da nascente au
rora. Angelo cansado da dança, dor
mitava encostado a huma columna
da sala, quando a voz do regedor
dos pagens o acordou. Mal pôde a
brir as suas somnolentas palpebras,
e apenas distinguio as damas que o
cercavaõ. « Senhor di Amone, ten
de a bondade de me dar o meu cha
le, » lhe disse a Princeza Augusta
forcejando por tirar-lhe das mãos o
chale que elle segurava com força
contra o seu peito. O som daquella
amavel voz subitamente o arrancou
do seu adormecimento. Pedio per
daõ de ter-se entregado ao somno,

(5)
e córando pôz o chale nos hombros
da Princeza.
« Que pouco geito tendes! lhe
disse Mademoiselle Ulrique de Hal
len com azedume! Pouco faltou que
naõ rasgasseis a romeira de sua Al
teza.

= Quão feliz he a mocidade que
assim dorme tão pacificamente, dis
se a velha aia da Princeza ao rege
dor dos pagens. Que doces sonhos!
e cada vez que acordaõ a vida tem
para elles novos encantos. Ah! Se
nhor, na nossa idade não dormi
mos tão agradávelmente. »

Esta lembrança fez rir as damas
que acompanhavaõ a Princeza, e to
da a gente se foi deitar. Posto que
a Princeza estivesse cansada, de
balde invocava o somno, e os agra
daveis sonhos. A sua imaginação de
contínuo lhe representou os grupos
de dançantes, entre os quaes o jo
ven Marquez Angelo di Amone lhe
parecia brilhar como a resplandecen
te estrella da manhãa. Finalmente
Morpheo cerra-lhe as palpebras, e

(6)

a imagem de Angelo ainda lhe apparece em sonho.

O Marquez não tinha dormido mais socegradamente, e ao meio dia tinha pegado no somno, quando o regedor dos pagens o veio acordar, entregando-lhe huma grande carta, e dizendo: « Eis optimas noticias de Napoles; a morte de vosso tio deixa-vos herdeiro de huma consideravel fortuna. »

Ao ouvir estas palavras Angelo levantou-se, e pegando na carta, sahio sem proferir palavra.

« He hum muito amavel cavalleiro, disse o guarda-roupa do Principe que trouxera a carta; ah! Senhor Major, que felicidade ter huma tal herança! Oh! se eu tivesse huma igual!

— Sim! sim! meu amigo (respondeo o Major rindo-se, ao guarda-roupa, a quem tinha seu respeito, porque muitas vezes lhe pedia dinheiro emprestado), muito desejaria que tivesseis outra igual. Porém o defunto tio priou o Marquez de

(7)

huma felicidade que toda a sua immensa fortuna lhe não poderia restituir.

— Será possivel! » exclamou o guarda-roupa. E dizendo isto pediu dous côpos, e tirou da sua algibeira huma garrafinha de vinho da Madeira, com que regalou o regedor.

« Os pais de Angelo, continuou o Major, eraõ o mais feliz par da Italia. Hum tio velho, o maior libertino que tenho conhecido, apaixonou-se da sua joven, e formosa sobrinha, e fez-lhe proposições insultadoras, que ella rejeitou com indignação, assim como todos os seus presentes. Pouco tempo depois o marido morreo envenenado, e o assassino offereceo á viuva inconsolavel a sua mão, e a sua fortuna. Porém aquella virtuosa mulher permaneceu fiel ao seu primeiro amor, e morreo de paixão no fim de hum anno. Madama de Hallen, cujo marido era nesse tempo Embaixador em Napoles, interessou-se na sorte do

filho da sua infeliz amiga. Educou-o, e se-lo admittir como pagem na nossa Côrte, com a qual seus pais tinham algum parentesco pelo lado de Sua Alteza a Princeza mãe.

= Isso he admiravel! exclamou o guarda-roupa; ahi reconheço a sabedoria da Providencia, que indemnisa a Mr. di Amone da perda de seus pais por meio da fortuna. Oh! eu certamente nunca hei de ter semelhante ventura, ainda que a febre amarella levasse a metade da Italia... Porém he lindo aquelle Marquez di Amone; he hum soberbo cavalleiro. Tambem lhe tenho a mais profunda veneração... Oh! peço-vos que lho digais!... E se tivessees necessidade de algum dinheiro, antes de ter arranjado os seus negocios, dizei-lhe que eu tenho algum, e que está ás suas ordens. Que gosto não teria eu em servir hum homem tão amavel, e tão rico! Aposto que antes de seis mezes hei de vê-lo Camarista... Mas saberá elle a historia de seus pais?

= Não, meu amigo, respondeo o regedor: he necessario que a ignore sempre, e peço-vos que guardeis segredo.

O guarda-roupa prometteo guardá-lo, e a conversação rolou sobre as cousas do dia. Faláraõ dos soluços que tivera a Princeza mãe tomando sorvetes; das equipagens de hum fidalgo estrangeiro; de huma dôr de dentes que a Princeza tivera na vespera, e de outras muitas cousas de tão alta importancia; e simultaneamente lastimavaõ os bons tempos passados, em que todos os negocios de estado se reduziaõ aos acontecimentos da Côrte.

O Marquez Angelo di Amone foi nomeado escudeiro. Desde entãõ aquelle formoso mancebo, que ainda não havia sido notado senãõ por algumas damas, em quanto fôra pagem, attrahio a attenção de todos os cortezaõs. O guarda-roupa do Principe, que soube que elle procurava huma casa decente, foi dar-lhe os parabens, e offereceo-lhe o primei-

ro andar da sua casa. Forão immen-
diatamente vê-lo. Mandarei pin-
tar tudo de novo, disse o guarda-
roupa, e em todas as partes se po-
rão espelhos, e todos os móveis ne-
cessarios, finalmente mandarei fazer
todos os arranjos que desejardes. Não
ha por cima pessoa nenhuma que
possa incommodar-vos. Só minha so-
brinha he que ahí mora, e não faz
muita bulha. He huma orfãa, Senhor
Marquez, que recolhi em minha ca-
sa por caridade.

= Eu tambem sou orfaõ; assim
seremos irmaõ, e irmãa, replicou
Angelo.

= Oxalá que assim fosse! dis-
se o guarda-roupa ajuntando piedo-
samente as mãos. Ella he filha da
minha infeliz, e defunta irmãa; de-
pois da sua morte, foi preciso en-
carregar-me della, visto que não ti-
nha fortuna.

Todavia a joven Cecilia estava á
janella, e vio chegar seu tio com
Angelo. Achára-se ella na vespera
entre os espectadores do baile da Côrte:

to, e tinha admirado o bello man-
cebo, que se distinguia dos outros
pagens pela elegancia da sua esta-
tura, e pela nobreza do seu porte;
e lembrou-se com reconhecimento
que sôra elle que, sem a conhecer,
a tinha ajudado a tirar-se do meio
da multidão, quando a Côrte sôra
sentar-se á meza. Quando vio que
se dirigia para a casa, o seu cora-
ção principiou a palpitar com força,
e quando sentio os seus passos na
escada, foi refugiar-se no seu quar-
to. Porém seu tio foi ter com ella,
e disse-lhe ao ouvido: « Cecilia! o
Senhor Marquez vem morar em nos-
sa casa. Sê amavel, e attenciosa
com elle, e vai mostrar-lhe o pri-
meiro andar.

= Meu querido tio, responde
Cecilia córando, eu nunca lá entrei,
não conheço a casa, como quereis
que lha vá mostrar?

= Vamos, minha sobrinha; a
minha casa não he nenhum labyrin-
tho, » lhe disse o tio. E empurran-
do a porta, apresentou sua sobrinha

ao Marquez, e pediu-lhe perdão de vêr-se obrigado a sahir, e deixa-lo só; e porque os deveres do meu cargo, accrescentou elle, me chamao á Côrte. Deixou-o effectivamente, e foi ter com o chefe da cosinha, que lhe tinha dito que havia hum pudim de batatas para o almoço.

Quando os dous jovens se achárao sós, experimentárao huma reciproca confusao, e guardárao algum tempo o silencio. Angelo foi o primeiro que falou, pedindo licença á bella Cecilia de morar em sua casa. O ar decente, e respeitoso do Marquez deo animo a Cecilia, que por fim ousou levantar os olhos, e agradeceo-lhe a bondade que elle tivera de tira-la do meio da multidao, na noite do baile; falou com enthusiasmo da magnificencia do baile, e da belleza da Princeza Augusta. Angelo notou que ella tinha muita similtiança com a Princeza, e esta observação foi parte para que ella de novo abaixasse os olhos córando muito. Para anima-la, elle mostrou-se

encantado da sua futura habitacao, que achou muito do seu gosto; louvou a linda vista que tinhao as janelas, posto que dessem sobre huma rua estreita; achou a sala, e os gabinetes admiraveis, e a enorme renda que o tio lhe havia pedido parecia-lhe muito módica. Em quanto considerava sorrindo-se, as caricaturas que havia por cima de huma chaminé, Cecilia teve tempo de contemplar a interessante figura do seu novo hospede, que achava muito parecida com a de hum Endymiao, cujo quadro havia muitas vezes admirado quando hia ao castello; e o seu coração palpitava com a idéa de que não estaria separada d'elle senão por hum simples tabique.

Quando sahio, ella correo á janelle, e seguio-o com os olhos até que o perdeo de vista. Voltando para o seu quarto, principiou a recapitular tudo o que lhe acabava de acontecer. Parecia-lhe ter sonhado, e espantada de não ter tido mais timidez na presença de hum Senhor

(14)
taõ distincto, deo-se por muito hon-
rada, e summamente lisonjeada com
as suas delicadas, e respeitosas ma-
neiras.

Angelo di Amone, do seu lado
naõ tinha sentido huma impressãõ
menos forte: « Assim he, disse el-
le consigo, que Raphael pintava as
suas Virgens. »

Foi para casa de Madama de
Hallen, que acabava de chegar dos
banhos, e ainda naõ sabia a mudan-
ça de fortuna do seu protegido, se-
naõ pelas suas cartas. Ella apertou
ternamente o seu joven amigo ao
seu coração; e Angelo, profunda-
mente commovido desta affeição ma-
ternal, cobria de beijos, e inunda-
va de lagrimas as mãos daquella res-
peitavel Senhora, a quem elle hon-
rava como sua mãi, e como sua bem-
feitora. Debalde elle empregou to-
da a sua eloquencia para lhe fazer
acceitar metade da sua rica heran-
ça; pois, a pesar de todas as suas
instancias, ella persistio em recusa-
la. Durante esta terna scena, sua

(15)
filha Ulrique (a mesma que tanto o
escandalisára na noite do baile) en-
trou, e aproximou-se com hum sor-
riso ironico.

« Ulrique! disse a mãi, dá os
parabens ao nosso amigo Angelo da
sua felicidade.

= Seria cousa superflua da mi-
nha parte, respondeo Ulrique com
azedume; o Senhor já possui quan-
to póde desejar, e talvez mais do
que eu poderia desejar-lhe.

= Eis a tua costumada insipi-
dez, » disse a mãi com hum accen-
to doloroso; e sahio da sala. Ange-
lo pegou no seu chapéo, e quiz re-
tirar-se.

Entaõ Ulrique lhe disse: « He
necessario confessar que a felicida-
de vos torna muito inconstante; a-
penas entro, logo me deixais.

= He o vosso máo humor, mi-
nha Senhora, que me afastava, »
disse Angelo voltando para traz.

Ulrique, hum pouco confusa, pe-
gou em hum livro que estava em
cima da meza, e folheando-o exclá-

mon: « Amor, e sempre amor, sempre a mesma palinodia, caricaturas e creaturas ideaes, que representam o seu papel por detraz da cortina. Atormentaõ-se, idolatram-se, desejam a casaõ, julgaõ-se no cúmulo da felicidade, e achaõ-se por fim desencantadas no dia seguinte, como os nossos primeiros pais expulsos do Paraíso.

= Ah! respondeo Angelo, por que razaõ quereis tanto mal ao encantador que derrama nos nossos corações o germen de tudo quanto he bello, nobre, e sublime?

= Ah! Deos meu! debalde o esperamos tal qual o pintais, e morremos esperando por elle.

= Esta opiniaõ tem feito muita gente desgraçada..... » respondeo Angelo.

Ulrique interrompeo-o: « A proposito, hum dos meus brincos ainda está em vosso poder desde o ultimo baile.

= Não o puderaõ concertar. Di-

gnai-vos acceitar este par delles, que tômo a liberdade de offerecer-vos. Tinha vindo cá com esta tençaõ, porque era do meu dever dar-vos outros, visto que o vosso se quebrou por minha culpa. Teria desejado achar-vos em hum momento mais favoravel, porém provavelmente nunca se apresentará.

= Soberbo, admiravel! exclamou Ulrique fazendo brilhar os diamantes aos raios do sol; porém este presente he demasiado rico para mim, não posso acceita-lo. Guardai-o... Eu renuncio a toda especie de esmola, de qualquer natureza que seja; peço-vos que vos lembreis disto, Senhor Marquez. »

Espantado ao vêr semelhante capricho, pegou no seu chapéo, e sahio.

Foi ter com o Principe que o recebeu mui agradavelmente, e falou-lhe muito no merecimento do defuncto Mr. de Hallen, e na penosa situaçaõ em que a sua prematura morte deixára a sua viuva.

(18)

A Princeza Augusta recebeu-o com a sua costumada amabilidade, e deo-lhe os parabens de que a sua actual fortuna lhe permittisse satisfazer os seus mais caros desejos, e desempenhar-se do reconhecimento que elle devia á sua nobre bemfeitora. Ella testemunhou-lhe o seu reconhecimento pessoal por todos os pequenos obsequios que elle lhe fizera em quanto fôra pagem.

« Agora conheço, replicou Angelo, que aquelle tempo foi o melhor da minha vida. »

A Princeza fingio não perceber o que elle queria dizer; e depois de ter falado de cousas diversas, e indifferentes, disse-lhe: « Permitti-me, Senhor Marquez, que vos faça huma pergunta que talvez vos parecerá indiscreta. Por ventura a vossa nova fortuna não me roubará huma das meninas da minha Côrte? »

— Senhora, respondeo Angelo, se não receasse ser demasiado presumçoso em occupar Vossa Alteza da sorte de hum inferior...

(19)

— Então esqueceste, meu querido Marquez, lhe disse a Princeza com infinita graça, que quando eramos crianças brincavamos juntos na mesma sala? Eu era pastora, e vós fazieis de cordeiro, e muitas vezes o meu cordeiro recusava obedecer-me. Ah! Senhor, está lembrança dá-vos direitos a todo o interesse que eu possa tomar na vossa sorte.

— Ó dias de felicidade! suaves recordações! exclamou Angelo com entusiasmo! Sim, he neste lugar que a amavel companheira dos meus brincos mitigava muitas vezes a infantil impetuosidade do seu pequeno camarada quando desconfiava, e quantas doces lagrimas foraõ testemunhas da nossa reconciliação. Ah! naquelle tempo feliz só havia flores entre nós. »

Ditas estas palavras hum vivo rubor cobrio a fysionomia da Princeza. Voltou seus ternos olhos para aquelle lugar dos brincos da sua infancia, em quanto Angelo hia con-

tinuando: « Porém agora sou hum
 estrangeiro sobre a terra... Na
 nha infancia sempre chamava
 meu pai, e não cessava de suspirar
 pela minha querida mãe. Então
 dama de Hallen levou-me ao túmulo
 lo que encerrava aquelles dois en-
 tes queridos; e apertando-me entre
 os seus braços com huma ternura
 maternal, enxugou as minhas lagri-
 mas, e tornou-se o anjo tutelar da
 minha infancia, e da minha adoles-
 cencia. Oh! quantas noites de an-
 gústia passou ella ao lado da minha
 cama, prodigalizando-me os mais ten-
 nos cuidados, quando eu estava doente!
 Porém ainda fez mais; herdando
 suas lições, e ao seu exemplo que
 devo o que possa haver de bom, e
 de verdadeiro no meu character...
 Eu esperava poder recompensar os
 seus cuidados, unindo a minha sorte
 á de sua filha; porém conheci
 muito bem Ulrique: dotada de bel-
 leza, e talentos, porém incapaz de
 amar, não sabe fazer-se estimar de
 pessoa alguma; o seu máo humor

e o ardeor do seu character mor-
 tal, afastão della todas as almas sen-
 síveis, e faz desgraçados todos os
 que a rodeão. Já na nossa infancia
 meu pai tinha-nos destinado hum pa-
 ra o outro, e no seu leito de morte
 repetio-me que esta idéa era a sua
 maior suave consolação. Sua respei-
 tavel mãe, enganada pelas artificio-
 sas insinuações de sua filha, vive
 no engano, e julga que desde mui-
 to tempo estamos de acordo, em
 quanto o egoismo de Ulrique attri-
 bue ao poder dos seus encantos a
 conducta que me dicta a delicadeza
 do meu reconhecimento para com
 sua mãe, e me considera como hum
 escravo predestinado a carregar com
 os seus ferros.
 = Mr. de Hallen sacrificou a
 maior parte da sua fortuna no servi-
 ço do Estado, respondeo a Prince-
 za; por esse motivo meu pai toma
 o mais vivo interesse na sorte da
 sua familia, e muito teria estimado
 que a pudesseis fazer feliz.
 = Ah! Senhora, seria eu mes-

mo muito feliz se pudesse satisfazer os seus desejos! Dir-vos-hei que a minha fortuna, tinha feito proposições a Ulrique; porém o desdem, e a altivez com que ella as ouviu, e a altearaõ-me o abysmo em que me teria precipitado se as tivesse accettato. »

A Princeza vivamente commovida, respondeo-lhe: « Eu direi a meu pai quanto haveis feito; elle saberá que prevenistes os seus desejos, e que não he vossa culpa se elles não se realisão; elle saberá que os vossos generosos sentimentos vos tornão digno do illustre sangue donde nascestes. . . . »

— Ó Deos! oxalá ainda estivesse naquelle tempo em que como pagem vos segurava a cauda do vosso vestido! . . . » disse Angelo em voz baixa, e com visivel agitaçãõ.

Porém no mesmo instante a aia da Princeza entrou na sala. Angelo inclinou respeitosaente a cabeça, e quando se retirou a Princeza seguio-o com o seu terno olhar.

(23)
« Entãõ, minha Princeza, disse a boa da aia aproximando-se, que resposta haveis decidido? Julgo que estareis feito sérias reflexões, e que grande partido de que he hum te; e ainda quando tenhaõ reinando o Duque no seu retrato. . . . »

— Pelo amor de Deos, querida Condessa, deixai-me; não posso amalo de modo nenhum.

— Deos sabe o que ha de ser! Quando o dever fala, o coração deve calar. O tempo, e a resignaçãõ curãõ os máis infelizes.

— Ah! só a morte he que me póde curar. . . . Mas já que falais em deveres, dizei-me, póde have-los mais sagrados do que aquelles que cada hum deve a si mesmo? A estes he que eu obedeço recusando á mão do Duque.

— Sinto isso muito, minha Princeza, a vossa obstinaçãõ ha de causar grande desgosto a vosso pai, meu senhor, assim como a toda a vossa augusta familia; porque se persis-

tirdes na vossa recusação, o Duca do recahirá, em virtude de antigos contratos de familia, em hum ramo estrangeiro.

= Recáia em quem quizer, respondeo a Princeza com vivacidade. Quanto a mim, não quero ser victima de huma fria politica. Os imprescriptiveis direitos do meu sexo devem proteger-me contra aquelle infame trafico de escravos, que indigna todo o coração que sente o preço da sua liberdade.

= Meu Deos! exclamou a aia recuando de susto, eis huns principios puramente democraticos.... Porém vós agastais-vos, minha querida Princeza; teria eu tido a desgraça de desagradar-vos? »

A resposta que a Princeza deo, foi abraçar affectuosamente a aia, chamando-lhe sua querida maman.

Esta aia era huma excellente mulher; amava ternamente a Princeza, a quem havia educado, e ter-se-hia sacrificado para faze-la feliz. Porém acostumada desde a sua mocidade á

vida da Córte, não podia conceber outra felicidade que não fosse a de huma alta jerarquia, e gradação. Affligio-se em extremo com os sentimentos da sua discipula, e resolveo sondar o seu coração.

« Acabais, minha Princeza, de dar-me o doce nome de maman, e a minha consciencia diz-me que o amor que vos tenho, o merece. Permitti pois que vos fale como huma mãe falaria á sua querida filha; faldes em corações livres: por ventura o vosso o está? »

A Princeza confundida com esta inesperada pergunta, abaixou os olhos córando, e o seu olhar incerto, ora se dirigia á sua respeitavel amiga, ora ao Ceo; e não sabia o que respondesse.

Então a boa da aia pegando-lhe ternamente na mão, disse-lhe:

« Se eu tivesse o poder de hum fada, far-vos-hia apparecer hum Principe formoso como o dia.... dotado de graças, e virtudes.... Em fim, semelhante a hum mancebo a quem

naõ falta senaõ huma Corõa para se
perfeito. . . . »

Entaõ a Princeza córando lançou
se nos braços da sua amiga, debu-
lhando-se em lagrimas.

Porém a aia continuou: « Eu
naõ sou fada, e só posso rogar, sup-
plicar, e aconselhar á minha queri-
da Augusta que naõ entregue o seu
coraçãõ aos seus desvarios. Ah! naõ
sacrifiqueis ao idolo de huma paixãõ
terrestre, e naõ percais de vista o
vosso destino! Nas classes inferior-
res huma mulher póde dar ouvidos
aos desejos de seu coraçãõ; porém
a filha de hum Principe só pertence
ao Estado; deve suffocar os votos do
seu coraçãõ, e resignar-se a todos
os sacrificios que exigem a sua or-
dem, e dignidade. »

Estes conselhos em lugar de a-
brandar, augmentáraõ as lagrimas
da Princeza, que occultou o seu rui-
bor no seio da sua respeitavel aia,
sem poder proferir huma só palavra.

Esta havia julgado naõ ter de
combater senaõ huma impressãõ pas-

sageira; porém ficou desanimada,
vendo que os sentimentos da sua e-
ducanda tinhaõ o caracter de huma
paixãõ forte, e naõ soube já o que
disse. Naturalmente terna, e ar-
rastada pela afeição que tinha á Prin-
ceza, naõ pôde deixar de chorar, e
acompanhar as suas lagrimas de al-
gumas frases sobre o dever dos Prin-
cipes, sobre a abnegação das suas
paixões, e sobre os poderosos soc-
corros da Religião. Porém foraõ pa-
lavras perdidas.

Entretanto o guarda-roupa do
Principe, e o camarista occupavaõ-
se em distribuir os convites para a
festa dos annos da Princeza Augus-
ta. No dia determinado, hum nu-
meroso sequito de brilhantes equi-
pagens encheo o pateo do palacio.
Jovens, e velhas, bonitas, e feias,
todas queriaõ entrar ao mesmo tem-
po nos brilhantes salões. Angelo
tambem sahio do seu aposento para
a Côrte. Atravessando o corredor,
encontrou Cecilia encostada triste-
mente a huma janella, donde se via
a entrada do palacio.

(28)

« Ainda estais cá? lhe disse ella com espanto.

= Parece que meu tio me esquece, respondeo Cecilia; anda hoje taõ occupado, que isto me naõ causa admiraçaõ.

= Pobre menina! com tudo desejarieis vêr o baile.

= Certamente! disse ella forçando por conter as lagrimas que estavaõ para correr dos seus olhos.

= Entaõ! eu vos servirei de tio, e levar-vos-hei comigo.

= Como, Senhor Marquez, vós sobre quem se fixaõ todos os olhos! nunca me atreveria....

= Todos os olhos? Ah! saõ os vossos que eu desejava vêr hum pouco mais serenos. Dai-me o braço, Cecilia, naõ receeis cousa alguma; vamos, que já he tarde.

= Naõ pensais no que quereis fazer, Senhor Marquez, ... disse Cecilia hesitando, e ajuntando as mãos. Sois demasiado bom, naõ considerais que eu naõ sou senaõ huma plebea, e além disso esqueceis que o meu sexo....

(29)

= Ah! tendes razãõ; tende paciencia alguns instantes, » exclamou Angelo. Foi ás carreiras ao palacio, procurou logo o guarda-roupa, fe-lo entrar na sua sege, e ordenou-lhe que fosse buscar sua sobrinha.

Os olhos de Cecilia radiavaõ de alegria quando entrou na antecâmara com seu tio, e vio a Angelo que a esperava. Elle offereceo-lhe logo o braço, e conduzindo-a por entre os guardas de corpo, levou-a para huma galeria perto da orchestra, donde podia vêr todo o baile. Quando voltou para o meio da sala, vio Ulrique, que a pesar de ter dito que os naõ queria, tinha posto os brincos que lhe havia dado. Elle ouviu-lhe dizer a huma das suas amigas: « O Marquez di Amone parece ser hoje o cavalleiro das ninfas. » Ouvindo isto voltou-se para ella, e disse-lhe: « Estais enganada, minha Senhora; he huma das Graças que puz a coberto dos insultos. »

Porém a manhosa Ulrique fazendo observar Cecilia a algumas pes-

snas que se achavaõ ao pé della, em breve todos olháraõ para a galeria; a pobre Cecilia confundida de ser o objecto da attençaõ de tanta gente, esteve a ponto de desmaiar. Angelo que não a perdia de vista, estava summamente penalizado da confusãõ da sua joven protegida; e vendo no mesmo instante o gordo guarda-roupa que atravessava os grupos, alagado em suor, exclamou rindo: « Ah! vêde esta máscara com as suas rubicundas faces. » Entãõ todos voltáraõ os olhos para o guarda-roupa, que parou admirado de ser o objecto da attençaõ de todos os circunstantes.

« Ah! ah! disse sorrindo-se hum velho general batendo no hombro de Angelo, eis huma verdadeira treta de pagem. »

No mesmo instante a musica annunciou o principio do baile. Abríraõ os dous batentes da porta, e a Princeza Augusta, conduzida pelo Principe seu pai, entrou radiante de graça, e de formosura. Cortejou a

assembléa com ar gracioso acompanhado de magestade; e lançando hum olhar supplicante á boa aia, cujos olhos ainda estavaõ vermelhos de chorar, abriu o baile com o Principe seu irmão.

A dança já tinha durado algumas horas, sem que Angelo tivesse dançado. Encostado á mesma columna, onde a voz da Princeza o havia arrancado do seu adormecimento, seguia com os olhos todos os movimentos de Augusta, e muitas vezes tambem voltava os olhos para a galeria, onde Cecilia estava. Esta, tornada a si da sua confusãõ, não perdia de vista a Princeza, cuja graça, e ligeireza não se cansava de admirar, e espantava-se de que ella não parecesse interessar-se pelo mais formoso, e mais elegante de todos os jovens Senhores da Côrte. Com tudo ella muitas vezes voltava ás furtadelas os olhos para o lado onde estava Angelo.

Em fim a Princeza deixou as contradanças, e parecia procurar alguém

com os olhos. « Ella procura-o, e se Cecilia comsigo, que não perdeu nenhum dos seus movimentos. Angelo achou-o, disse ella passado hum momento, e suspirando, quando que a Princeza se aproximava de Angelo, na extremidade da sala. « Querem dançar huma contradança composta para a minha função, disse Princeza ao Marquez, e tinha elle carregado hum pagem de convidarvos para ella, porém aquelle manso bo ainda he tão tímido, que tu não entende ás avessas.

— Ah! perdoai-lhe, Senhora respondeo Angelo com vivacidade eu mesmo estou perturbado da ventura deste dia. » Dizendo isto apresentou respeitosa mente a mão á Princeza, e conduzio-a á dança no meio de hum grande circulo que formava a Côrte. Depois de muitas figuras e voltas engenhosas, e cheias de graça, vio-se desenvolver a fórma de hum A, em cujo centro a Princeza se achou com Angelo. A musica parou hum instante, e o grupo immo-

vel apresentou o mais lindo golpe de vista. O Principe, seu pai, applaudio com hum sorriso de satisfação; e Angelo, cheio de entusiasmo, exclamou: « Viva a Princeza Augusta! » Mil vozes repetirão: *Viva Augusto!* e estes gritos acompanhados de huma estrondosa musica, commovêrao de tal maneira a Princeza, que se lançou nos braços de seu pai, derramando lagrimas de ternura, e de ventura.

O Marquez igualmente commovido, tinha ficado no centro da dança, em quanto a Princeza não voltava; lançou então os olhos para Cecilia, cujo palpitante coração participava da geral commoção, e que occultava as suas lagrimas com o seu lenço. Quando a Princeza voltou para o seu lugar, e a contradança acabou, Angelo foi immediatamente para huma sala visinha para serenar-se da perturbação que lhe causavao tantas commoções diferentes. Apenas alli chegou, a aia da Princeza sahio-lhe logo ao encontro, e

disse-lhe: « Venho testemunhar-vos o meu reconhecimento pelo nobre impulso que vos inspirou a expressar de todos os nossos sentimentos para com a Princeza Augusta. Ainda que esses vivas sejaõ fóra de uso e contrarios á etiqueta de hum baile da Côrte, foraõ bem recebidos em consequencia da approvaçãõ que obtiveraõ de sua Alteza o Principe; eu em particular dou-vos os meus agradecimentos. »

O Marquez inclinou a cabeça guardando silencio, e a aia continuou em voz baixa: « Estaõ todos admirados de que o Principe naõ tenha aproveitado esta circumstancia para declarar que a Princeza está em verbas de casar; a pública satisfacção teria sido completa. Sem dúvida, Senhor Marquez, tomareis parte nella? »

— Por certo que sim! respondeu Angelo com voz suffocada. « Custou-me a occultar a sua perturbaçãõ aos olhos da aia. »

« Quem sabe, continuou ella

me naõ falará nisso na occasiãõ do banquete. »

Hum pagem, entrando com precipitaçãõ, exclamou: « A Princeza está indisposta, e manda chamar vossa Excellencia para ir ter com ella ao seu quarto. »

A aia, consternada com esta noticia, foi ter com ella sem a minima demora. No mesmo instante, Angelo, pregando os olhos no chaõ, viu o retrato da Princeza em miniatura, que a aia acabava de deixar cahir. Apanhou-o logo, e vendo chegar humma Senhora, escondeo-o na sua luvã. Esta Senhora era Ulrique; nunca ella se lhe apresentára taõ intempestivamente.

« Visto que sois meu confidente, disse Ulrique, he necessario contar-vos o que acaba de acontecer-me. Huma certa Senhora, que estava ao meu lado na sala, fez subitamente grandes exclamações acerca da belleza dos meus brincos. . . Para prevenir qualquer explicaçãõ, disse-lhe: He huma lembrança de meu irmão

adoptivo. . . . = Isto faz-lhe honra
me respondeo ella; e córando (pa
rece-me que eu córo igualmente)
levantou-se para vêr aquelle amavel
irmão. Fiz eu outro tanto, como eu
tais vendo. Vinde para a sala da
dança; o Principe assentou-se a jo
gar, e a nossa Juno desapareceu
com a sua aia; assim estaremos mais
à nossa vontade.

= Eu tambem me sinto indis
posto, e estou para retirar-me, » lhe
respondeo elle inclinando-se profun
damente. Ulrique fez hum gesto irri
nico, e voltou-lhe as costas.

Chegando a casa, Angelo dei
tou-se em hum sofá, e contemplan
do o precioso retrato que segurava
nas mãos, entregou-se sem receio
às vivas commoções que agitavaõ
seu coração, e de que elle a si pro
prio não sabia dar huma exacta con
ta. « Que novo sentimento he este
que experimento? disse elle com
go. Cem vezes dansei com ella
noites inteiras tive nas mãos o seu
chale, ou o seu leque, e o meu co

ração permanecia em paz? Tinha-lhe
o respeito que se póde ter a huma
divindade! Junto della sentia-me
melhor; e quando estava afastado
della não ousava fazer acção alguma
que ella pudesse desaprovar, nem
se quer ter hum pensamento que
não fosse digno della. Como tudo
mudou desde que o acaso me collo
cou em outra esphera! O véo que
me occultava o effeito dos seus en
cantos, desapareceu; a distancia
que delles me separava encurtou-se.
Já não he aquelle bello ideal a que
eu nunca ousaria aspirar! a deosa
não he já aos meus olhos senão a
mais adoravel das mulheres, e o
meu cégo respeito transformou-se
em amor. . . . »

Fui arrancado das suas medita
ções pelas repetidas pancadas que
ouvio bater á porta. Quando entrá
ra em casa trancára a porta, sem se
lembrar que Cecilia ainda estava no
baile. Desceo muito depressa a es
cada para vir abrir, e recuou de es
panto diante do negro rosto de hum

(38)

preto, que se lhe apresentou ao abrir da porta. Era o criado do Principe que vinha acompanhar Cecilia, porque seu tio ainda estava occupado no Paço. Ella saudou-o, e subiu promptamente ao seu quarto. « Não tendes luz, Mademoiselle, » lhe disse elle seguindo-a com a véla na mão, e entrou com ella. Cecilia quiz accender o seu candieiro; porém tremia-lhe tanto a mão que não pôde consegui-lo. Angelo quiz ajuda-la; e querendo pegar no candieiro, tomou a sua linda mão que apertou suavemente. Finalmente accendeo-se o candieiro; e Cecilia julgando que elle se retiraria, guardava o silencio.

« Ah! estou doente, muito doente! » disse Angelo fixando os olhos nella.

= Eu vou fazer chá, disse Cecilia.

= O chá não me ha de curar, respondeo elle; dai-me licença que fique ainda alguns instantes no vosso paraíso.

(39)
ra, lhe disse ella perturbada, e corando.

= Quanto vos aformosea este amavel rubor, querida Cecilia! Não receeis cousa alguma, que temos nós que temer? não temos por testemunhas senão as estrellas....

= E a testemunha poderosa que habita por cima dellas, respondeo Cecilia com dignidade.

= Não a temo, disse Angelo. Assentárao-se. Cecilia mais animada principiou a trabalhar, e Angelo tomando-lhe a mão disse-lhe com confiança. « Estai socegada; eu não sou temivel.

= Não duvido, Senhor Marquez, que não sejais tão bom, e tão honrado quanto sois feliz.

= Quem se pôde gabar de o ser?

= Vós mais que pessoa nenhuma; a vossa vida está semeada de flores.

= As rosas cahem, e os espinhos ficam; basta huma noite para murcha-las.

= Esta noite ereis digno de inveja. A bella Augusta deixou todos os grandes da Côrte para dançar com vosco; e toda a assembléa applaudio esta preferencia. Aquella dança, e a terna scena que se lhe seguiu, commovêraõ-me extraordinariamente.

= Isso foi hum caso inesperado; a musica, a occasiaõ do momento, e a amabilidade da Princeza me inspiravaõ: todavia, hum instante depois lastimava ter cedido áquelle sentimento passageiro.

= Na verdade, hum bello entusiasmo brilhava nos vossos olhos, e a Princeza parecia-se com Psyché prompta a elevar-se aos ares.

= Quão feliz he vosso tio, bella Cecilia, em possuir hum thesouro como vós. Porém elle não conhece o vosso merecimento; elle não tem olhos para os vossos encantos, nem ouvidos para o doce som da vossa voz, elle não sabe apreciar a delicadeza dos vossos sentimentos. Porém ao menos deveria vigiar melhor hum thesouro que não conhece.

= Elle sabe que os bons genios protegem a innocencia, e confia na minha consciencia.

= Ah! está bem longe de pensar nisso, replicou Angelo. O ouro he o seu unico idolo; não conhece outro. Foi com os olhos nelle que se apressou a contrahir amizade comigo quando soube que eu era rico; e só entaõ he que me deo entrada em sua casa.

= Elle he meu tio, e de mais a mais meu bemfeitor, disse Cecilia córando. He indulgente, e confiado, porque crê na virtude que lho recusais; e fia-se na vossa.

= Vós tambem credes nella, Cecilia?

= Sem dúvida, replicou ella com confiança.

= Alma pura, e innocente, exclamou Angelo, não conheceis o genio temivel que se apodera das nossas almas, a despeito das nossas melhores intencões? Ah! Cecilia, o amor não he senaõ hum meteoro brilhante, e destruidor; porém a san-

(42)
ta amizade he como a estrella
manhãa que luz no Oriente. Pura
e inalteravel como aquella estrella
una-nos a amizade para sempre!

= Para sempre! disse Cecilia
suspirando. Hum instante de exalta-
taçãõ vos faz esquecer a infinita dis-
tancia que nos separa. Talvez a ma-
nhãa a fria mãõ do decóro, e da gra-
duaçãõ nos separe, e só conserva-
rei os amargos arrependimentos de
humã illusãõ passageira.

= Sois injusta, minha querida.
Visto isso, o sincero respeito que
me inspirais, não vos parece senão
hum capricho do momento, e talvez
que deis o nome de egoismo ao mais
puro, e mais verdadeiro sentimento
que possa animar humã alma sensi-
vel?

= Vós me affligis, Senhor; eu
faço o que devo. Ligando-me mais
intimamente ao vosso destino, faria
a minha desgraça. ” Dizendo estas
palavras, a expressãõ de humã ten-
na dôr se pintou na sua fysionomia;
seus olhos enchêraõ-se de lagrimas,

(43)
e continuou: “ Hum coraçãõ infini-
tamente acima do meu corresponde
ao vosso, hum futuro mais brilhante
te vos espera. Quando no meio dos
que dançavaõ seguraveis sua mãõ,
e se formou o A, estaveis no cumu-
lo da felicidade, e as suas doces la-
grimas diziaõ: *Eu te amo.* ”

No mesmo instante as rosas das fa-
ces do tio, que acabava de chegar,
apparecêraõ á porta que estava meia
aberta. Angelo pegou no seu cha-
peo, e retirou-se.

“ Ah! ah! exclamou o tio (que
lhe tinha bebido muito bem) assim
que Angelo se retirou: que felici-
dade a de ter bons vizinhos! já ten-
des tamanha intimidade! Tu cá,
tu lá, eu te amo...; oh! eu tudo
ouvi. Isso he magnifico, tudo vai
bem. Elle he rico, que queres tu
mais? Porém toma sentido, minha
rica, trata de tirar disto o melhor
partido que pudieses. He necessario
que faça chover ouro..., e que te
assegure a tua sorte.... ”

Cecilia ficou estupefacta com es-

te indigno discurso. Reconheceo tremecendo que Angelo não se tinha enganado quanto ao vil caracter do seu tio. Chorando amargamente subio ao seu quarto. O tio ainda correo atraz della, gritando-lhe: « Amanhã ha de haver hum grande caçada na floresta de Wildthal, e has de lá ir na sege de Madama Marcus, a mulher do chefe da cozinha! »

Logo de manhã Angelo foi para o palacio, e soube com prazer que a indisposiçã da Princeza não fôra cousa de cuidado, e que ella se propunha acompanhar a caçada. Passado pouco tempo o Principe appareceo com o monteiro mór, e a Princeza sahio do seu quarto vestida de Amazona. A mais doce satisfação brilhou nos seus olhos quando Angelo lhe trouxe hum lindo cavallo que elle mesmo tinha ensinado. « Será manso? disse ella sorrindo. — Manso como hum cordeiro, respondeo Angelo. E depois de a ter ajudado, a montar a cavallo, elle montou em

em hum soberbo cavallo rabaõ, e foi tomar o seu lugar á frente da cavalgada. O Principe não tinha cavallo nenhum mais bonito nas suas estrebarias, e a Princeza encantada da graça do formoso cavalleiro, não o perdia de vista; entregando-se aos mais doces pensamentos, ella houvera querido estar a seu lado, e nada ouvia do que lhe diziaõ os cortezãos de que estava rodeada.

Chegáraõ ao pavilhão situado na floresta, onde as damas que tinhaõ partido antes esperavaõ a cavalgada. O tempo era delicioso, e as vidraças das janellas do castello de Wildthal reflectiaõ ao longe os raios do sol. Almoçáraõ todos alegremente, e o mesmo Principe, que ordinariamente estava sério, parecia entregar-se á alegria. De repente ouviraõ-se as buzinas, e hum enorme javalí perseguido pela matilha sahio de entre os arbustos; o Principe, e o seu sequito montáraõ a cavallo, e seguiraõ-no a galope.

O cavallo de Angelo, excitado

(46)

por aquelle tumulto, principiou rinchar. « Ah! minhas Senhoras disse a Princeza, he necessario que vejais esse bello animal. Nunca nenhum similhante. » Ella deu ordem que o trouxessem, e o sobrinete chegou rinchando, e batendo com os pés de impaciencia.

« Muito gosto teria de montá-lhe, disse a Princeza sorrindo.

— Não pense Vossa Alteza nisso, este animal he indomavel, » exclamou a aia. E todas as damas que zeraõ tirar-lhe isso da cabeça; por esta opposiçãõ não fez senãõ augmentar-lhe o seu desejo.

« Correrei perigo nisso, perguntou ella a Angelo! — Nada ha que recear, respondeo este sorrindo— elle he vivo; porém muito docil.

A Princeza que montava a cavallo perfeitamente, insistio; elle encurtou os estribos, e ajudou-a a montar. Os joelhos da Princeza estremecêraõ, e o seu coração palpitou de alegria. No mesmo instante a turba de caçadores tornou a par-

(47)

ear perseguindo o javali. O cavallo da Princeza animado com esta vista, partio a galope. Debalde ella forcejava por fazer-lo parar; empinava-se quando ella puxava pela rédea, e dava taes saltos, que a aia, atormentada das mais cruéis ancias, cobrio os olhos com as duas mãos, e todas as damas soltáraõ agudos gritos.

O mesmo Angelo, pallido de susto, saltou em cima do pequeno cavallo Arabe, para vêr se podia alcançar a Princeza, que o fogoso animal levava á rédea solta a travez da floresta.

Conhecendo os caminhos, tomou hum pequeno atalho, esperando poder-la alcançar mais depressa, e fazia galopar quanto podia o seu pequeno cavallo. Porém este não podendo já correr de cansado, apeou-se, e correo a pé pelos atalhos; de repente avistou a Princeza que vinha para elle a todo o galope. Tinha perdido os estribos, e só se tinha asegurado na sella agarrando-se

(48)
com força á crina. Angelo correu para tomar-lhe o caminho, porém hum salto do cavallo deitou-o para terra. Felizmente tinha tido o tempo de agarrar a rédea, e o cavallo parou. A Princeza saltou em terra, e deo a sua trémula mão a Angelo, que inutilmente forcejava por se levantar. « Sinto-me incommodado, » disse elle com voz que apenas se ouvia, e apertando a sua mão ao coração. A Princeza consternada abaixou-se, e Angelo desmaiando deixou cahir a cabeça sobre o coração da Princeza.

« Ah! sinto-me melhor, disse Angelo quando tornou a si, e a sua ardente face sentio a viva palpação do coração da Princeza.

« Quão ditosa sou! exclamou ella; receava que tivesses morrido; estava na maior desesperação. »

Aqui acaba o meu manuscrito.

« Eu desejava ser aquella Princeza, me disse Amelia; e com tu-

(49)
do quando penso no que poderia acontecer-lhe, recearia estar no seu lugar... Oh! meu amigo! trata de continuar. Estou impaciente de ver o desfecho disto; o teu romance ha de ser muito interessante.

« Tens demasiada indulgencia, minha rica, lhe respondi eu; tudo isto he tão inferior ao que eu desejaria fazer, que não posso deixar de chorar. Esta manhã estava contente com o meu trabalho, e agora, que acabo de o tornar a lèr, dá-me vontade de o rasgar.

« Não te sabes apreciar, e és muito difficil de contentar-te a ti mesmo.

« Não me queiras enganar, Amelia! olha, em quanto eu lia, tu continuaste o teu trabalho socegadamente, sem levantar a cabeça; nem huma só lagrima cahio dos teus olhos, não deste mostras de espanto nem de commoção.

« Com tudo estou com muito cuidado quanto á futura sorte de Cecilia.

= Posso-te certificar que não tenho menos do que tu.

= Oh! espero que será espanto de Angelo; assim deve ser.

= Assim o pensas, Amelia? sem dúvida porque te lembras do Barão. »

Proferidas estas palavras Amelia se levantou, e disse-me cõrando: « Sempre preferiste dizer-me coisas duras, e desagradaveis por escrito, antes do que de bocca. Em cada hum dos teus romances, tu fazes allusões á minha pessoa, e não te pareces querer pintar-me deixo de certas relações que só existem na tua imaginação. Porém estás enganado; nunca darei lugar a que teus quadros se realizem. . . » Dito isso deixou-me com mostras de mal humor, e eu retirei-me para o meu quarto, descontente de mim mesmo e da minha obra.

Habitava huma pequena casa que era propriedade minha; não tinha senão tres janellas de frente porém quatro andares de altura

estava na parecer ainda mais estreita no meio das grandes casas entre as quaes se achava. O primeiro andar era occupado pelo Barão de Eschen, a figura, e muito amavel. Minha tia, e sua filha moravaõ no segundo; eu occupava o terceiro, e no quarto morava hum empregado chamado Mr. Sélime. Demais disso a minha casa podia passar por huma academia de bellas artes. O Barão tocava perfeitamente diferentes instrumentos. Amelia cantava divinamente, e bordava com toda a perfeição. Eu era autor, e o público gostava dos meus romances. Em fim Mr. Sélime empregava as suas horas vagas a desenhar, e a fazer enigmas, e charadas em verso, que mandava inserir nos jornaes, e de cuja solução quasi sempre me gratificava, em compensação do atrazo do seu modico aluguel; e como minha tia nada me pagava, bem se vê que a minha propriedade pequeno rendimento me produzia.

De todos os meus inquilinos que mais me interessava era minha prima. Não era com tudo pela formosura, porque tinha a cabeça demasiado pequena para a sua estatura; e posto que os seus bellinhos azues, adornados do sobranhas bem arqueadas, tivessem uma expressão irresistivel de doçura e amenidade, e tivesse o nariz muito bem feito, a sua bocca destrahia este effeito com hum certo ar de galanteio, e presumpção. Ella tinha hum genio assaz alegre, e soffriamente inclinado á ternura; poro era variavel, e sujeita a infinitos prichos. A pesar de tudo isso eu amava-a muito; porém ella tinha muitos outros admiradores. Todos os dias a guarda passava pela rua; e Amelia, apaixonadissima de musica, nunca deixava de chegar á janella. Á medida que os officiaes hiaõ passando, deitavaõ os olhos para o nosso segundo andar, e corriaõ a minha prima. Eu escondia-me atraz da cortina, de balde lhe rep

resentava que aquelles homens não o tinham para a sua pessoa, e não para o seu merecimento; ella fazia destas observações. Esses senhores animados pelo seu sorriso, corriam para ella com mais atrevimento, e a pesar dos repetidos gritos do commandante: "Senhores, obediçam a distancia," a minha linda prima causava-lhes distracções que os obrigavaõ a voltar a cabeça até que a perdiaõ de vista.

A minha boa tia, algum tanto surda, e tendo a vista muito fraca, nada disto suspeitava, e julgava que ella estava occupada a bordar. Diferente de sua filha, aborrecia tudo quanto era militar, e apenas ouvia o tambor estremecia, lembrando-se da morte de seu esposo que perdêra a vida no campo da honra. Pobre mãe! outrora joven, e linda como Amelia, tambem havia sido o objecto das homenagens. O tenente Lentz, cuja fortuna consistia no seu soldo, quis offerecer-lhe a sua mão. A formosura do mancebo, a farda, e mais

que tudo isso o seu sensível coração lhe fizeraõ esquecer que para viver he indispensavel ter alguma coisa de seu. Surda a todas as advertencias, e até aos ameaços da sua familia, decidio-se a receber o annuopucial, o qual, semelhante a hum talismaõ, em breve desencanta o amor romanesco. Os dias das bodas foraõ assaz brilhantes, e no primeiro anno vivêraõ soffrivelmente. Porém não se passou muito tempo que se não achassem endividados, e todos os generos de cuidados domesticos vieraõ perturbar sua felicidade. As consequencias de hum parto trabalhoso haviaõ roubado á desditos os restos da sua formosura. Ao mesmo tempo o esposo recebeu ordem de ir reunir-se ao seu regimento, o desgraçado, desvanecidas as suas illusões, julgou ouvir a voz do Céu nesta chamada. Lançou com doloroso sentimento os olhos a sua filha doente, abraçou sua mulher, e partio com a triste esperança de acabar huma vida que desde muito tempo

(55)
 ao lhe era pesada. Morreo effectivamente pouco tempo depois como hum bravo, na batalha de Lowositz. A pobre viuva, abandonada dos seus duros, e inexoraveis parentes, a quem o seu casamento havia irriado contra ella, não achou outro meio de vida senão o trabalho das suas mãos. Como ella me tinha sempre tido muita amizade, eu hia muitas vezes brincar com minha prima. Com os annos cresceo a minha affeição, e quando pela morte de meu pai fiquei de posse desta pequena casa, julguei-me feliz em poder offerecer-lhe este asylo.

Logo pela manhã principiava a passear pelo meu quarto, occupado na continuação do meu romance. Por mais que esfregasse a testa, o meu cabeça hia arrefecendo, e eu não sabia como tirasse as minhas personagens da triste situação em que se achavaõ. Tinha deixado a aia, e as damas cheias de terror, em quanto Angelo atordoado estava encostado a

huma arvore, e tornava a si do
desmaio, entre os braços da Princeza. Do outro lado Cecilia tinha
com Madama Marcus, mulher
chefe da cosinha, ao castello de W
thal, que só ficava a hum tiro de
pingarda do lugar onde jazia An
lo. Julguei que esta circumstancia
poderia trazer consigo huma ent
vista sentimental, e continuei a
crever.

*Continuação da historia de Angelo
Amone.*

A Princeza assustou-se com o
tim que faziaõ várias pessoas que
aproximavaõ a travez do mato; vo
tando a cabeça vio a velha aia que
chegava esfalfada, e sustida por hu
ma criada. A esta appareçaõ Ange
lo fechou os olhos, e fingio estar mor
to; e a Princeza affectando a maior
desesperaçã ajuntava as mãos, gri
tando: « Ó meu Deos, elle está mor
to! Acudí em meu soccorro! »
Ulrique, que tinha vindo com

os mais, abaixou-se para vêr Ange
lo; e vendo que apenas podia sus
ter o riso, adivinhou o estratagemã,
e exclamou: « Ah! meu Deos, pa
reço que a pancada foi muito gran
de; não dá esperanças. » Porém vol
tando-se para a Princeza, disse-lhe
em voz baixa: « A vossa presença
tem o poder de fazer rir os mortos.
Bem conheço as cousas, Senhora!... »

A Princeza irritada, e confusa,
só lhe respondeo com hum olhar de
despreso, e deixou-se levar pelas
damas a huma sege da côrte que a
conduzio ao castello.

Angelo tendo ficado só, a muito
custo pôde levantar-se; sentia hu
ma dôr violenta no peito, e arras
tou-se como pôde a travez das bre
nhas, e dos rochedos, até ao jardim
do castello. Chegando perto de hu
ma fonte, donde sahia agua lim
pida, vio duas Senhoras que reco
nheceo serem Madama Marcus, e
Cecilia. Esta ultima vendo-o palli
do, e desfigurado, soltou hum gri

• Ai! que morro, disse elle
voz moribunda, deixando-se ca-
em cima da relva. Pelo amor de De-
dai-me huma pouca de agua.

Madama Marcus correo tan-
quanto lho permittia a sua enor-
massa de gordora, em busca de hu-
côpo. Todavia Cecilia toda tremu-
tomou agua com a mão, e levou-a
bocca de Angelo. Penetrado de
conhecimento, elle apertou aque-
linda mão ao seu coração, quando
de repente a Princeza appareceo,
parando diante delles, perguntou
Cecilia de máo humor, quem era

Petrificada de susto, a pobre Ce-
cilia respondeo balbuciando: « Chama-
mo-me Cecilia Linan, sobrinha da
guarda-roupa de Sua Alteza o Prin-
cipe. » Ella aproximou-se da Prin-
ceza para lhe beijar a mão, que
retirou olhando-a com ar severo.
Todavia Angelo forcejou por levan-
tar-se; porém foi tal a sua pertur-
bação, que não se pôde ter em pé,
e cahio nos braços de Cecilia, que
o segurou bradando por soccorro.

Princeza estava entregue a mil sen-
timentos diversos, quando ouvindo
a voz da aia que se aproximava, en-
caminhou-se á pressa para huma rua
mais retirada.

• Estava neste ponto, quando a
minha priminha entrou no meu quar-
to. Larguei a penna, e abracei-a ami-
gavelmente.

• Venho pedir-te, me disse ella,
hum favor que talvez te pareça in-
discreto. Já me serviste em muitas
ocasiões, e eu ainda nada fiz em
teu proveito; porém estou firmemen-
te persuadida de que te não amo me-
nos por isso.

= Oh! assim o creio, principal-
mente quando me não metto a mo-
talisar.

= Peço-te que te deixes de gra-
cejos, he necessario que te fale com
franqueza. Ha muito tempo que co-
nheço que me amas, e que não du-
vidas declarar-me a tua paixão se-
não por delicadeza, porque devemos
pela maior parte a nossa existencia

á tua generosidade. Ha muito pe-
ca gente que seja capaz de hum
nobre comportamento.

= Eis-ahi outro engano, minha
querida Amelia. Naõ seria huma
cura falar de amor a huma noiva!
tu estás quasi certa de casares com
o Baraõ de Eschen. Lisonjeas-te com
esta idéa, e naõ prevês a distancia
que ha entre vós, e as lagrimas, e
desgostos a que te expões.

= D'Eschen he o mais nobre dos
homens, exclamou ella com vivaci-
dade.

= Elle he fidalgo, e valido do
Principe. A sua fortuna, e todas
as esperanças de adiantamento des-
vanecer-se-hiaõ, se elle tratasse se-
riamente de fazer a tua felicidade.
Ah! minha querida Amelia, que
futuro?...

= Sempre vês tudo com negras
côres, meu amigo; naõ continues o
teu romance com taõ sinistras idéas;
isto seria de máo agouro. Peço-te
que faças feliz a Cecilia.

= Naõ te importem as minhas

compassões, lhe disse eu. Naõ ha
bravo a desgraça que purifique as
almas.

= Mas aquella pobre Cecilia he
taõ boa, taõ docil, e taõ crédula.
= Veremos... Eu deixo as mi-
nhas personagens em plena liberda-
de, e a sua sorte será o resultado
das suas acções. Demais disso, se
acontecer que Cecilia tenha bastan-
te razão, e animo para romper hum
enlace duvidoso, poderei muito bem
achar algum honrado empregado, ou
tambem algum joven poeta, que he
o partido que lhe convém, e que a
fará feliz."

Amelia abaixou os olhos suspi-
rando, e eu continuei: "A Prince-
za Augusta ha de casar com algum
Soberano, como convém á sua jerar-
quia.

= Ah! desgraçada! exclamou
Amelia.

= Quanto ao guarda-roupa, ha
de morrer de hydropisia como ver-
dadeiro bebado; e Ulrique, odiada,
e abandonada, achará o seu castigo

(62)
no seu máo coração, e na sua própria maldade.

= Não falas em Angelo, que será a sua sorte?

= Oh! os entes da sua espécie não podem ter senão hum trágico fim. Eu desejára muito converterlo antes da sua morte, e fazer delle hum devoto, como se costuma nos romances novos...; porém ignora a sua sorte, que ainda está coberta com hum véo impenetravel. Elle deve surprender-me a mim mesmo... Não ha gosto nenhum em escrever quando se sabe tudo de antemão.

= He necessario confessar que és dotado de hum grande genio, replicou Amelia.

= Não digas isto; os críticos não são do teu parecer, lbe respondi eu lançando magoado os olhos a hum jornal litterario que censurava amargamente a minha ultima obra.

= Eu quizera, meu querido, que me não tivesses dito tanto. Já não terei o gosto da surpresa.

= Isto não vale nada, minha

(63)
Amelia. De hoje para amanhã pôde haver huma completa mudança. Por exemplo, se tu romperes as tuas relações com Mr. de Eschen, o meu romance ha de acabar de hum modo inteiramente diferente, e fará toda a gente feliz... Mas a proposito do teu bordado, está elle concluido?
= Sim, meu amigo; e já o entreguei. Porém ainda me não pagára.

= Entretanto has de ter precisão de alguma cousa. Toma, leva a metade do que tenho na minha bolsa.

= Que bondade, meu querido Henrique! exclamou ella córando. Abraçando-me com as lagrimas nos olhos, disse-me que tinha tenção de comprar hum vestido para fazer delle presente a sua mãe. Eu preguei os olhos nella, e então pôz-se a chorar com mais força; e querendo tirar o seu lenço da algibeira para enxugar as suas lagrimas, deixou cair hum anel que veio parar em cima do meu manuscrito. Vendo isso entrei a desconfiar do seu artificio;

pois ella enfiou, e cobrio o
com o seu lenço.

• Este anel he muito bonito
disse-lhe apanhando-o; eis au-
ciais do teu nome em cabello; he
dúvida destinado para o Barão.
que gosto lhe ha de causar!

= Ahi está o d'elle que tenho
dedo, me disse ella, apresentando
me a sua mão, meia envergonhada.
Quando elle tiver recebido o outro
estaremos realmente desposados. E
tas prendas reciprocas lhe impo-
deveres, e assegurarão os meus
reitos.

= Pobre Amelia! como estás
ganada! Elle esquecerá o anel
os deveres, logo que o fantasma
honras, e da graduacão se metta
entre vós, e as esperanças de hum
mais brilhante carreira se apresen-
tarem a seus olhos. Ah! minha
os cavalleiros da sua ordem, e
seus costumes, não estimão as ra-
rigas plebeas senão como entes
hum classe inferior, de quem
he permittido mofar impunemente

Não pois aos olhos delles senão po-
bres tolas faceis de enganar, e cuja
 vaidade basta adular para seduzi-las;
e depois de se terem divertido algum
tempo á vossa custa, deixão-vos, e
de novo vos submergem na vossa
antiga obscuridade. Já to disse mil
vezes, e não cessarei de repetir-to
até que estejas curada."

Amelia retirou-se a chorar. Lo-
go que me achei só, deitei-me em
cima de hum sofá, e exclamei: "A-
deos pois, ultima, e enganosa es-
perança: adeos! Quão insensato he
o homem que procura a felicidade no
volúvel, e inconstante coração de
hum mulher! Quem diria, lendo
os meus romances, que muitas ve-
zes os escrevo com hum coração di-
lacerado? Quem poderia crer que a
minha mão pagou com o fruto das
minhas vigílias o anel destinado ao
meu rival? Quem pensará, vendo
Amelia daqui a quarenta annos, que
houve tempo em que ella foi capaz
de fazer esquecer a hum cavalleiro
sua ordem, e a sua fortuna, e de

(66)
transtornar a cabeça de hum jovem
autor? Tambem sua mãe foi jovem
e formosa; porém que distancia
das graças da mocidade ás rugas
hum matrona! E com tudo esse
tervallo he só de hum pequeno
mero de annos. Oh! esta lembrança
deveria consolar todos os amargos
desgraçados.

O meu criado veio interromper
o meu monologo dizendo-me que
Senhor Barão d'Eschen me procura-
va, e eu levantei-me para ir ao seu
encontro.

Depois dos primeiros cumprimen-
tos, disse-lhe: « Senhor Barão, con-
ta geralmente que em pouco tempo
sereis nomeado Camarista, e peço
vos que recebais de antemão as
nhas sinceras felicitações.

— Agradeço tanta bondade, e
respondeo elle; porém até duvido
que o Principe se tenha lembrado
disso. A dizer a verdade, pouco
adianta na posição em que me acho
o costume he ficar com o Principe
em quanto huma pessoa tem a

(67)
cidade de lhe agradar, e no fim al-
cança-se hum titulo como refórma-
branca. Confesso-vos que nenhuma
vez tenho de esperar essa época
possuidor do senhorio de Steinau, e
logo conta de ir para lá quanto an-
tes.

Eu dei mostras de admirado des-
ta resolução, e testemunhei-lhe o
pesar que tinha de que o seu retiro
privasse a patria de tão bellas espe-
ranças.

« Estais brincando, Senhor! a
chave de Camarista ha de assentar
igualmente bem em muitos outros
que a ambicionão mais do que eu;
além disto não he ella que nos tor-
na uteis ao Estado. »

Considererei-o com admiração, e
comecei a crer que pensava séria-
mente em casar. Lançou os olhos a
algumas boas gravuras que ornavaõ
meu quarto; e assentando-se ca-
valheiramente no sofá, continuou:
Subindo a escada encontrei Made-
moiselle Amelia; he linda, na ver-

dade, e dou graças á minha boa fortuna que me deparou huma casa e peço-vos que me deixeis o que occupo, para ter onde vir a morar para o futuro. »

Consenti nisso de boamente e depois continuei: « Senhor Barão acabais de falar de Amelia; ha muito que desejava explicar-me com vosco a seu respeito.

= Explicar-vos? bom! ouzamos com a maior attençaõ; vejamos; que quereis dizer-me?

= Amelia he minha proxima parenta....

= Sim, sois primos.

= E mais do que isso, porque he muito minha amiga.

= Isto está entendido. Hum vizinho de cuido celeste une todas as bellas qualidades.

= Ella he filha de hum simples tenente morto no campo da honra.

= Bem o sei. A querida minha man contava-me as suas desgraças todas as vezes que tinha a honra de vê-la. »

Eu estava sobre brazas durante esta conversação, e notei que havia de ser difficiloso encetar o assumpto sem o escandalisar. Com tudo continuei:

= Não ignorais que ella não tem absolutamente fortuna nenhuma?

= Tambem sei que a vossa generosidade melhora a sua situação, e suppre ás suas precisões.

= Amelia he virtuosa....

= Ah! ser-vos-hia difficiloso fazer o catalogo de todas as suas boas qualidades.

= Esta favoravel prevençaõ justifica de alguma maneira a particular attençaõ com que a honrais.

= Estais zombando; ella he que me honra; e he digna do respeito de todo o homem brioso que tem a dita de conhece-la.

= Senhor Barão, falais como homem de côrte, ou como amante?

= Oh! como amante, disse elle sorrindo-se.

= Entaõ, aspirais á sua mão?

= Isto entende-se.

(70)

= Visto isso a minha prima desde já autorizada a apparecer em público na qualidade de vossa futura.

= Por ora não, me disse elle rindo. Conheceis muito bem, que em quanto eu não estiver mais adiantado, convém guardar segredo.

Offendido com esta resposta fez hum movimento de impaciencia; pegou elle em mim na mão, e puxando-me para o sofá ao seu lado, continuou em tom sério: « Homem estimavel, estou penetrado do vivo interesse que tomais pela sorte de Amelia, e devo falar-vos com franqueza. Está na vossa mão fazer-nos a ambos hum grande serviço.

= Vejamos do que se trata, lhe disse eu com hum sorriso forçado, para occultar a impaciencia em que estava. »

Elle continuou com tranquillidade: « Depois de muitas, e mui tristes experiencias, o meu coração de maisiado facil, e sensivel, tornou-se desconfiado, e receoso. Arrastado

(71)

por huma irresistivel inclinação á belleza, e bebi a largos tragos tudo o que communmente se chama felicidade. A vaidade, o galanteio, o egoismo, e a inconstancia abríram-me os olhos, e conheci que o verdadeiro amor não se encontra nas classes elevadas, e que as doces virtudes que adornaõ a mulher, pertencem exclusivamente á feliz classe média. Só alli he que se encontra a felicidade domestica, cuja doce imagem faz palpar o meu coração.

= Isto assim devia ser; mas ah! os requintes do luxo, a vaidade, e o espirito de imitação vão invadindo a feliz classe de que falais, e ameação privar-nos desta preciosa prerogativa.

= Amelia he huma honrosa excepção.

= Eu desejo, Senhor, que ella possa indemnizar-vos dos grandes sacrificios que por ella quereis fazer. Lastimar-vos-hia sinceramente, se

(72)

os sentimentos de minha prima não fossem também senão huma illusão.

= Confesso-vos que o meu cuidado a este respeito he o motivo que aqui me trouxe. Falai-me com franqueza, meu digno amigo; conheceis Amelia melhor que ninguem; acaso não amaria ella em mim senão o homem de qualidade, e o rico herdeiro, ou serei amado independentemente disso?

= Ah! Senhor, exclamei eu, o coração de huma mulher he hum labyrintho cujos rodeios só a Providencia conhece; os olhos dos mortaes não pôdem penetra-los.

= Ora pois, meu amigo! tendo abondade de ouvir-me, eu entrego a minha sorte, e a felicidade de Amelia nas vossas mãos. Trata-se de huma experiencia.

= Não vos podieis dirigir peor. He necessario saber, Senhor Barão, que eu amo também a minha prima. »

Elle fez hum movimento de espanto, e passado hum instante des-

(73)

lencio, continua: « Sois homem honrado, leal, e sensivel; por conseguinte como deixareis de apreciar o merecimento daquella que he digna do amor de todos os que a conhecem! Apresentemo-nos ambos em campo, e o coração de Amelia decida entre nós.

= Ah! ella já decidio.
= Não respondestes á minha pergunta; pertendo saber se devo o amor de vossa prima á minha jerarquia, e á minha riqueza, ou á minha pessoa. »

Naquelle instante senti a voz de Amelia na escada; estava conversando com Mr. Sélime que subia para o seu quarto.

Chamei-a; e pegando-lhe na mão, levei-a insensivelmente para o meu quarto; ella enfiou quando vio o Barão. Elle aproximou-se dizendo-lhe: « O Senhor está informado de tudo; trago-vos boas, e más noticias.

= Más! repetio ella cada vez mais enfiada, e lançando-me huns olhos escrutadores.

(74)

= Sim , Amelia , continuou Baraõ, abriu-se o testamento de tio, e sou herdeiro de huma consideravel fortuna, e de hum formoso senhorio. » Amelia pareceo remar-se, e exclamou transportada de alegria: « Mas isto he huma fealdade....

= Naõ he inteiramente assim replicou elle ; porque naõ sou herdeiro senaõ debaixo da condiçaõ expressa de casar dentro de hum anno com huma Senhora de antiga nobreza, naõ satisfazendo esta clausula, nenhum direito tenho á herança. »

Amelia sorrio-se dizendo: « Naõ ha outra contrariedade maior, naõ havemos de ser muito infelizes. Ao menos a morte livrou-nos do tio que era a unica pessoa que se oppunha ao nosso casamento.

= Naõ vos lembraís, Amelia que o Principe tomou o lugar delle, e que se ha de oppôr á nossa uniao com toda a autoridade de hum Soberano?

= Faça elle quanto quizer;

(75)

« mundo he assaz grande para acharmos hum asylo onde o seu poder naõ possa incommodar. »

= Naõ terei entaõ de rendimento senaõ trezentos escudos. » Amelia respondeo com fogo. = Oh! o amor supprirá a isto tudo.

= Está bem! eu mudarei de nome, e irei sepultar-me em algum obscuro valle da Suissa, onde viverei como pastor ou como cultivador. Eis, minha querida Amelia, a triste perspectiva que se offerece ás vossas esperanças. »

Ella abriu a bocca para responder; porém elle interrompeo-a dizendo: « Hum bello enthusiasmo vos arrastá; porém a razãõ ordena que reflectais bem. Eu devo acompanhar ámanhã o Principe a Belvedere, donde naõ voltaremos senaõ daqui a tres semanas. Na minha volta saberei qual he a vossa resoluçaõ. Adeos, querida Amelia!.... » Dizendo isto apertou-lhe ternamente a mãõ, e retirou-se.

« Ingrato, traidor! exclamou A-

(76)

melia soluçando, e sentando-se
sofá. Já me não ama; o que
he romper comigo. E isto he ob-
tua, desgraçado!

= Ó minha rica, como podes
persuadir-te disso? Pelo contrario
eu queria dar-te huma agradavel
ticia. Ganhei seis mil escudos na
teria. Ah! em hum mais feliz mo-
mento terias partilhado a minha ale-
gria.... E quaõ ditoso eu teria si-
do!.... Consola-te, minha Amelia!
fica connosco, não sejas a causa de
que elle perca a sua herança. Re-
nuncia a elle, e confia-te em hum
homem que te ama, posto que não
tenha terras senhoriaes, e que te of-
ferece a sua casa, onde serás mais
ditosa do que nas montanhas dos Al-
pes.

= Por ventura he isto hum so-
nho...? disse ella levando as mãos
á testa.... Não, não estou sonhan-
do; dizes que ganhaste? mas eu per-
di muito, tudo.... tudo! » Profe-
ridas estas palavras chorou amarga-
mente, e eu estava a ponto de des-

(77)

cobrir-lhe que isto era huma expe-
riencia. Porém continuou dizendo:
Não, elle não ha de gozar do seu
triufo, não ha de zombar da minha
credulidade. Querido Henrique, u-
na dos teus direitos, tóma o lugar
que merece o teu coração, e confia
na minha fidelidade, e no meu reco-
nhecimento.

= Amelia, lhe disse eu suspi-
rando, o Barão ainda te ama. Vis-
te que elle está prompto a sacrifi-
car toda a sua fortuna por amor de
ti, se tiveres bastante valor ou le-
viandade para deixar tua mãe, teus
amigos, e tua patria, para seguir
o teu Theseo a hum deserto.

= Nem hum só instante hesita-
ria em segui-lo.

= Tens tres semanas para refle-
ctir. Pensa bem no caso. Se o egois-
mo do teu coração não se atemorisa
com este sacrificio, e julga poder a-
char em si os recursos necessarios,
vai, e faz a sua felicidade se pude-
res.

= Não! não! renuncio a elle.

A riqueza, e a ambição são os
los do vosso sexo; o amor de
terno coração não pôde indemnizar
disso. Siga elle a sua brilhante ca-
reira: dê a sua mão a huma Ba-
neza, se disto depende a sua fa-
cidade.... A minha resolução es-
tomada.... »

A minha criada veio interromper
a nossa conversação, trazendo-me
hum bilhete, e li o que se segue:

« Meu querido Senhor, depois
» que me apartei de vós, lembrei-me
» me de hum expediente que sub-
» metto á approvação da encantada
» ra Amelia. Se ella consente naquelle
» lo que lhe proponho, conservareis
» me-ha huma rica herança, e as
» esperanças de huma brilhante ca-
» reira. Nós nos amamos, isto de-
» ve bastar-nos. Que necessidade
» temos de huma cerimonia de cas-
» samento, que não faria senão di-
» vulgar a nossa uniaõ? Eleve-se ella
» la ainda por algum tempo acima
» dos prejuizos vulgares, e não con-

sullando senão o seu coração, e o
meu amor, seja ella feliz fazendo
ao mesmo tempo a minha ventura.
Deve entender-se que eu lhe hei
de fazer hum partido conveniente,
que assegure a sua existencia pa-
ra o futuro no caso de qualquer
inesperado acontecimento. Reco-
mendo-vos, meu querido amigo, que lhe
façais vêr as vantagens da minha
proposição; e ficai certo de que
vos, hei de provar o meu reconhe-
cimento, collocando-vos em huma
posição em que sempre estareis ao
abrigo da crítica. Não receando
que ella deixe de acceitar, mil es-
cudos estão depositados em casa do
meu banqueiro, á vossa disposição,
que podereis receber quando qui-
zerdes, como hum avanço, e hum
penhor dos meus sentimentos! O
castello das minhas terras de Stei-
nau está prompto para receber a
bella Amelia, onde ella reinará
como Soberana. »

Eu li repetidas vezes aquelle singular bilhete. Tinha-me dito que queria experimentar o amor de Amelia, e não combinava com os bellos sentimentos que me tinha patenteados cerca da felicidade domestica. Com de indignação, entreguei sem proferir huma só palavra, o bilhete a Amelia. Lêo-o rapidamente, derramou rios de lagrimas, e retirou-se com precipitação para o seu quarto.

« Tudo vai o melhor possível, exclamei eu depois que ella sahio a verdade he que menti, dizendo que tinha ganhado o prémio da loteria, e o célebre filosofo Kant diz que huma mentira officiosa não deixa de ser mentira. Porém eu não sou tão rigorista, e além disto falei de alguma maneira verdade; porque se obtiver a mão de Amelia, terei ganhado muito mais do que huma triste somma de dinheiro; eu serei feliz, e ella ficará salva. O Barão deve forçosamente ser despedido, e não

respeitará que contribuiu elle mesmo para isso com essa infame proposição, que deve indignar o coração de Amelia. Seria necessario que ella não tivesse nenhum outro recurso para ainda dar-lhe ouvidos; além de que, com justa razão ha de ficar escandalizada; e quando a sua passageira illusão houver passado, ella fará justiça aos meus sentimentos. Se lhe não posso offerer huma tão brilhante existencia, ao menos será honrosa. Por conseguinte entrego a minha sorte nas mãos da Providencia, e esperarei com paciencia a sua decisão. »

Socegado com esta reflexão, peguei na penna, e a minha imaginação levou-me ao castello de Wildthal, onde deixámos Angelo, e Cecilia junto de huma fonte. Eu continuei:

Quando Angelo tornou a si achou-se na cama em casa de Madama Marcus. Huma violenta expectoração de sangue tinha-lhe alliviado a respi-

ração oppressa, que se tornou livre. A primeira pessoa que Cecilia, que semelhante a hum beceira da sua cama, e prodigava-lhe os mais ternos cuidados, e medicos tendo recommendado doente o mais perfeito socego, havia senão Cecilia que tratasse-le. « Quanto vos devo! » disse Angelo com debil voz. A resposta lhe ella deo foi abaixar o rosto na mão de Angelo, e inundar-lhe as lagrimas. « Ah! não me deixeis, continuou elle... = Aqui fico, respeito Cecilia, e Madama Marcia sem mo pedio. »

Então os olhos moribundos doente brilhárao de alegria. Fixo ternamente os olhos em Cecilia, e olhava para elle com rubor. « Não côres, minha querida, disse elle perturbando-lhe a mão: és o meu anjo tutelar, e a tua presença suavisa a minha morte. »

Cecilia extraordinariamente commovida occultava os receios que

agitavao o seu coração, e procurava dissipar as suas sinistras idéas, dando-lhe huma esperança em que ella não acreditava. Adormeceo, e Cecilia olhava para elle com enternecimento. O seu coração palpitava com força, e disse consigo suspirando: « Angelo! oxalá nunca te houvesse conhecido. » A sua imaginação pintava-lho na sua ultima hora. Pareceo-lhe vê-lo descer á sepultura, e de novo surgir transformado em Anjo. Nesta extatica exaltação, parecia-lhe vê-lo na morada dos Bemaventurados, e estendia involuntariamente os braços para o Ceo, em quanto doces lagrimas cahiao sobre o seu palpitante seio. De repente voltando os olhos para o doente amodorrado, estremeceo vendo sobre o seu peito, que hum movimento havia descoberto, huma medalha com o retrato da Princeza, que parecia sorrir-se para elle.

Esta vista arrancou a pobre Cecilia da sua doce distracção, e as suas lagrimas corrêrao ainda com

ração oppressa, que se tornou livre. A primeira pessoa que viu Cecilia, que semelhante a hum genio bemfazejo, conservava-se á cabeceira da sua cama, e prodigalmente lhe os mais ternos cuidados. Os medicos tendo recommendado ao doente o mais perfeito socego, não havia senão Cecilia que tratasse dellye. « Quanto vos devo! » disse Angelo com debil voz. A resposta que lhe ella deo foi abaixar o rosto sobre a mão de Angelo, e inundar-lha de lagrimas. « Ah! não me deixeis, continuou elle... = Aqui fico, respondeo Cecilia, e Madama Marcus assim mo pedio. »

Então os olhos moribundos do doente brilhárao de alegria. Fixo ternamente os olhos em Cecilia, que olhava para elle com rubor. « Não córes, minha querida, disse elle apertando-lhe a mão: és o meu anjo tutelar, e a tua presença suavizará a minha morte. »

Cecilia extraordinariamente commovida occultava os receios que a

estava o seu coração, e procurava dissipar as suas sinistras idéas, dando-lhe huma esperança em que ella não acreditava. Adormeceo, e Cecilia olhava para elle com enternecimento. O seu coração palpitava com força, e disse consigo suspirando: « Angelo! oxalá nunca te houvesse conhecido. » A sua imaginação pintava-lho na sua ultima hora. Pareceo-lhe vê-lo descer á sepultura, e de novo surgir transformado em Anjo. Nesta extatica exaltação, parecia-lhe vê-lo na morada dos Bemaventurados, e estendia involuntariamente os braços para o Céu, em quanto doces lagrimas cahião sobre o seu palpitante seio. De repente voltando os olhos para o doente amodorrado, estremeceo vendo sobre o seu peito, que hum movimento havia descoberto, huma medallha com o retrato da Princeza, que parecia sorrir-se para elle.

Esta vista arrancou a pobre Cecilia da sua doce distracção, e as suas lagrimas corrêrao ainda com

maior força, contemplando a symetria e a harmonia de huma rival amada. Repentinamente sentio motim na antecâmara; e desejando occultar este retrato a olhos estranhos, cobriu-o muito depressa com o seu lenço. Receo-lhe que huma Senhora, que não pôde reconhecer, tinha apparecido á porta, que estava meia aberta; e hum instante depois vio entrar a Princeza Augusta, em cujo semblante estava pintada a inquietação, e a dôr.

« Que faz o doente? . . . lhe perguntou ella em voz baixa. — Ha alguns instantes que está descansando tranquillamente, respondeo Cecilia.

— Ah! Mademoiselle Linan, disse a Princeza ameaçando-a com o dedo, e fixando os olhos nella. A resposta que Cecilia lhe deo, foi tirar o lenço, e mostrar o retrato com o dedo, sem proferir huma só palavra.

A Princeza extraordinariamente commovida, olhava alternativamente

para o seu retrato, e para a pobre Cecilia. Em fim abraçou-a com transpore, e disse-lhe soluçando: « Ó meu anjo, conheci-te mal; contínuamente os teus cuidados, e conservei este retrato. Fica certa do meu reconhecimento. » E dizendo isto apressou-se a sahir.

Cecilia chorou amargamente, e disse dando profundos suspiros: « Ah! a imagem de Angelo he que hei de conservar no meu coração; ha de acompanhar-me até á sepultura. »

Huma nova visita veio interrompe-la; era Ulrique, que perguntou com ancia se era a Princeza que acabava de sahir? Medio com os olhos a Cecilia, e reconheceo com espanto que era a joven que o Marquez havia conduzido á galeria na noite do baile da Côrte.

Cecilia negou que tivesse visto a Princeza, e até pareceo muito admirada desta pergunta tão intempestiva.

Porem Ulrique, sem se intimi-

maior força, contemplando a symetria de huma rival amada. Repentinamente sentio motim na antecâmara; e desejando occultar esse retrato a olhos estranhos, cobriu-o muito depressa com o seu lenço. Receo-lhe que huma Senhora, que não pôde reconhecer, tinha apparecido á porta, que estava meia aberta; e hum instante depois vio entrar a Princeza Augusta, em cujo semblante estava pintada a inquietação, e a dôr.

« Que faz o doente? . . . lhe perguntou ella em voz baixa. — Ha alguns instantes que está descansando tranquillamente, respondeo Cecilia.

— Ah! Mademoiselle Linan, disse a Princeza ameaçando-a com o dedo, e fixando os olhos nella. A resposta que Cecilia lhe deo, foi tirar o lenço, e mostrar o retrato com o dedo, sem proferir huma só palavra.

A Princeza extraordinariamente commovida, olhava alternativamente

para o seu retrato, e para a pobre Cecilia. Em fim abraçou-a com transporte, e disse-lhe soluçando: « Ó meu anjo, conheci-te mal; mostra-me os teus cuidados, e conserva-me este retrato. Fica certa do meu reconhecimento. » E dizendo isto apressou-se a sahir.

Cecilia chorou amargamente, e disse dando profundos suspiros: « Ah! a imagem de Angelo he que hei de conservar no meu coração; ha de acompanhar-me até á sepultura. »

Huma nova visita veio interrompe-la; era Ulrique, que perguntou com ancia se era a Princeza que acabava de sahir? Medio com os olhos a Cecilia, e reconheceo com espanto que era a joven que o Marquez havia conduzido á galeria na noite do baile da Côrte.

Cecilia negou que tivesse visto a Princeza, e até pareceo muito admirada desta pergunta taõ intempestiva.

Porem Ulrique sem se intimi-

dar, continuou: « Quando elle acco-
 darizei-lhe que cá estive da parte
 de Sua Alteza o Principe, que es-
 tava impaciente de saber noticia
 suas, e que toma o mais vivo intere-
 resse na sua situação. Quanto ao
 mais, acrescentou ella retirando-se
 vejo que seria desnecessario recomen-
 endar a huma taõ terna enfermei-
 ra como vós, que tenha cuidado no
 doente. »

Apenas tinha sahido, quando
 Angelo abriu os olhos, e disse com
 voz debil: « Não estarei eu enge-
 nado? He possivel que Augusta te-
 nha estado aqui? »

= Esteve neste quarto, junto
 da vossa cama, respondeo Cecilia;
 e seus olhos enchêraõ-se de lagri-
 mas.

= Estou muito melhor depois
 que dormi, replicou Angelo; sinto-
 me muito melhor. Isto não ha de
 ter nenhum resultado funesto....
 Mas ah! não sei o que tenho; vejo
 em torno de mim sinistros fantasmas.
 O meu leito de dôr parece-me cer-

do de perigos.... Taõ ternos taõ
 generosos cuidados, tanta compai-
 sãõ de hum lado.... e tanto reco-
 nhecimento da minha parte.... Ó
 Cecilia! receemos que a calumnia
 seja profeta!

= Ella mesma ordenou-me que
 ficasse junto de vós.
 = Augusta ordenou-vo-lo?....
 como!...

= Ella apertou-me entre os seus
 braços, e a mais pura benevolencia
 animava as suas palavras. Reconhe-
 ceo o seu retrato, continuou Ceci-
 lia, e parecia transportada de satis-
 fação.

= Ó meu Deos! exclamou An-
 gelo, ella vio este retrato sobre o
 meu coração, e apertou-te entre os
 seus braços?... Ó Cecilia, vem cá,
 quero dar-te hum abraço, quaõ di-
 toso sou!

= Angelo, deixai-me! » disse
 Cecilia; e arrancando-se dos seus
 braços desceo ao jardim, para dar
 hum livre curso ás suas lagrimas.
 A Princeza estava lendo senta-

da debaixo de huma frondosa arvore. Reconheceo Cecilia, e chamou-a. Estava pintada na fysionomia desta pobre menina, seus olhos estavam alagados de lagrimas, e de balde a sua alma procurava alguma consolação. Aproximou-se toda tremula, e disse: « Elle está acordado; vai muito melhor, e goza com transporte de huma nova vida.

= As lagrimas de alegria que derramais, assim mo provaõ, replicou a Princeza franzindo as sobrancelhas.

= Ah! Senhora, o vosso coração deve perdoar as minhas lagrimas. Quem deixaria de commover-se vendo-o! Quanto elle he feliz! Vio em sonhos hum anjo, que se aproximou da sua cama, e que o regou com as suas lagrimas. Elle sonhou com aquelle anjo, cuja imagem se sorri sobre o seu peito....»

Neste instante a aia chegou; e a Princeza, esforçando-se em sahir da profunda commoção que experimentava, voltou-se para a Condessa

estando: « Desejo, que esta menina entre no meu serviço como criada da camara.

A aia fitou os olhos em Cecilia, e disse: « La Raufeld tem alguns direitos a esse lugar; com tudo, isso depende de Vossa Alteza.

= Desejo-o, respondeo a Princeza. La Raufeld está bem, e esta pobre menina não tem amparo nenhum.»

A aia consentio, e ordenou a Cecilia que se achasse ao outro dia na antecamara.

Voltando para sua casa, Cecilia sentio palpitar com violencia o seu coração; rios de lagrimas lhe regáram as faces. Porém huma mais alta inspiração se apoderou da sua alma, e pareceo eleva-la acima das considerações da vida terrestre. « Por que razão hei de chorar? Por que motivo está o meu coração taõ violentamente agitado? Devo por ventura accusar o destino de não fazer-me nascer Princeza?... Ah! não devo considerar-me feliz?... O mais nobre dos

homens me confia o mais caro me-
 gredo do seu coração...; a Princeza
 apertou-me entre os seus braços
 e deixou-me ler no fundo da sua alma.
 Quão nobre he o meu destino!
 Fugí, egoismo, e paixões vulgares.
 Sim, tómo o Ceo por testemunha; An-
 gelo, Augusta, eu sementearei na es-
 trada da vossa vida as flores que pa-
 ra mim murcharão; serei feliz com
 a vossa felicidade; ainda quando eu
 houvesse de perecer.

.....
 Ainda fui novamente interrompido.
 Amelia abriu a porta de vagar,
 e aproximando-se de mim, disse:
 " Perdoa, meu bom amigo, eis o
 rascunho de huma carta ao meu traidor.
 Faze-me o favor de emendala. "

Olhei para ella com espanto. Eu
 tinha passado duas horas a meditar
 huma resposta áquelle odioso bilhete,
 sem achar nenhuma conveniente,
 e acabei por renunciar a isto. Que
 podia pois ella dizer-lhe?

Peguei no seu rascunho suspirando;

do; li, risquei, emendei; porém fiquei
 realmente aterrado quando en-
 contrei a seguinte fraze.

" Com tudo, se he verdade, que
 não sejais tão traidor, tão vil, tão
 falto de delicadeza, como a vossa
 proposição parece inculcar, persua-
 di-vos que huma vez que seja vossa
 legitima esposa, posto que sem no-
 me, sem fortuna, e até sem abrigo,
 hei de viver, e morrer feliz ao vos-
 so lado. "

O meu coração ficou dilacerado
 com esta leitura; porém não pude
 deixar de rir daquellas exagerações
 sentimentaes: *Sem abrigo!* disse-
 lhe eu rindo; eis huma famosa hy-
 perbole. Eu quizera vêr-te com elle
 n'uma bella noite de inverno, no
 meio de hum campo, sem abrigo;
 dir-me-hias no dia seguinte como
 havias passado. Junto de hum bom
 fogo he facil escrever cousas simi-
 lhantes.

" Oh! não duvides que eu seja
 capaz disso, " disse-me ella em tom
 tragico. Apoderou-se da minha ban-

ca, pegou na minha penna, e pegou a carta a limpo.

« Amelia, disse-lhe eu com ternura, pensa no que fazes em hum momento de irreflexão, e de paixão. Quererás abandonar huma boa, e terna mãe, a cidade onde nasceste, teus amigos queridos; e esquecer-te-has até daquelle que desde tanto tempo te ama com tanta ternura? »

« Ah! meu amigo, este sacrificio me ha de custar muitos desgostos, » disse-me ella; e os seus olhos se arrazáraõ de lagrimas. « Porém o destino he que assim o ordena. Amo! e não sabes quanta força o amor inspira aos mais tímidos corações. »

« Receio todavia.... disse eu com hesitação. »

« Não temas cousa alguma, disse-me ella com voz que me penetrou o coração. O traidor desmascarou-se a si proprio, e apresenta-se com toda a sua perversidade. Ah! infelizmente falaste-me verdade. »

Commovido com as suas lagri-

mas, não pude resistir mais tempo; e apertando-a com vivacidade ao meu coração, disse-lhe chorando tambem: « Amelia, eu ajudei a enganar-te.... »

« Não! não! exclamou ella dolorosamente, quero absolutamente esquece-lo! » Depois levantando as mãos ao Ceo, continuou: « Porém tômo por testemunha o Ceo que me ouve, e me vê, que tambem nunca hei de ser tua esposa; recuso a mão que me offereces. Confesso a minha fraqueza, porém não tenho tão pouca delicadeza, que te offereça hum coração que outro desdenhou. »

« Amelia, repliquei eu suspirando profundamente, abre os olhos, e goza da tua felicidade. Elle não he traidor, e em breve serás sua esposa. »

Cheia de espanto ao ouvir estas palavras, o seu olhar incerto parecia interrogar-me.

Porém não tive animo para dizer-lhe mais nada. Incapaz de prolongar huma conversação de que ca-

da palavra me dilacerava a alma, e hi, e mandei a carta de Amelia para Baraõ. Necessitava de alguma direcção; e posto que já fosse noite encaminhei-me para o campo. Estava o tempo muito máo; o vento, a chuva, e a nevoa penetráraõ os meus vestidos. A similhaça do infelizo Werther, principiei a vaguear com elle pelos campos; e todas as esperanças da vida pareciaõ-me para sempre desvanecidas, nem via outro asylo mais do que a sepultura.

Debalde quiz chamar a razaõ em meu soccorro. Mui sinceramente me accusava da minha loucura, e dizia comigo: « Amelia está apaixonada do seu Baraõ; que posso eu esperar della? Não fôra muito melhor a louca exaltação de dous entes, a quem hum amor insensato faz delirar, do que consumir-me correndo atraz de huma vã quiméra? Amelia he estimavel, tem hum coração puro, e até virtudes. Porém acaso me inspira ella huma paixão invencivel? Não; examinando bem o ca-

ção, não he verdadeiramente a sua pessoa que eu amo; prézo nella hum objecto ideal, que a minha imaginação creou desde muito tempo, e que hum doce habito me apresentava personificado em Amelia.... Ah! fatal illusão, que talvez outro objecto em breve destruiria!... He a sorte de todas as almas demasiado exaltadas: o amor proprio adorna esse ideal imaginario com todas as perfeições, e o egoismo do amor proprio dá-se por offendido de o não poder alcançar.... »

Com tudo o meu coração desmentia este frio raciocinio. Os surdos mugidos do vento que agitavaõ as arvores eraõ a imagem dos tormentos da minha alma; e as folhas secas que cahiaõ em torno de mim, derribadas pela tempestade, representavaõ-me a quèda de todas as minhas bellas esperanças, e dos meus dias de felicidade.

Atormentado deste modo por tantas sensações oppostas, caminhei largo tempo até que a chuva, cada vez

mais forte, me obrigou a voltar
a cidade, e era quasi meia noite
quando cheguei á barreira.

O coureiro, que tambem era
cebedor da portagem, abriu-me a por-
ta. Admirado de vêr-me naquella en-
tado, convidou-me para sua casa,
e sua filha sahio ao meu encontro
com hum candieiro na mão. Fez-me
elle largar a minha casaca que esta-
va toda molhada, deo-me o roupão
de seu pai para vestir, e fez-me sen-
tar n'hum cadeira de braços ao pe-
do fogaõ. Eu estava tolhido do frio,
tinha a respiração apressada, e qua-
si que não dava attenção aos obser-
quios que me faziaõ. Pouco depois
ella me trouxe hum chavena de chá,
e depois de a ter tomado recobrei
perfeitamente os meus sentidos; as
sensações que taõ violentamente me
haviaõ agitado, foraõ-se insensivel-
mente serenando, e pude dar hum
livre curso ás lagrimas que corrêraõ
em abundancia dos meus olhos. A
joven Rosa ignorava o salutar effec-
to que a sua presença havia produ-

do em meu coração, que estava
como morto a todo sentimento, e di-
strahido pela mais sombria desespe-

O bom velho cansava-se em fa-
zer mil conjecturas sobre o motivo
que me havia levado ao campo, á-
quella hora, e com taõ máo tempo.
Perem eu ainda não estava em esta-
do de responder-lhe. Huma diligen-
cia que chegou á barreira, obrigou-o
a saber. Entaõ reuni todas as minhas
forças para pegar na mão da joven
Rosa; e apertando-lha com ternura,
disse-lhe balbuciando: « Anjo de
bondade, restituiste-me a vida. » Ad-
mirada desta exclamação, cuja cau-
sa não conhecia, córou; e tendo me
trazido hum segunda chavena de
chá, começou a arranjar os seus bel-
los cabellos louros que se tinhaõ sol-
tado debaixo da sua touca, e cahiaõ
anelados sobre o seu pescoço.

Hia habitualmente, e de prefe-
rendia passear do lado daquella bar-
reira, onde de mais disso o campo
era muito agradavel. O velho cou-

teiro era homem bastante instruído, tinha servido na India na sua mocidade, e quando eu passava defronte da sua casinha tinha muito prazer em entrar, e conversar com elle acerca das suas viagens. Tinha muitas vezes occasião de vêr sua filha Rosa, e achava-a bastante amosa. Porém na situação em que então me achava, ella me parecia encantadora.

Alguns instantes antes tinha renunciado a toda a esperança de felicidade, e invocava a sepultura; porém a vista de Rosa reconciliava-me com a vida, e a minha alma se frangeu a novas, e doces sensações.

« Quereis que chame hum medico, me disse ella com voz tão meiga, e tão supplicante, que me penetrou o coração; e accrescentou: Não estais em estado de ir para a casa com o máo tempo que faz? acceitai huma cama que vos offercemos de boa vontade; não he sumptuosa, mas dar-vos-ha algum descanso; em todo o caso cobri-la-

com colenções destinados para o meu casamento.

— Então estais para casar? lhe disse eu suspirando.
— Ai de mim! sim, estava, » respondeo ella com hum tom de voz cuja tristeza retumbou na minha alma.

A estas palavras estremecei, e juntando as minhas forças, disse-lhe adeos, e tratei de chegar a minha casa, onde todos estavam já sepultados no somno, menos a minha filha criada que me esperava com a maior impaciencia.

Muito tempo depois a voz de Rosa ainda retumbava no meu coração; « Ella esteve para casar, exclamei eu deitando-me em cima da minha cama. *Ella esteve!* Ah! he a sorte commum; o abysmo do passado traga todos os entes; porém no mesmo sorvedouro acabaõ todos os nossos tormentos, com a formosura que nos inflamma, e com o amor que ousa julgar-se eterno!... »
No dia seguinte minha tia man-

(100)

dou-me convidar para almoçar. Amelia recebeo-me com certo ar de desconfiança, e disse-me que achava de despedir huma joven a vida, que queria obstinadamente lar-me. Segundo a pintura que fez della, conheci que era a minha pequena Rosa. « Até se gabava accrescentou Amelia em tom ironico de ter em seu poder o teu relogio porém não mo quiz entregar, e nem sequer mo deixou vêr.

= Ó meu querido sobrinho, disse-me minha tia, que devo eu pensar de semelhante caso? Era huma hora depois da meia noite quando te recolheste.... Receio muito que vos deiteis a perder.

= Isto seria horroroso, accrescentou Amelia.

= O dinheiro muitas vezes he causa de muitas desgraças, replicou a tia, principalmente aquelle que se ganha no jogo; e disserão-me que tinheis ganhado hum premio na loteria.

= Nada disto he verdade, mi

(101)

minha tia; disse-o sómente para experimentar Amelia. »
Ao ouvir estas palavras puzeraõ-se ambas a resmungar, e minha tia accrescentou suspirando: « Deos queira que o Baraõ não se lembre tambem de gracejar, e zombar de nós!

= Oh! não receeis cousa alguma, disse Amelia sorrindo-se, eu estou certa delle, he meu para sempre. »

Dizendo estas palavras abriu a janella com precipitação, porque tinha ouvido a musica do regimento que hia passando. Desta vez não fiquei atraz da cortina, e colloquei-me ao lado della.

« Pareces-me hoje muito singular, lhe disse eu, e tua mãe fala de hum modo que nunca observei nella. Será o prestigio da fortuna que produza esta mudança?

= Oh! meu Deos! não, » me respondeo ella voltando a cabeça. Peguei-lhe entaõ na mão com velocidade, apertei-a ao meu coração,

(102)

e disse-lhe com hum profundo suspiro: « Deos te guarde de jámate achares no estado em que me a noite passada ! »

— Deixa-me pois, respondeo ella tirando a sua mão; os visinhos estão observando. . . Na verdade meu pobre Henrique, que me faz compaixão. »

Dei huma grande gargalhada: porém ao mesmo tempo amargas lagrimas corrêraõ de meus olhos. Amelia confusa, tirou-se da janella chorando, e eu profundamente commovido retirei-me para o meu quarto.

« Huma pessoa está a vossa espera, » me disse a minha criada quando entrei na antecâmara.

Então senti huma voz que me era conhecida; era a amavel Rosa. « Perdoai esta importunação, me disse ella; meu pai ordenou-me que viesse saber como tinheis passado e trazer-vos ao mesmo tempo o vosso relógio. »

— Que bondade, minha querida Rosa !

(103)

— Toda a noite senti bater esse relógio, sem saber o que era, e esta manhã achei-o em cima da cama onde elle he vosso, e incumbio-me de vo-lo trazer, certificando-me que podia sem risco nenhum ir a casa de hum homem tão honrado como vós. »

A amavel ingenuidade da bella Rosa encantou-me. Fui a huma gaveta, e tirei hum pequeno relógio de mulher com o fim de offerece-lo a Amelia, e puz-lho debaixo do seu lenço, dizendo-lhe: « Quando olhares para elle, lembrai-vos do pobre doente que vossos cuidados restituíraõ á vida. »

Muito admirada desse presente que lhe pareceo de hum valor muito superior ao que na realidade tinha, Rosa córou, e recusou accepta-lo.

« Então recusais huma lembrança que vos offereço como hum irmão á sua querida irmãa ? »

— Ah ! Senhor, jurei de nunca acceptar presente algum.

= Porém se vosso querido consentir nisso?

= Elle não ha de consentir. Proferidas estas palavras quiz sal-

« Ainda huma palavra, minha querida Rosa, disse eu tomando-lhe a mão. Falastes-me nos vossos espantaes, que he feito do vosso futuro

= Ah! morreo nos meus braços outono passado de huma febre maligna. Ah! Senhor, quanto o tenho chorado! Estavamos a ponto de sermos felizes. Elle queria estabelecer-se como cirurgiaão, e teria sem dúvida doo ordem á vida, porque era habil e não lhe teria faltado freguezia; toda a gente do campo vinha consultá-lo: elle não era senão cirurgiaão, e todos lhe chamavaõ Senhor Doutor.

= Ah! minha rica, com dinheiro póde-se ser Doutor; porém só o talento he que faz o Medico.

= Isto era o que elle dizia tambem; parece-me que o estou ouvindo. Mas vou-me demorando muito, adeos, Senhor.

= Entaõ, adeos, minha querida

da menina, » disse eu sentando-me á minha escrivaninha.... E levantando os olhos, e dando hum suspiro, exclamei: « Deos, fonte do mais puro amor, entrego em tuas mãos a minha sorte! »

A conversação da amavel Rosa tinha restituído o socego á minha alma, e resolvi imitar a sua doce resignação. O meu livreiro apertava e puz-me a escrever invocando o socorro da minha musa. Com tudo, ainda estava distrahido com a lembrança dos meus tormentos. « Ah! exclamei suspirando; ah! dantes levava todas as tardes o meu manuscrito a Amelia; ella dava attenção á minha leitura, ria-se dos brincos dos meus meninos, e partilhava o amor dos meus amantes. D'ora em diante os curiosos olhos de huma amiga não folhearão já as minhas paginas; e nunca mais verei a expressão da surpresa, nem as lagrimas sympathicas coroarem o fructo das minhas vigílias. »

Em fim metti mãos á obra.

Continuação da historia de Angelo
Amone.

No dia seguinte pela manhã Cecilia foi á hora determinada para a ante-camara da Princeza. Hum velho camarista em vão procurava animar-lhe a bondade, e a doçura da sua futura ama; ella estava intimidada com todo o apparato de luxo que a cercava, e a sua alma estava agitada de sinistros sentimentos. Estremeceo ao ouvir a campainha da Princeza, a qual pouco depois a mandou entrar no seu gabinete, e levantando-se precipitadamente disse-lhe: « Então! que faz elle? Como passou a noite? Vai melhor? »

= Madama Marcus que lhe assistio esta noite, disse que hia melhor, respondeo Cecilia com timidez.

= Sois muito laconica, minha querida: que disse o Medico?

= Ordenou-lhe que ficasse em Wildthal, para alli esperar a sua con-

valencia, e que se conservasse no mais perfeito socego.

= Bem está: o ar livre restabelece-lo-ha mais promptamente.

= Ah! Senhora, só espera o seu restabelecimento do ar onde respira o objecto da sua adoração. No caso de morte...

= Penso que he hum receio quimerico.

= No caso de morte, Senhora, continuou Cecilia, ordenou-me que entregasse em vossas mãos a sua ultima vontade. »

A Princeza recebeu com vivacidade o papel das mãos trémulas de Cecilia, e disse-lhe: « A minha criada dir-te-ha o que deves fazer; espero que ficarás contente do teu emprego. Porém tu deves ter algumas precisões; toma, minha filha, toma esta bagatella entretanto... » E dizendo isto, deo-lhe huma bolsa contendo cincoenta ducados.

Cecilia, admirada, e commovida com esta generosidade, derramou lagrimas de reconhecimento, e res-

pondeo toda trémula: « Ah! Senhora, se Vossa Alteza ficar satisfeita com os meus serviços, nada terei que desejar.

= Com tudo, o teu ar triste, e teus olhos cheios de lagrimas, e teus suspiros, parecem annunciarem que não és feliz.

= Ah! Senhora, perdi a mãe, a terna das mãis, e hum pai a quem ternamente amava.

= Consola-te, Cecilia, eu te servirei de mãe, e talvez que em breve hum sensível marido tomará o lugar do pai que choras.

= Ah! a isso devo renunciar para sempre. Permittí, Senhora, que fique na vossa companhia, e alli acabe os meus dias. »

A Princeza fitou os olhos nella, e hia responder-lhe, quando hum pagem lhe veio annunciar que Madama de Hallen, mãe de Ulrique, acabava de morrer de hum ataque de apoplexia. A Princeza consternada com esta triste noticia, chorou sinceramente aquella respeitavel Se-

nhora; e Cecilia retirou-se respeitosamente.

Ainda fui outra vez interrompido com a chegada do Barão d'Esteven, que entrou sem cerimonia no meu quarto. Falou-me com enthusiasmo da constancia com que Amelia havia supportado aquelle ensaio das lisonjeiras esperanças que lhe davaõ o seu proximo casamento, e o projecto da sua retirada da Côrte. Ao mesmo tempo confiou-me que pudera decidir minha tia a que fosse entretanto com Amelia morar nas suas terras. Fez-me a mais pomposa descripção da belleza do sitio, e das bellas distribuições do castello, e não duvidava que Amelia gostasse muito de alli viver. Depois accrescentou que não ficaria inteiramente satisfeito senão quando eu tivesse consentido que me mandasse hum cavallo para a minha cavalleriça, o qual me levaria a Steinau todas as vezes que quizesse gozar da bella natureza, e do salutifero ar do campo.

Recusando assaz friamente intempestiva proposição, disse que segundo o que me acabara dizer, havia de querer sem dilação terminar quanto antes o seu casamento.

« Sem dúvida, me respondeu; todavia a prudencia exige não obre com demasiada precipitação; retirando-me arrebatadamente da Côrte, poderia isto fazer-me decahir da graça do Principe, cujo favor desejo conservar. Quero haver-me com prudencia. Ao principio fingerei huma grande tosse, depois queixar-me-hei de doença de peito e por fim direi que escarro sangue. . . . E como o Principe tem huma manifesta aversão ás pessoas doentes, não ha de hesitar em conceder-me huma licença; então vourei para Steinau, e o hymeneo será o meu primeiro cuidado.

— Isto he muito bem imaginado, lhe respondi; porém parece-me que para evitar a calumnia, e a malediçencia, seria mais conveniente

que Amelia até então ficasse em sua casa.

— Acaso pensais no que dizeis? » disse-me elle. E depois de eu lhe ter feito mais algumas reflexões, pareceo approvar o meu modo de vêr; com tudo accrescentou: « Quando se ama, he necessario deixar de parte semelhantes escrupulos, e saber fazer alguns sacrificios; huma delicadeza demasiado exagerada torna-se ridicula.

— Todavia he preciso convir, Senhor, lhe tornei, que a proposição pouco delicada que fizestes na vossa carta, foi huma experiencia muito pouco generosa.

— Fi-la de proposito, me respondeo o Barão; quando se quer sondar bem o coração de huma mulher, he necessario atacar arrebatadamente, e ao mesmo tempo com impressões agradaveis, e penosas sensações. Desta maneira não se lhe dá tempo de reflectir, e dá ella mesma a conhecer sem querer os seus verdadeiros sentimentos. »

Eu hia responder-lhe quando o criado veio dizer-lhe que o procuravaõ, e sahio repentinamente.

Desejando prevenir, se ainda fosse possível, a desgraça de minha prima, fui a toda a pressa a casa de minha tia.

Amelia sahio-me ao encontro com os olhos radiantes de alegria, exclamando: « Vamos para Steinau! » E a mãe accrescentou: « Para a casa de campo do meu genro.

— Desejo-vos huma feliz viagem, e lhes disse eu friamente. Agradeceão-me, e Amelia retirou-se para ir preparar as suas trouxas.

Aproveitei o instante em que estava só com minha tia, e disse-lhe: « Minha querida tia, vejo com muito desgosto esta partida precipitada. Não tendes a menor dúvida que o Barão confia na fraqueza da vossa idade, na pompa com que vos deslumbrará, e nos artificios que ha de saber empregar. Mãe enganada, enganades vós mesma, sem a minima desconfiança, sacrificar vossa unica fi-

lha, o objecto da vossa ternura, e a causa da sua desgraça; o seu debilitação cansado do combate das paixões, entrega-se cégamente a huma funesta illusão, e fecha os ouvidos a todos os conselhos da providencia; muitas mães houve menos faceis que foram enganadas, e suas esperanças desvanecêraõ-se do modo mais horroroso. Ó minha tia! as paixões desenfreadas não respeitão nem deveres nem decencia; insultão as leis Divinas, e humanas. »

Ditas estas palavras, Amelia entrou, e a mãe disse com profundo sentimento: « Ah! meu rico sobrinho, eu sou do vosso parecer. Peço-vos que lhe faleis, e vejais se a podeis convencer. » E retirou-se deixando-nos sós.

Eu disse a Amelia tudo quanto me inspirava a mais terna amizade para fazer-lhe vêr o abysmo de desgraças em que hia precipitar-se. Pintei-lhe os funestos resultados de hum passo inconsiderado, que lhe não havia de deixar senão amargos remore-

...sos, e que havia de acabar pela
horrivel desesperaçã. Porém, pe
to que tivesse falado com todo o
lor que o mais vivo interesse me
pirava, o meu discurso não lhe
impressã nenhuma.

“ No teu lugar, meu querido
Henrique, me respondeo ella, talvez
fosse ainda mais severa. Perdoo
de muito boa vontade, porque
o desgosto que isto te causa...
Porém que remedio lhe hei de en
dar? O Baraõ assim o deseja; re
ga-nos, insta-nos.... Posso eu re
cusar decentemente huma proposi
çãõ taõ innocente de hum homem
que me ama ternamente, e a quem
hei de dever huma taõ brilhante for
tuna? Que me póde acontecer? Per
suade-te que não tenho menos vir
tude, e prudencia do que amor, e
que hei de saber resistir a todas as
tentações.

= Ó minha rica! a seducçãõ he
mais poderosa ainda, lhe respondeo
eu.

= Além de que isto não ha de

...ver senãõ por huns oito dias, ” tor-
no Amelia, arranjando a guarniçãõ
de hum vestido novo.

A mãi, tornando a entrar no
quarto, disse: “ Amelia, teu primo
tem :azaõ. Que dirá o mundo de si-
milhante viagem?

= Oh! digaõ o que quizerem,
respondeo Amelia; que nos importa
isso?

= Ah! se eu estivesse no teu
lugar, minha filha, eu renunciaria
a tal viagem. Henrique metteo-me
medo.

= Será o que quizerdes, ma-
man, ” respondeo Amelia em voz
baixa, e de máo humor, e olhando
para mim com ar irado, sahio.

No mesmo instante o Baraõ d’Es-
chen appareceo; aproximou-se de
mim com ar alegre, chamando-me
seu rico primo, e pareceo descon-
tente de que eu quizesse sahir.

Porém eu nenhuma vontade ti-
nha de ser por mais tempo testemu-
nha da seducçãõ de huma pessoa,
que estimava sinceramente, e cuja

desgraça eu deplorava. Não me acusando a minha consciencia de deixado de fazer quanto dependia de mim para impedi-la, soceguei e voltando para casa, jurei que primeiro romance que escrevesse havia de ser hum fiel espelho das fraquezas demasiado indulgentes das mãis, e da céga paixão de suas filhas.

No dia seguinte trouxe-me minha criada as chaves da casa, que minha tia lhe tinha entregado, partindo de madrugada. Recebi-as com amargo sorriso, e atirei-as com alguma força acima da minha escrivaninha. O motim que fizerao cahindo, retumbou na minha alma; parecia-me que acabavaõ de fechar para sempre as portas da paz, e da felicidade.

Para me distrahir destes dolorosos pensamentos, puz-me a escrever.

Continuação da historia de Angelo di Amone.

Havia algumas semanas que todos estavaõ occupados em Wildthal nos preparativos de huma festa, que a Princeza Augusta projectava dar no dia do nascimento de seu pai. Ella ahi foi hum dia que o Principe se havia ausentado para passar revista ás suas tropas. Visitando os trabalhos, observou, em hum canto solitario do parque, huma cabana de hum aspecto romantico; e tendo pedido informações, soube que o Marquez Angelo se tinha ahi estabelecido, e preferia este retiro aos mais bellos quartos do castello. Trazia a aia velha que a tinha acompanhado nas suas digressões, pediu licença de voltar ao castello para descansar, e levou consigo Madama Marcus que lhes tinha ido mostrar os trabalhos. Entaõ a Princeza achando-se só, entregou-se com transporte ao gosto de tornar a vêr aquel-

les lugares, onde passára os primeiros annos da sua vida, e onde cada objecto lhe lembrava o amavel companheiro da sua infancia. Tornava a vêr os prados, aonde elle lhe apanhar flores, as arvores, a que elle trepava, a relva que fôra o theatro dos seus jogos infantís. Engolfada em hum meigo delirio que suas lembranças queridas lhe causavaõ, visitou todas as sendas de hum bosquesinho, quando de repente Angelo se offereceo a seus olhos. Assuetada com este inesperado encontro, soltou involuntariamente hum grito de surpresa, pronunciando o seu nome.

Angelo aproximou-se com ancia, e pondo hum joelho em terra diante della, declarou-lhe o seu amor nos mais apaixonados termos. A Princesa, extraordinariamente commovida, levantou-o córando, e cahio nos seus braços. Estava taõ commovida que não pôde proferir huma só palavra, e as suas lagrimas corrêraõ em abundancia.

Angelo, apertando-a com enthusiasmo ao seu coração, exclamou! Augusta, he neste momento que deveríamos morrer juntos; pois, ai da a felicidade a que o meu coração aspira....

= Porque não! tornou a Princesa; que poder teria bastante força para separar-nos? Nada poderia mudar os meus sentimentos, e o verdadeiro amor triunfa de todos os obstáculos.

= Que poderia eu atrever-me a esperar, ó minha bem amada? Posto que aparentado com a vossa familia, ha hum intervallo immenso entre nós, aos olhos do Principe vosso pai. O vosso nascimento destinou-vos a cingir huma Corôa; como ousaria hum ente obscuro como eu, aspirar á vossa mão?

= Angelo! vós sois o unico objecto do meu amor. Juro-o na presença daquelle Deos que lê no fundo do meu coração. Nunca serei victima da vaidade ou da politica. Re-

nuncio para sempre outra qualque uniãõ; e se necessario for, morrei fiel ao meu amor.

— E eu serei fiel até á sepultura, » exclamou Angelo com tranporte.

Neste instante sentiraõ o motivo de alguns trabalhadores que se aproximavaõ; Angelo, embriagado de amor, e felicidade, embrenhou-se no bosque, e a Princeza, igualmente feliz, voltou para o castello. Tãto a natureza lhe parecia aformoseada, os cantos dos passaros pareciam celebrar a sua felicidade, e os doces presentimentos de hum amor celeste penetravaõ o seu palpitante coração.

Entretanto a pobre Cecilia, triste, e infeliz, esperava sua ama no seu gabinete; e quando a Princeza entrou, ella logo conheceo, pela sua risonha, e alegre fysionomia, donde vinha. Esta vista aggravou a sua dôr, e arrancou-lhe algumas lagrimas dos olhos.

A Princeza, cujo sensivel cora-

ção estava naquelle momento penetrado dos mais ternos sentimentos, commoveo-se ao vêr o estado da pobre menina, e deixou-se cahir no seu sofã, dando alguns suspiros.

Cecilia, succumbindo aos seus tormentos, e não podendo conter por mais tempo a sua desesperaçãõ, cahio chorando aos pés da Princeza, e cobrio com ardentes beijos aquellas mãos, e aquelles braços, que acabavaõ de abraçar o objecto da sua desgraçada paixãõ.

« Que fazes, Cecilia? disse a Princeza levantando-a.
— Alegro-me com a vossa felicidade.

— Cecilia, pelo amor de Deos, torna a ti, muito me afflijo de vêr-te em semelhante estado.

— Ah! Senhora, não deixa de haver nelle alguma doçura, disse Cecilia suspirando.

— Elle dá demasiado a conhecer o segredo do teu coração, respondeo a Princeza.

— Oh! em breve, em breve tu-

do estará acabado. Não o disseim-
larei. Sim! amava-o, adorava-o...
Porém renuncio a elle para sempre.
Ah! quão feliz he aquella que he
objecto do seu amor!

= Conhecês-la, Cecilia?

= Princeza, lançaí os olhos
este espelho.

= Cecilia!

= Ah! minha bemfeitora, huma
felicidade como a vossa não poderia
occultar-se.

= Pobre menina! a tua dôr não
se disfarça melhor. Eu quizera cu-
rar-te dos teus tormentos.

= Ah! só a morte seria capaz
disto.

= Não, minha rica, não penses
em morrer, afasta-te antes daqui.
Dizem que o tempo, e a ausencia
he remedio dos maiores males....
He preciso separar-nos.... Cecilia,
foge destes sitios!

= Ainda não ha muito tempo
que me promettestes que havia de
ficar comvosco. Ó Princeza! appello
para a vossa sagrada palavra.

= Tu acharás hum partido conve-
niente á tua condiçãõ que te ha de
fazer feliz, e eu sempre hei de ser
tua protectora, tua amiga.... Meu
pai, a rogos meus, te cumulará de
beneficios; mas he necessario que
partas, não podes ficar aqui, infe-
liz creatura.

= Ah! bem infeliz, ” repetio
Cecilia com huma expressãõ que cor-
tava o coração; e cahio quasi sem
sentidos no chaõ.

A Princeza consternada levan-
tou-a, e apertando-a ao seu coração
banhou-a de lagrimas. Logo que Ce-
cilia tornou a si, continuou:
” Cecilia, disso depende a tua
vida, e a tua tranquillidade! nova-
mente to rogo, afasta-te, deixa es-
tes lugares.

= Ah! sim, Senhora; talvez
ainda hoje acabe com os meus tor-
mentos, exclamou Cecilia com huma
dôr concentrada.

= Que ousas dizer, infeliz me-
nina? replicou a Princeza. Não es-
queças que a vida nos impõe deve-

(124)

res, e no outro mundo hum
Juiz nos espera.... Recobra a
razaõ, minha filha, irás para
de minha tia a quem te recomen-
darei. He huma Senhora respeitavel
e sensivel, que te receberá com
zade, e benevolencia.

= He pois assim que os Principes
esquecem as suas promessas? Ah!
nhora, se me despedirdes, quem me
livrará de entregar-me á desespera-
çaõ. Durante o tempo que estive
tes em Wildthal, os meus olhos
guiaõ o curso do rio que corre
baixo das vossas janellas, e as suas
pacificas ondas convidavaõ-me ao
descanso. Ah! alli he que está
meu ultimo asylo.

= Cecilia, socega! quanto te
lastimo! a tua pallida fronte está
em braza, a tua respiração opprimida,
e os teus labios descórados! tremem
como n'hum accesso de febre.
Estás muito doente....

= Ah! demasiado o sinto, res-
pondeo Cecilia suspirando profunda-
mente, e apertando as mãos da Prin-
ceza ao seu coração.

(125)

= Socega, minha filha, d'ora
em diante has de dormir na minha
cama. Tranquillisa-te, e con-
fiamos no teu Anjo da guarda; porém
jura em nome de tudo o que tens de
mais caro, e em nome de tudo quan-
to ha de santo, e de sagrado, que não
has de attentar contra os teus dias,
nem te anticiparás ao teu destino.

= Juro-o! disse Cecilia soluçan-
do. Sim, soffrerei com resignação
como os Santos Martyres, e como
elles adorarei no meio das chammas
a Providencia, ainda que ella me
dilacere o coração.

A Princeza exaltou-se ao ouvir
esta exclamação, e falou com en-
thusiasmo daquelles heróes da Fé;
do infinito, e paternal poder de Deos;
do ineffavel amor de seu Divino Fi-
lho, e das consolações que a Reli-
gião offerece ás almas afflictas, e
atribuladas. Estas piedosas reflexões
forão insensivelmente mitigando a
desesperação da infeliz Cecilia, e
infundirão hum balsamo salutar nas
chagas do seu coração ulcerado.

(126)

A Princeza, extraordinariamente agitada, não fechou os olhos em toda a noite, e várias vezes foi á ponta dos pés á antecamara para salvar Cecilia. Vio-a sepultada no somno, e o suave, e celestissimo, que reinava nos seus labios, e nos seus olhos, parecia-lhe um annuncio de hum feliz sereno, que transportava a sua alma á região da Eternidade, onde Anjo debaixo da fórma de Angelo lhe apresentava a immortal palma.

Entretanto Angelo, inteiramente restabelecido, tratou de recolher-se logo á cidade, para saber as circumstancias que acompanháraõ os ultimos instantes de Madama de Hal-len, e levar o tributo dos seus pes-sares, e das suas lagrimas ao túmulo da sua digna bemfeitora. Entrou cedo em casa de Ulrique, que o recebeu mais amigavelmente do que costumava, e debulhou-se em lagrimas. Angelo tomou mui sinceramente parte na sua dôr, e contentou-se em plorar, derramando lagrimas, o retrato daquella respeitavel Senhora.

(127)

Ah! disse Ulrique suspirando, não sabemos apreciar bem as pes-sadas senão depois que as perdemos! chorando encostou a cabeça sobre o hombro de Angelo.

Lembrou-se de mim nos seus ultimos momentos? perguntou elle.

— Ella já não existia quando me forão chamar ao castello, respon-deo-lhe Ulrique. A Princeza tem-me tamanho odio, que eu não tive animo de pedir-lhe licença para retirar-me. Via-me obrigada a fazer o meu papel na Côrte, em quanto minha pobre mãe estava na agonia.

— Augusta não póde adivinhar, replicou Angelo.

— He grande fortuna para mim, exclamou Ulrique com azedume! Poderem passemos a objectos menos desagradaveis. Eis huma carta para vós que se achou entre os papeis de minha pobre mãe. »

Pegou elle nella com alvoroço, aproximou-se da janella, abriu-a, e lêo o que se segue :

« Sinto que as minhas forças
 » cada vez a menos, e em breve, me
 » querido Angelo, irei juntar-me com
 » tua mãe, que me precedeo na
 » rada dos Bemaventurados. Dir-lhe
 » hei que o filho do seu amor he o
 » mais nobre, e o mais excellentede
 » homens. Ó meu filho adoptivo, e
 » tambem sou mãe como ella! por
 » deixando este mundo deixo hum
 » filha desamparada. Se não pôdes
 » ser seu esposo, ao menos se seu
 » irmão! A minha ternura dá-te di-
 » reitos a que o sejas, e talvez te
 » faça disso hum dever. Conto com
 » o teu reconhecimento, e imploro
 » sobre ti a benção do Ente Infi-
 » to perante o qual vou compare-
 » cer. »

Elle deo a carta a Ulrique, que
 lha restituio depois de a ter lido.

« Então! que pensais disto, lhe
 disse Angelo.

= Que minha mãe vos não co-
 nheceo, visto que confia no vosso
 reconhecimento.

= Ella não se enganou.
 = Realmente? disse Ulrique com

= Desde já sois minha irmãa.
 = Que excesso de bondade!
 = Despresastes-me quando vos
 offereci a minha mãe; porém agora
 espero que não me haveis de recu-
 sar o nome de irmão.
 = Eu despresei a vossa mãe?
 quando he que vos dignastes fazer-
 me alguma proposição a este respei-
 to?

= Neste mesmo lugar. A vossa
 memoria he menos fiel do que eu re-
 ceava. No dia em que voltastes dos
 banhos com vossa respeitavel mãe....
 = Ah! sim, agora me lembro...

Naquelle dia dissestes-me algumas
 cousas vagas com hum ar bastante
 carraneudo, e julgastes animar a
 minha timidez com o presente de al-
 guns diamantes; e sem esperar a mi-
 nha resposta, fostes-vos embora. Des-
 de então o vosso comportamento pa-
 ra comigo, não foi de natureza que
 pudesse unir-nos. Mas basta... não

(130)
falemos mais nisso... Além de
a bella Princeza digna-se offerer
me hum quarto no castello...
almas generosas, quanto reconhecimen-
to vos devo!

= Sem dúvida não deixareis de
acceitar esse quarto?
= Sim, para faze-la enraivecer
eu serei o anjo do vosso amor!

= Como, Ulrique, do nosso
amor! Que quereis dizer com isso?

= Falo do vosso amor, e do de
Augusta. Sim; eu serei o vosso an-
jo, mas talvez hum anjo máo. Hum
dia vos ouvi dizer, em Wildthal, que
vossa amante, que as contrariedades
tornavaõ-se em huma fonte de
felicidade para as almas puras.

= Ulrique, olhai, vêde este re-
trato de vossa digna mãe, disse An-
gelo com as faces inundadas de lagri-
mas. »

Então Ulrique collocou-se defron-
te do retrato, e exclamou com amara-
gura: « Minha mãe! Eis o engeita-
do a quem querias sacrificar a tua
filha, e cuja intriga me banio do teu
maternal coração. »

(131)
Angelo penetrado de indignação,
de dôr, lançou-se de joelhos dian-
te da imagem da sua respeitavel a-
miga, e com as mãos juntas exclamou:
« Ó tu! que do alto dos Ceos
vistes os olhos em mim, tu bem sa-
bes se jámais fui capaz disso... »
= Miseravel comico! » disse
Ulrique olhando para elle com
indignação. Esahio furiosa do quar-
to.

Angelo demorou-se ainda algum
tempo de joelhos diante daquelle re-
trato que parecia sorrir-se-lhe, e es-
ta vista restituiu o socego á sua al-
ma agitada. Esqueceo Ulrique, e
os seus arrebatamentos, e voltou pa-
ra casa com o coração traspassado
da perda daquelle digna protectora
da sua infancia, a quem tributou
ainda por muito tempo sinceras la-
grimas.

No dia dos annos do Principe
huma infinidade de seges de toda a
especie, cavalleiros, e peões, cobriaõ
a estrada de Wildthal. Era huma
grande familia de cidadãos de

todas as classes que hiaõ celebrava a festa de seu pai commum. O prazer e a alegria reinavaõ em todos os pontos.

Porém a Princeza Augusta ainda estava no seu toucador, e Cecilia ajudava-a a vestir-se.

— « Achas que estou assim bonito? » perguntou a Princeza com modo favel.

— Quanto ha de ficar encantado de vos vêr assim! replicou Cecilia dando hum beijo no pescoço da Princeza.

— Preciso pôr ainda alguma coisa no rosto, disse esta com timidez; assim he necessario para apparecer no meio de tantas luzes.

— Isso seria querer dar cor a huma rosa, observou Cecilia.

— Pois entãõ, vou fazer-te outro tanto, » replicou a Princeza brincando; e pegando no vidro do arrebique, pintou as pallidas faces de Cecilia. A pobre menina prestou-se a esta brincadeira com hum tímido rubor, e a Princeza não se fariõ

de admirar quanto este colorido realçava a brancura da sua linda pelle, e quanta vivacidade dava á graça virginal do seu rosto.

No mesmo instante a aia entrou para annunciar que as seges estavaõ promptas. As damas partíraõ; e a pobre Cecilia, ficando sósinha no seu gabinete, de novo se entregava aos seus melancolicos pensamentos,

quando hum criado lhe veio annunciar a chegada do guarda-roupa seu tio. Este entrou indeciso no quarto da Princeza, e dirigindo-se a Cecilia, disse-lhe em voz baixa: « Mi-

nha menina, eu tinha feito tenção de divertir-te hoje..... Queria levar-te á festa de Wildthal. Porém

ha tres horas que ando a procurar huma sege.... Estou alagado em suor.... e não pude achar nenhuma.

Tudo se alugou, até as carroças públicas. Eu tinha contado com hum carrinho das estrebarias da Côrte, porém o senhor estribeiro recusou-mo positivamente.

— Como pôde o Marquez di

Amone recusar-volo tambem? disse Cecilia rindo.

= Ah! ingrato! replicou o gualda-roupa. Respondeo-me de serviço e que não estando eu de serviço Wildthal, nenhum direito tinha a huma sege da Côrte. Fiz-lhe observar que era para levar lá minha brinha, criada de Sua Alteza. Ainda menos, me respondeo elle voltando-me as costas.

= Ainda menos!... repetio ella com dôr, mas em fim tendes huma occasiaõ.

= Tenho effectivamente humas... mas... mas... da minha parte eu não faço caso disso....

= Ainda que fosse hum carro, não importa, exclamou Cecilia pergando no seu chale; vamos, meu tio! mandai chegar a sege.

= Devagar, minha filha, replicou elle dando-lhe o braço! A sege espera-nos na barreira, porque morariaõ de nós na cidade se nos vissem dentro della.

= Elle não quiz que eu lá fos-

disse Cecilia comsigo; a mesma Princeza tambem não me falou outro quando recusei ir com as suas outras criadas. Ah! não querem que eu os veja.... Pois hei de ir contra vontade delles....

Assim delirando, aproximáraõ-se da barreira, onde Cecilia vio com espanto huma sege de enterro, pintada de preto, e puxada por dous cavallos que não tinhaõ senão pelle, e ossos.

Ó meu tio, que feliz lembrança, exclamou Cecilia abraçando-o, escolheste melhor do que penseis!

Ajudou-a elle a subir, e sentando-se ao seu lado, disse: « Deos seja louvado! estamos em caminho. Ao menos não receamos que estes cavallos tomem o freio nos dentes; e se caminhamos mais vagarosamente, tambem a festa sabe-nos mais barata. Sim, sim, meus senhores, podeis rir quanto quizerdes, gritava elle aos que hiaõ passando, havemos

de chegar tão bem como vós; e quando for noite ninguém distinguia a diferença das nossas equipagens.

Todavia o numero dos motejadores hia crescendo a todos os momentos em torno do fúnebre carro, e todos os que passavaõ zombavaõ da grotesca equipagem, em quanto ella ma duzia de garotos jogavaõ ao ar co porfiando para subir á trazeira. Cecilia confusa estava agachada em hum canto da sege, o tio blasfemava, e praguejava á direita, e á esquerda, e o boleeiro espancava os pobres sendeiros sem poder de modo nenhum faze-los trotar.

Havia muitos annos que esses pobres, e pacificos animaes não faziaõ outra carreira, senão a do cemiterio visinho, e este longo habito tinha-os inhabilitado para qualquer outro emprego. Tinhaõ-se acostumado a andarem a passo lento, até certa encruzilhada, e d'ahi a trote até o cemiterio. Quando chegáraõ a esse lugar conhecido, começáraõ a trotar, e o tio contentissimo dizia que nun-

ca se devia desesperar de cousa nenhuma, e fazia o elogio da sua equipagem, quando paráraõ de repente. Cecilia deitando a cabeça pela portinhola, estremeceo vendo que estavaõ á porta da entrada do cemiterio, e que nem os gritos, nem as pancadas do boleeiro, os faziaõ andar para diante.

Atemorisada com estes sinistros presentimentos, ainda o ficou muito mais quando lançou os olhos ao cemiterio vio hum coveiro occupado em abrir huma cova. Entaõ já não duvidou que este acontecimento não fosse agouro de huma proxima morte. Seu tio estremeceo quando elle lhe propôz que se apeassem. Nunca se tinha aproximado de hum cemiterio sem lhe tremer todo o corpo, e a morte era a seus olhos o que havia de mais horrivel. Elle teimava com o boleeiro para que tornasse a metter os cavallo no caminho de Wildthal; porém este representou-lhe que elles nunca lá iriaõ, e que seria mais facil deixarem-se matar;

(138)
que assim o unico partido que
restava era voltar para casa. Logo
que os cavallos ouviraõ estas palavras
que os conheciaõ taõ bem, voltaraõ
que conheciaõ taõ bem, voltaraõ
espontaneamente, e tomaraõ o
minho da cidade. O guarda-roupa
sahio da sege espumando com resignação
e Cecilia seguio-o com resignação.
Logo que a sege se achou alliviada
desappareceo a trote; Cecilia se-
guio-a com os olhos, e disse consi-
go suspirando: " Assim he que
hum dia haõ de voltar da minha pa-
cifica sepultura, e talvez que ainda
me consagrem algumas lagrimas; obli-
qu岸os corações traspassados de dor
naõ terá já esta sege levado ao lu-
gar do eterno descanso!

— Isto he huma aventura diabo-
lica, exclamou o guarda-roupa. Va-
mos, minha menina, he necessario
resolver-nos a irmos a pé. "

Cecilia olhou para elle com ar
supplicante, e disse-lhe: " Visto
que aqui estamos, meu tio, veja-
mos estes monumentos. "

E entrou no cemiterio.

(139)
Deos me livre de tal, exclamou
elle tapando os olhos com as
mãos! nessa naõ cáio eu. "
Porém Cecilia aproximou-se do
coveiro dizendo-lhe: " Meu amigo,
se o lugar junto daquelle antigo ala-
mo esta ainda livre, guardai-o para
mim. "

O coveiro sem interromper o seu
trabalho respondeo-lhe: " Naõ gra-
cejeis, minha Senhora, tenho enter-
rado algumas mais moças do que vós.
Grande numero de desposados aqui
descansão, e dormem na sua paci-
fica morada; aqui os mais infelizes
corações deixaõ de soffrer

— Dormem pacificamente, e dei-
xaõ de soffrer! repetio Cecilia. " E
os seus olhos animados com o presen-
timento da immortalidade, contem-
plaraõ com ceeste expressaõ todos
aquelles tumulos.

" Vamos, minha sobrinha, dei-
xemos este sitio de terror, " disse
o tio puxando-a pelo braço. E le-
vou-a para a estrada de Wildthal.

Abysmada em huma profunda

(140)
meditação sobre a desgraça da
funesta sorte, Cecilia não pen-
sava na morte, que lhe parecia
o unico termo dos seus tormentos.
Entretanto chegára a Wildthal, e
distrahida dos seus tristes pensa-
mentos pela apparição de algumas
soas do seu conhecimento, que a
deára, e se regosijára de vê-la.
Acertou Angelo de passar. En-
tos aqui, Senhor Marquez, disse
guarda-roupa, porém a pé, a pé,
estou muito cansado.

= Ah! eis-vos-ahi, » responde
Angelo sem parar. E voltando-se pa-
ra Cecilia que abaixava os olhos co-
rando, disse-lhe: « Sêde bem vin-
da. Que bellas côres que tendes.
Nunca vos vi taõ rosada.... »

= Foi ella que me deo estas cô-
res, » respondeo Cecilia. E no mes-
mo instante enxugou as faces com
o seu lenço.

« Augusta fala da vossa pessoa
com enthusiasmo, continuou An-
gelo.

= E eu adoro-a como a huma

(141)
divindade, » lhe respondeo Cecilia.
Angelo hia continuar, porém se-
parou-os o tropel da gente. Várias
damas da Côrte aproximáraõ-se de
Angelo, e dando-lhe os parabens
do seu restabelecimento, apoderá-
raõ-se delle para darem hum passeio
pelo parque.

Cecilia voltou-se para dar o bra-
ço a seu tio; porém elle tinha des-
apparecido. Precisando elle de to-
mar algum refresco depois de huma
caminhada como a que déra, tinha
ido ter com o seu amigo chefe da
cosinha. Entretanto Madama Mar-
cus veio ter com ella, e fez-lhe mil
caricias. Levou-a ao parque para
passarem; e debaixo do pretexto
de lhe mostrar as novas plantações,
levou-a insensivelmente ás margens
de hum lago, no meio do qual se
elevava em fórma de ilha huma ca-
sa de banhos, que huma elegante
ponte chinesa communicava com a
praia.

O suave murmúrio das ondas que
banhavaõ as praias, e a doce vira-

ção que brandamente açoitava os flexiveis ramos dos chardões, estalando naquelle sitio solitario um encanto pacifico que penetrava a alma de Cecilia. Porém levada a curiosidade que as brilhantes decorações de Madama Marcus haviam excitado, desejou vêr o interior do pavilhão. Depois de ter atravessado a ponte, e passado por huma pequena antecâmara, chegou a huma sala octogona, adornada com a mais nobre elegancia. Porém apenas havia entrado quando a porta se fechou repentinamente. Fez baldados esforços para torna-la a abrir; apegando das suas lagrimas, e dos seus gritos, ahi ficou presa.

No mesmo instante Angelo sahio do bosque, e chegando-se para Madama Marcus, que passeava vagarosamente á sombra das arvores, e olhava furtivamente para o pavilhão, exclamou com vivacidade: « Onde está Cecilia? »

— Eu não sei, Senhor Marquez, elle respondeo ella córando.

— Entretanto ha só hum instantão que estava convosco; que foi isto della?

— Perdi-a de vista no meio da multidão, disse Madama Marcus. — Não ha aqui multidão nenhuma, miseravel intrigante; confessa-me, onde ella está? exclamou Angelo furioso.

Madama Marcus bradava por socorro, e debalde forcejava para tirar o braço que elle segurava com força; porém Angelo continuou: « Não te largo de modo algum; falla, quando não precipito-te dentro do lago. »

— Oh! meu Deos! foi tomar hum banho, » respondeo Madama Marcus balbuciando. E arrancando-se das suas mãos fugio para o bosque.

Angelo furioso encaminhou-se ao pavilhão.

Alguns instantes depois, a Princesa, acompanhada de algumas das damas do seu sequito, chegou ás margens do lago. Encantadas da bel-

(144)

leza do sitio, e da agradavel liberdade que reinava, varias damas propuzeraõ aproveitar a occasião para se banharem. Porém a prudente que se oppoz a isso, e provou-lhes que isto não podia fazer-se decentemente em hum dia semelhante, e que a idéa disso era bastante para fazer-lhe subir o rubor ao rosto.

De repente a Princeza, e todas as damas deraõ hum grito de terror. Angelo, pallido, e desgrenhado, com o rosto coberto de sangue, e com huma espada desembainhada, e tinta de sangue, sahio do pavilhão como hum furibundo, e sem dar pela presença das damas embrenhou-se na espessura do bosque. A Princeza summamente aterrada, esquecendo-se da sua graduação, e da etiqueta, principiou a correr atraz dele pelo mesmo caminho; porém já tinha desaparecido. Em breve as outras damas chegáraõ huma após outra; e por fim chegou a aia estafada, e sem poder respirar, e reprehendeo a Princeza da sua impru-

(145)

dencia. Porém esta abraçou-a ternamente pedindo-lhe perdão, e attribuiu a sua inconsideração a hum movimento de curiosidade. As damas fizeram mutuamente infinitas perguntas, a que nenhuma dellas podia responder positivamente. Humas, assim como a Princeza, sustentavaõ ter visto a Angelo, e outras não o tinhaõ reconhecido; taõ repentina havia sido aquella apparição. Convieraõ que o meio mais seguro era entrar no pavilhão; porém nenhuma dellas se atrevia a fazer-lo.

Em quanto estavaõ discorrendo acerca daquelle estranho acontecimento, Angelo appareceo. A sua fisionomia estava serena, e aproximou-se das damas sorrindo-se, e mostrando huma agradavel surpresa de encontra-las em hum lugar taõ solitario.

« Que vos aconteceu? perguntou a Princeza fitando os olhos alternativamente na sua espada que estava embainhada, e em algumas go-

(146)
tas de sangue que havia nos
vestidos.

= He necessario que algum
nio diabolico habite naquelle pa-
lhaõ, accrescentou a aia.

= Oh! não era senão hum
cego, » respondeo Angelo a rir.

Forão interrompidos por hum pa-
gem, que veio convidar as damas
a voltarem para o castello.

Depois da Princeza ter chegado
servio-se o jantar. No mesmo instan-
te em que se sentáraõ á meza hum
Camarista veio dizer algumas pala-
vras ao ouvido do Principe, que fran-
zio a testa, e deo mostras de gran-
de descontentamento.

A aia perguntou sollicita se ha-
via alguma noticia desagradavel. Po-
rém o Principe, affectando serenida-
de, respondeo com ar affavel: « Não,
Senhora; em toda a parte reina a
mais perfeita harmonia. »

A Princeza Augusta, sentada em
frente de Angelo, não cessava de
observa-lo. Porém elle evitava que
seus olhos se encontrassem com os

(147)
della, e parecia estar occupado a
entreter as Senhoras que estavaõ sen-
tadas ao seu lado. Com tudo ella fa-
zendo de alguma secreta agitaçãõ,
que se esforçava em occultar.

Quando a musica principiou, e
o motim dos instrumentos permittio
que se falasse hum pouco mais alto
sem ser ouvido, a Princeza fitou os
olhos em Angelo, e disse-lhe com
muita precipitaçãõ: « Dizei-me a
verdade. » Angelo respondeo: « Sa-
be-la-heis esta noite. » E dando hum
profundo suspiro, levantou os olhos
ao Ceo.

Hum instante depois ella conti-
nuou: « Sem dúvida algum desgra-
çado acontecimento? Vi signaes de
sangue. » Elle respondeo-lhe sorrin-
do-se: « Era hum morcego. »

A Princeza estava na maior im-
paciencia; porém não ousava expli-
car-se mais, com receio de ser ob-
servada, e esperou com ancia o fim
do jantar. Em fim chegou aquelle
tão desejado momento, e vanta-

do-se o Principe da meza, espantando-a a occasião de conversar hum tanto com Angelo. Porém elle não se desapparecido no mesmo instante em que se levantáraõ da meza; e apesar das repetidas perguntas que ella, e as damas do seu sequito fizeram aos criados, e a toda a gente do palacio, nada se pôde saber de elle; pessoa nenhuma o tinha visto.

Tendo principiado o jogo, notou-se a ausencia de Angelo, que na vespera havia sido condecorado com a chave de Camarista, e a quem o seu lugar obrigava a estar no sequito da Princeza. Esta, naturalmente soberba, viva, e incapaz de supportar com paciencia huma falta de attenção, ficou taõ injuriada com a apparente negligencia do Marquez, como sollicita do que lhe teria acontecido. Queixava-se disto á aia com máo humor, dizendo: « O Senhor Camarista não tem agora tantas attensões como tinha quando não era senaõ pagem; peço-vos que lhe digais quanto pesar isto me causa. »

— Oh! ha de me ouvir, respondendo a aia, o caso está em que o não encontro. »
 Acertando o Principe de passar perto dellas, ouviu huma parte da conversação, e disse a sua filha: « He preciso perdoar-lhe; fui eu que o encarreguei de huma commissão. »

Ella inclinou a cabeça, e voltando-se para a aia com o rubor nas faces, disse-lhe ao ouvido: « Se assim he, peço-vos que lhe não faleis em cousa alguma. »

— He com tudo necessario que elle aprenda a não faltar ao seu dever, e ao menos devêra ter prevenido Vossa Alteza.

— Não, não, minha rica, ralhai antes comigo, porque fui eu que tive a culpa. »

Dizendo estas palavras foi sentar-se ao jogo, e cansou com as suas contínuas distracções a paciencia daquelles que jogavaõ com ella.

Em breve se ouviraõ os gritos de alegria da multidão; brilhantes orquestras acompanhavaõ os hymnos

(150)
que celebravaõ os annos do Princepe. Muitas jovens meninas, vestidas de branco, vieraõ offerecer-lhe ramalhetes, e hum grande numero de mancebos lhe apresentáraõ hum feixe de trigo rodeado de ramos de oliveira.

Parecia com tudo que na festa havia alguma falta de ordem, porque a Princeza, que se havia encarregado da direcção della, estava distrahida, e preoccupada de tristes pensamentos. Todavia o bom Principe enternecido com os sentimentos que lhe manifestavaõ os seus feis subditos, apreciou a boa vontade, e pareceo estar muito satisfeito.

Logo que anoiteceo, a Princeza deo a mão a seu pai, e conduzio-o á varanda. Apenas appareceo, logo mil vozes saudáraõ o digno Soberano. O parque ricamente illuminado, apresentava o mais lindo aspecto. Os fogos de artificio substituaõ a claridade do dia, e no centro brilhava o nome do Principe, cer-

(151)
cado de huma aureola de chammas. Em quanto a multidão seguia ávidamente com os olhos o vôo dos foguetes que se perdiaõ nos ares, as almas sensiveis contemplaõ com transporte a linda Princeza, que similhante a hum espirito celeste, estava radiante de graça, e formosura ao lado do pai da patria.

Quando as girandolas subíraõ ao ar acompanhadas do estrondo da artilleria, e dos tangeres de huma musica guerreira, as acclamações de todos os espectadores saudáraõ a Princeza Augusta; e o pai vivamente commovido, abraçou-a com huma ternura paternal.

Depois da festa acabada, a Princeza cansada dos trabalhos do dia, e consumida de inquietações, voltou com seu pai para a sua residencia.

Chegando ao seu quarto, entregou-se sem constrangimento ao sentimento da sua dôr; e quando Cecilia procurou distrahi-la, disse que estava morrendo com somno.

« Ah! Senhora, replicou Ceci-

(152)
lia, eu tenho meios de afugentá-
somno.

= Estiveste em Wildthal? e
te vi, tornou a Princeza com ar
rancudo.

= Sim, Senhora, tinheis-me de-
do licença; meu tio levou-me com-
sigo.

= Eu disse te que fosses lá com
as minhas criadas. Não gosto que
vás com o guarda-roupa; a aia ha-
de te reprehender disto.... Mas
a proposito!.... viste-o? Falaste-
lhe?

= Sim, Senhora, antes, e de-
pois do jantar.

= Elle desapareceo sahindo do
jantar. O Principe disse-me que o
havia encarregado de huma commis-
saõ.

= Ah! a sua ausencia ha de ser
comprida, replicou Cecilia; elle re-
cebeo ordem para partir ámanhã,
e a sua viagem ha de ser dilatada.

= Oh! meu Deos! exclamou a
Princeza, he possivel?

= E o Principe Carlos....

(153)
= Ah! sim! meu irmão mais
= Elle não appareceo ao jantar.

= Deos meu! disse a Princeza
consternada! entãõ não me enganá-
rão os meus sinistros presentimen-
tos.... Cecilia fala, eu to peço; tu
estás iniciada no segredo.... foi de
ti.... de ti que elle o confiou.

= Sim, Senhora, elle não tinha
outro meio de o fazer chegar ao vos-
so conhecimento.

= Queres dar-te importancia,
Cecilia!

= Ralhai sempre, Senhora; a
noite não se ha de passar sem que
me façais justiça.

= Entãõ fala; que sabes?

= O Principe Carlos não cessa
de perseguir-me com o seu amor...

= Já mo repetiste vinte vezes;
socega, minha rica, a dignidade que
a innocencia dá, basta para te guar-
dar de tão ridiculas perseguições.

= Nem sempre he assim, Se-
nhora, principalmente quando hu-
ma intrigante infame toma parte nis-
so.

(154)
= Quem poderia atrever-se a perguntou a Princeza.

= Foi Madama Marcus. Ah! se o seu infernal plano tivesse vingado, eu houvera sepultado a minha vergonha no lago.

= Assustas-me.

= Ah! Senhora, ainda estremeço só com a lembrança do que podia acontecer. Debaixo do pretexto de ir dar hum passeio levou-me insensivelmente para junto do pavilhão dos banhos. A descripção que me fez da sua interior elegancia excitou a minha curiosidade; ella abriu-o com a chave que tinha arranjado para esse effeito, e entrei. Porém apenas tinha entrado quando a porta se fechou immediatamente, e ao mesmo tempo vi apparecer o Principe Carlos que sahio de hum gabinete visinho. . . . Em vão gritei por soccorro; ninguem me ouviu, e a pesar dos esforços que fiz não pude abrir a porta. . . . As palavras indecenas, e a temeridade do Principe assaz me provavaõ que queria per-

(155)
der-me. . . . Corri a huma janella, firmemente decidida a precipitar-me no lago. . . . porém elle segurou-me, e quiz empregar a violencia. . . . No mesmo instante a porta abriu-se com estrondo, e Angelo entrou subitamente como hum anjo libertador; e aproximando-se do Principe, perguntou-lhe com que direito queria insultar huma pessoa por quem elle se interessava.

“ Retirai-vos, exclamou o Principe lançando mão da sua espada. = Sahi vós mesmo daqui, lhe respondo pelo resultado. ” O Principe furioso insultou-o. Lancei-me no meio delles, porém Angelo repellio-me. Sahiraõ ambos exasperados, e logo ouvi o tinido das espadas. . . . Oh! eu estava em huma terrivel situação.

= Pobre menina! faço idéa do estado em que devias estar, ” disse a Princeza suspirando. E Cecilia continuou: “ A este motim succedeo o maior silencio. Entaõ tomei ani-

(156)

mo, e sahindo, não vi senão raa
de sangue até á entrada do bosque
dirigi-me ao castello por hum cam
inho desviado, e ahi encontrei ma
tio, e pedi-lhe que fosse partici
lo ao Marquez Angelo. O Principe
Carlos não appareceo ao jantar, pre
textando huma indisposição. Logo
que se levantáraõ da meza, o Mar
quez entrou em hum gabinete com o
Principe vosso pai, e relatou-lhe fiel
mente o que se havia passado.

= De que modo Angelo teve co
nhecimento daquella trama?

= Sem dúvida elle mesmo vo-lo
dirá.

= E acabas de dizer que deve
partir.... Oh, nunca! nunca!

= Recebeo ordem positiva de se
ausentar ámanhã ao romper do dia.
Angelo depois de ter referido exa
ctamente o acontecimento, o Prin
cipe disse-lhe: « Estais feridos am
bos: meu filho no braço, porém vós
no coração, e esta ferida he mais
perigosa. Ausentai-vos, e ignorarei
tudo. Se quizesseis ficar obrigar-me-

(157)

hieis a empregar medidas mais rigo
rosas. Porém, Senhora, elle vos re
ferirá isto tudo mais particularmen
ta.

= Como queres tu que elle me
zale? não me vê senão na presença
das damas. Ah! estou inconsolavel!
= He necessario que vos vejais
sós.

= Nunca isto ha de ser possi
vel.
= Atrever-vos-hieis a faze-lo,
Senhora?

= Porque não, sendo a huma
hora conveniente?

= Para huma alma pura tudo
he sem perigo; só o podereis vêr
de noite.

= Porém tu expões-te, disse a
Princeza córando.

= Que não farei eu por vossa
causa, e pela causa daquelle que
foi o salvador da minha innocencia?
Ah! Senhora, desde aquelle mo
mento decisivo, o meu coração só
he accessivel a hum eterno reconhe
cimento.

= Alma (158)

ro-te; porém, minha rica, não posso supportar a idéa de que Angelo se ausente; he preciso que fique

= Elle não se atreveria a deixar Senhora: as ordens do Principe são muito positivas; e se ficasse, a mesma liberdade correria risco.

= He necessario que eu ainda o veja, custe o que custar....

= Encarrego-me disso sem hesitar....; mas, Senhora, reflecte bem primeiramente, a fim que tu não tardio arrependimento não seja causa de que se queixem de mim.

= Oh! Cecilia, nada tens que recear da minha parte.... Adquireres para sempre direitos ao meu reconhecimento.... Não lhe quero falar senão hum instante, e tu ficarás na antecamara.

= Senhora, respondeo Cecilia, terieis animo para recebe-lo neste mesmo instante?

= Como, exclamou a Princeza espantada, como seria isto possível! Agora já mudei de vestido, e não

(159)

poderia apresentar-me assim diante de hum homem.

= Que importa o vestido? elle nunca vos vio senão em trajos ricos; mais formosa lhe haveis de parecer ainda com este vestido caseiro.

= Estás brincando, querida Cecilia, seria impossivel que a esta hora elle penetrasse no interior do palacio.

= Ó Senhora, de que não he capaz hum vivo reconhecimento? replicou Cecilia. E proferidas estas palavras bateo com as mãos.

No mesmo instante a porta do gabinete abre-se repentinamente, e Angelo cahe aos pés da Princeza.

Cecilia suspirando retirou-se para a antecamara.

A Princeza tal espanto teve com esta inesperada appareção, que ficou immóvel, e só passados alguns instantes he que se lembrou de o levantar. Até então não se tinhaõ visto senão opprimidos da etiqueta, e na presença de importunas testemunhas; e era a primeira vez que

livres de todo o constrangimento, entregavaõ á ventura de se amar, e falarem do seu amor. Naquelle momento de felicidade, de tudo se esquecêraõ, e não se lembrãõ da partida do Principe, nem da proxima partida, nem do perigo da sua linda posição.

— Todavia a pobre Cecilia, quando ouvia de fóra da porta senão os seus abraços, e ternos suspiros, soffria inexplicaveis tormentos, e esteve a ponto de arrepender-se do seu demasiado generoso sacrificio; o valor heroico que hum sentimento exaltado de reconhecimento lhe havia inspirado, desvanecio-se, e huma sombria desesperaçõ se apoderou da sua alma. Inteiramente absorta em suas mágoas, tinha-se retirado para hum canto da antecamara, cobrindo o rosto com o seu lenço, e debulhando-se em lagrimas. Não sentio abrirem a porta exterior, e entrarem algumas pessoas.

Porém quem seria capaz de pintar a consternaçõ dos dous amantes,

quando virãõ entrar o pai da Princesa, acompanhado de duas Senhoras?

O Principe não ficou menos admirado de encontrar Angelo naquelle lugar, e a aia exclamou chorando: « Ó meu Deos, isto ha de ser causa da minha morte! » Porém Mademoiselle Ulrique disse ao Principe com hum sorriso ironico: « Entãõ, Senhor, não tinha eu razãõ? o que eu disse era huma calumnia? »

Entretanto o Principe, aproximando-se de sua filha, disse: « Augusta, que devo eu conjecturar do teu silencio, e da tua confusãõ? »

— Ó meu pai! replicou ella, o meu amor he tão puro como a minha alma. Eu não ousava falar na presença desta malévola, e artificiosa creatura, a quem despréso. »

Ulrique inclinou a cabeça com ar mofador; porém o Principe pegou-lhe no braço, e empurrou-a para dentro de hum gabinete cuja porta fechou á chave. Entãõ a Prin-

(162)
ceza abraçou com vivacidade a
pai.

« Filha ingrata, deverias estar
meus pés, » disse o Príncipe esforça-
do-se em soltar-se de seus braços.
Porém a Princeza respondeu com
gnidade: « Esse he o lugar dos cas-
pados, porém vossa filha não o he.
ella he digna de abraçar seu pai.

= Na verdade tens muito atre-
vimento!... disse o Príncipe; com-
tudo és infeliz, e a infelicidade tem
os seus direitos....

= Oh! meu pai! continuou Au-
gusta, desde muito tempo amo o
Marquez com toda a paixã de hu-
ma alma pura, e innocente.

= Vós, Senhor Marquez, he
que sois o seductor, exclamou o
Príncipe voltando-se com furor para
Angelo.

= Não, meu pai! accusai o des-
tino, replicou a Princeza; fomos e-
ducados juntos desde a nossa mais
tenra idade, e os nossos corações
amavaõ-se antes de conhecerem o
que era o amor.

(163)
= Ah! Senhor, disse a boa da
culpa, se esta circumstancia não deg-
atenua-la muito.

= Eu sou justo, Senhora, » dis-
se o Príncipe. E voltando-se para
sua filha, continuou: « Augusta,
espero que a tua consciencia me
poupe muitas palavras. Conheces
os teus deveres, e has de resignar-
te a elles.

= Não o duvideis, meu pai;
porém declaro solememente, que
nunca outro alcançará a minha mãõ.

= Muito o sinto; porém he ab-
solutamente necessario que renun-
cies ao Marquez.

= Oh! nunca! nunca! o meu
amor ha de durar tanto como a mi-
nha vida.

= Não dizeis palavra, Senhor
Marquez? disse o Príncipe.

= Ah! Senhor, vós expulsais-
me da vossa presença; porém exis-
te hum lugar donde poder nenhum
poderá banir-me.

= Senhor, não tenho tenção de

(164)
desterrar-vos para sempre; por
he necessario afastar-vos por algum
tempo, para reparar o mal que
veis causado perturbando o socie-
de minha filha. Eu posso facilmente
perdoar-lhe esta exaltação passagei-
ra, que he vossa obra, e o fruto de
romanescas idéas de que a tendes
alimentado. Entretanto o seu cora-
ção he puro, e conhece os seus de-
veres. Porém vós, Senhor, sois mu-
to reprehensivel, e o vosso procedi-
mento annuncia muito orgulho, e
ambição.

= Senhor, tómo a Deos por tes-
temunha de que o meu amor seria
o mesmo, se a Princeza não fosse
senaõ huma simples pastora.

= Basta, disse o Principe com
severidade; partireis ámanhã ao
romper do dia. »

O Marquez inclinou-se em silen-
cio, e o Principe continuou: « Exi-
jo a vossa palavra de honra, que não
haveis de pôr o pé nos meus Esta-
dos, sem huma permissaõ expressa
escrita pelo meu punho. Se ousas-

(165)
is infringi-la, sabeis a sorte que
esperaria, porque o poder do
berano vingaria infallivelmente a
offensa feita ao pai.

= Dou-vos a minha palavra, »
disse Angelo com altivez.

Ainda bem não tinha pronuncia-
do estas palavras, quando a Prince-
za cahio desmaiada nos braços da
sua aia. O Principe mandou sahir
Ulrique do gabinete, e quiz retirar-
se.

Quando voltou para a antecama-
ra, Cecilia pôz-se diante d'elle, di-
zendo: « Senhor, a mais culpada
sou eu; sobre mim he que deve re-
cahir o castigo. »

Porém o Principe elhou para ella
com desdem, dizendo-lhe: « Mise-
ravel, obraste como todas as crea-
turas da tua especie. Desterro-te
para sempre da cidade, e dos meus
estados. Sahe daqui immediatamen-
te.

= Ah! Senhor! Deos, que co-
nhece o meu coração, he testemu-
nha dos tormentos que soffro. Não

(166)

mereço o vosso desprezo. » Ditas palavras cahio sem sentidos. Principe retirou-se.

Angelo levantou Cecilia; e quando ella abriu os olhos, disse-lhe: « Vem comigo, minha companheira de desgraça. » Ella deixou-se levar; e quando recobrou inteiramente os seus sentidos, achou-se no quarto de Angelo sentada ao seu lado. Acordou como quem sahia de hum sonho, e exclamou com voz que cortava o coração: « Meu Deos, onde estou? »

= Socega, minha querida, lhe disse elle, estás nos braços de hum irmão; quererias tu antes voltar para casa de teu tio?

= Ah! exclamou Cecilia chorando, estou só, e abandonada; sobre a terra nenhuma protectora não me soccorre! não tenho ninguem de quem possa confiar os meus desgostos. Em toda a parte não tenho de encontrar senão perigos, ou escravidão. Oh! que triste sorte!

= Não te basta a minha amiza-

(167)

del se minha irmãa, vem comigo, nunca te abandonarei.

= Estais sonhando, Senhor Marcoz! lembrai-vos da decencia. — Ó Cecilia! por ventura desconfiarias de mim? Onde poderias estar com mais segurança? Se fores para casa de teu tio, elle fechará a sua porta a huma sobrinha desvalida. Irás acaso ter com Madama Marcoz? Ella te entregará, exultando de alegria, ao teu perseguidor.... Meu coração sempre te ha de servir de asylo seguro, e Napoles, minha terra, não deixará de ter alguma familia honesta de quem possa confiar-te. »

Cecilia hesitou muito tempo entre a inclinação, e os escrupulos que a razão lhe oppunha; porém não via outro recurso, e consentio em acompanhá-lo. Entendeo que não podia collocar melhor a sua confiança do que nas mãos daquelle, a quem adorava, que lhe servia de irmão, e a quem devia a conservação da sua innocencia, e da sua honra.

(168)
No dia seguinte Cecilia recebeu
o seguinte bilhete:

« A letra de cambio inclusa ba-
» tará para não terdes precisões. Ce-
» cilia foi a causa de se fazerem mu-
» tas loucuras, e de se derramarem
» muitas lagrimas. Ella merece a
» sua sorte; praza aos Ceos que a
» desgraça a faça cahir em si, e se
» emende! »

Ao meio dia sahio da cidade re-
colhendo-se a hum Convento, cuja
Superiora era parenta de Angelo,
e a quem elle a tinha recommenda-
do.

Quando Angelo sahio da cidade,
passou por diante do palacio. A Prin-
ceza estava á janella, e os seus ol-
hos chorosos seguiaõ a sege que
conduzia o seu amante. Angelo olhou
pela portinhola em quanto a pôde
avistar, e por acenos disse-lhe o ul-
timo adeos. Porém depois de a ter
perdido inteiramente de vista, ca-
hio na mais sombria desesperaçãõ.

(169)
Lembrou-se com o mais vivo senti-
mento dos afortunados instantes, ah!
passados como hum sonho, e que
para sempre se haviaõ desvanecido.
Sahio da sua profunda meditaçãõ
quando a sege parou á porta do Con-
vento. Huma porteira velha appare-
ceo á porta gothica. Angelo pergun-
tou se a menina já tinha chegado;
porém a porteira respondeo que ain-
da não tinha apparecido pessoa ne-
nhuma que não pertencesse ao Con-
vento.

~~~~~  
Cansado de escrever tanto tem-  
po, larguei a penna, e esfregando  
a testa, exclamei: Que ha de ser  
desta desgraçada Cecilia? Sem dú-  
vida que o Convento ha de obriga-  
la a sérias reflexões. Huma alma  
taõ pura emenda-se facilmente de  
hum erro passageiro; e se ella crê  
em mim, não ha de vêr neste uni-  
co amigo, que toma o titulo de ir-  
maõ, senãõ o mais perigoso inimi-  
go do seu socego. Veremos.... Ah!  
quanto esse Barãõ de Eschen se pa-

( 170 )

rece com Angelo! Quando isso me  
so, estremeço. A ausencia de  
melia não devia ser senão de  
dias, e já se passáraõ seis semanas  
sem que se trate de casamento, me  
de voltar para a cidade, e as  
cas palavras que me dirigio ultima  
mente não me dão muita seguran  
ça.

Nesse mesmo instante lancei os  
olhos sobre hum gazeta da Côrte  
que acabavaõ de trazer-me, e vi en  
tre outras promoções, o Barão d'Es  
chen elevado ao lugar de primeiro  
escudeiro. A isto exclamei: « Este  
negocio não teve lugar sem elle o  
saber. Elle faz por consequencia ten  
ção de ficar na Côrte; e nesta posi  
ção não ha de querer fazer hum ca  
samento tão desigual: a pobre A  
melia está sacrificada! He tempo de  
que previna a sua total ruina, de  
vo tomar animo, e revesti-me de  
intrepidez, e falar tão alto que a mi  
nha voz chegue, se necessario for,  
até aos degrãos do Throno. »  
Engolfado nestes pensamentos,

( 171 )

apressei o caminho de Steinau, e a  
penas estava fóra da cidade, quan  
do avistei ao longe na calçada hum  
rapariga que levava hum pequeno  
embrulho, e que caminhava diante  
de mim cantando. « Parece ser mui  
to linda, disse eu comigo; e logo a  
minha imaginação fez-me della hum  
retrato ideal. Esse andar ligeiro, e  
firme annuncia sem dúvida hum  
consciencia sem remorsos; e a aria  
que canta mostra gosto pela musi  
ca, e hum character alegre; porque  
hum pessoa melancolica o mais que  
poderia cantar, seria hum cantico,  
ou hum elegia. Meias de algodão  
de hum alvura extraordinaria, e li  
gas azues que vi per acaso quando  
arregaçava o seu vestido para saltar  
hum poça d'agua, são hum prova  
de arranjo, e aceio. Em fim a sua  
elegante estatura indica hum pes  
soa perfeita, e a sua fysionomia de  
ve indubitavelmente corresponder ao  
mais. »

Apressei o passo para alcançar  
esta rapariga, porém hum monte de

( 172 )  
pedras, que a minha distração não deixára ver, fez-me dar hum grande quéda.

Com a bulha que fiz, ella voltou-se, e soltou hum grito de espanto. Porém quando vio que me tinha vantado, aproximou-se de mim dizendo: « Ah! sois vós, Senhora, quaõ agradavel he encontrarmo-nos aqui. »

Reconheci a minha Rosa, e disse-lhe com alguma confusaõ: « Sim, na realidade seria muito agradavel, se não fossem aquellas malditas pedras que me fizeraõ cahir; mas aonde ides, minha menina? »

— Parece que seguimos o mesmo caminho, » respondeo ella cõorando.

Depois falámos de seu pai, e dos incõmmodos que lhe causava o seu emprego.

Ella lembrou-me a noite da tempestade, em que eu, como Werther, tinha corrido pelos campos, e havia encontrado asylo em casa delles. Falou-me principalmente com hum vi-

( 173 )  
vo interesse de alguns dos meus romances que ella tinha lido, e fiquei admirado da finura, e da exactidaõ das suas observações.

« Ó minha rica! quanto gosto medais, » lhe disse; e abracei-a com transporte.

Desembaraçou-se dos meus braços, e exclamou: « Que não achava que fosse decente abraça-la na estrada pública. »

— Ah! não julgueis que isto seja effeito de vaidade de autor. Não, minha rica, he por admiração. Não conheceis o thesouro de sentimentos que o vosso coração encerra. Persuadi-vos, linda Rosa, que os beijos de hum poeta são faiscas divinas, que despertaõ o fogo sagrado da poesia em hum coração puro como o vosso.

— Ah! Senhor, o fogo puro, e sagrado de hum coração innocente, não precisa ser despertado, e ainda menos desta maneira. Porém peço-vos me digais se esta he a estrada de Steinau?

( 174 )  
= Sim, minha menina. Que he o objecto da vossa ida lá?

= Sabeis muito bem, respondeo ella, que somos muito pobres; meu pai vai-se fazendo velho. Ha seis mezes que ando buscando huma casa para servir, e alliviar a meu pai. Sabe que a mulher que governa a do Baraõ de Eschen, deseja huma criada grave; e como o mórdomo do Baraõ faz muitos elogios a essa Senhora, vou offerecer-lhe o meu prestimo.

= Ó minha querida Rosa! lhe disse eu com viveza, aconselho-vos que não vades mais longe; voltai para vossa casa; a mulher que buscais he a mãi daquella rapariga que tão mal vos tratou, quando fostes, pela primeira vez, a minha casa. Ah! não deveis ir lá, perder-vos-hieis.

= Se assim he, respondeo ella tristemente, ahi temos mais huma esperanza frustrada.

= Querida Rosa, não desanimeis por isso. Em breve eu mesmo vos offerecerei hum lugar mais convenient-

( 175 )  
e, e mais digno de vós. Recusastes ultimamente hum pequeno regalo que vos offereci. Dignai-vos agora aceitar esta peça de ouro; levai-a da minha parte a vosso respeitavel pai, e dizei-lhe que não he mais do que hum empréstimo que lhe faço; que o não recuse; e certifiquei-lhe que não hei de descansar em quanto elle não tiver alcançado hum lugar mais lucrativo. »

Rosa fitou os olhos em mim com lagrimas de reconhecimento. Hesitou entre o sentimento da necessidade, e seus principios de delicadeza. Porém mettendo-lhe na mão a peça de ouro, afastei-me promptamente. Ainda a vi muito tempo que se voltava para mim, e me saudava com a mão, e com o lenço. Logo que a perdi de vista, deitei a correr pelos campos, e em pouco tempo cheguei á porta do castello.

Ahi encontrei hum corpulento laçao, que me perguntou com muito máo modo: « Que quereis? »

= Quero ensinar-vos a falar

mais polidamente, e lhe respondeu eu.

Então falou em tom mais modesto e disse-me: « Sem dúvida o Senhor procura a Senhora Baroneza d'Alphen.

= Ignorava que aqui houvesse huma Senhora desse nome.

= Assim lhe chamei, e voltei com elle com ar mofador, e voltei-me as costas rindo ás gargalhadas.

Ah! se ella ouvisse a conversação deste criado! disse eu comigo subindo a escada do castello.

Entrando na antecamara encontrei huma Senhora elegantemente vestida; fiz-lhe huma profunda cortezia, e não a conheci senão quando me disse: « Ah! querido primo, sêde bem apparecido.

= Bons dias, Amelia! disse-lhe então com algum desabrimento, não te reconhecia com estes enfeites.

Pegou-me na mão, e conduziu-me com as mais agradaveis maneiras, a travez de huma correnteza de quartos ricamente mobiliados, até ao

meu gabinete: estava adornado com a maior elegancia, e as pinturas que guarneciaõ o tecto, e paredes inspiravaõ prazer, e voluptuosidade. Mandou-me sentar em hum molle sofa; e perguntei-lhe sem hesitação: Onde está vossa mãe?

= Foi á cidade fazer algumas compras, porque aqui quasi tudo nos falta ainda.

= Segundo vejo, não vos faltaõ cousas bonitas, repliquei eu com algum azedume; porém talvez vos falte o que he bello, e honesto. . . . De mais disso, minha tia não se apparear-se a minha casa.

= Sem dúvida foi para alguma hospedaria; espero que volte esta tarde. = E talvez não volte senão amanhã, disse eu com ar duvidoso.

= He possivel, me respondeo ella com hesitação; mas porque fazes tu esta observação.

= Ficareis aqui só!  
= Temos muitos criados, jardineiros, e caçadores para nos guardarem.

( 178 )  
= Sim, isto he bom contra ladrões; porém quem guardará a innocencia, e a tua honra?

= Visto isso sempre és o mesmo, sempre injusto?

= Pobre Amelia! não vês que te encaminhas á tua ruina.

= Ah! meu amigo! me dizes ella, o teu máo humor destroe o que to que eu tinha de tornar a vê-la.

Nesse mesmo instante o criado que eu encontrára á porta, entrou trazendo huma luz. « Amelia, disse eu em alta voz, ainda agora quando cheguei este criado perguntou-me se desejava vêr a Senhora Baroneza; e como eu ficasse admirado ao ouvir este nome, respondeo-me com hum ar mofador: Assim he que lhe chamaõ!... Vê a quanto chega a tua desgraça! »

O criado consternado deixou cahir a vela que trazia na mão; Amelia transportada de raiva, expulsou-o da sua presença; e elle retirou-se a rosnar.

Entaõ ella desatou a chorar de

( 179 )  
despeito, e disse-me a soluçar: « He pouca delicadeza da tua parte humilhar-me assim diante dos meus familiares. »

= Quiz dar-te a conhecer a opiniaõ pública a teu respeito. Assim he que lhe chamaõ! conheces o que isto quer dizer? não te considerãõ senãõ como a amiga do Baraõ, que nunca ha de ser teu esposo, principalmente agora que acaba de ser nomeado Estribeiro mór do Principe. Eu córo todas as vezes que os nossos amigos me perguntaõ noticias tuas. No teu lugar eu morreria de vergonha.

= Dize o que quizeres, meu amigo, replicou Amelia; não te hei de querer mal por isso; porém não receio cousa nenhuma; o Baraõ de Eschen he homem de probidade, e deo-me a sua palavra. Elle he incapaz de me enganar. Quanto ao despacho que acaba de alcançar, isso entra no seu plano.

= Não lhe faltaõ planos; porém sem dúvida nunca teve o de fazer a tua felicidade.

( 180 )

- = Meu amigo, o ciúme cego não nunciei para sempre a tua mão; quando tivesses conservado a tua innocencia, quando rompesses logo mesmo os teus vergonhosos laços, estarias todavia perdida para mim.
- = Ah! he essa a duração do amor de hum homem!
- = Dize antes que és a prova do que pódem os prestigios do luxo, e as lisonjas da seducção sobre o coração de huma menina, que merecia ser contada no numero das mais virtuosas do seu sexo.
- = Quando deixei eu de ser des-se numero?
- = Desde o instante da tua partida para o campo.
- = São prejuizos.
- = Ó Amelia, desgraçada de ti se te atreves a discorrer sobre prejuizos que são o amparo da tua honra, do teu socego, em huma palavra, de tudo quanto ha de mais sagrado na vida!... O Senhor Barão está cá?

( 181 )

- = Espero-o esta tarde. Peço-te, meu amigo, que não sejas tão desabrido com elle. Verás que te recebo com os braços abertos.
- = Oh! não o duvido; principalmente se eu não der mostras de no-tar a sua perfidia.
- = Meu caro, replicou ella com doçura, tenho bastante bom senso, e reflexão para não ser enganada; porém acredita-me, aquelles fantasmas de perigos, e de perfidia, que pintas com tão negras côres, não existem. Magôa-me vêr-te tão mi-santhropo; isto he o fruto dos teus contínuos estudos solitarios. Não convieste muitas vezes tu mesmo, que a tua imaginação poetica era huma má fada, que te fascinava os olhos, e não te mostrava senão as sumidades de inacessiveis montanhas, ou medonhos precipicios, e que transformava pigmeos em gigantes?
- = Pobre Amelia! a tua imaginação engana-te mais perigosamente, e quereria fazer-te illusão, suf-

focando os remorsos da consciencia e o sentimento do dever. Ah! minha rica, não posso, sem verter margas lagrimas, lembrar-me daquelles felizes tempos, em que animado de mais bellas esperanças, te apertava ao meu coração.

= Sempre te sou sinceramente afeiçoada, » replicou ella com carinho, e veio sentar-se com confiança ao meu lado sobre o sofá. Eu continuei com enthusiasmo: « Lembraste daquelles compridos serões de inverno que passavamos juntos, quando os doces, e sagrados laços da amizade, e de hum mutua sympathia uniaõ os nossos corações. Lia-te os meus romances á medida que os compunha, e o teu coração commovido estremecia entaõ com o quadro da virtude perseguida, e dava sinceras lagrimas aos tardios remorsos da seducção. . . . »

= Ah! muito bem me lembro, » me respondeo ella com hum suspiro, e tapando os olhos com o seu lenço para occultar as suas lagrimas.

Eu continuei: « Entaõ lia na tua alma franca, e pura. Ó Amelia! peço-te que não faças com que eu perca a nobre idéa que tinha do teu sexo. »

= Oh! nunca! nunca! » disse ella com voz trémula, passando os braços em roda do meu pescoço, e occultando o seu rosto no meu seio.

« Ah! eis hum grupo muito interessante, » disse hum voz que conheci ser a do Baraõ de Eschen, que acabava de entrar por huma porta secreta.

Eu levantei-me, e elle chegou-se para mim dizendo-me: « Que quereis mais, Senhor? »

= A vossa expressaõ, lhe respondi, prova-me que escutastes a nossa conversação.

= Falaveis taõ alto, que me não escapou hum só palavra, sem que me fosse preciso pôr-me á escuta.

= Estou por consequencia dispensado de repetir cousas desagradaveis. »

Tomou elle hum tom mavioso, e

( 184 )  
disse-me: « Perdão de boamente  
amigos que estimo, quando me  
quecem do que me devem, e le-  
bem haver-me com elles genera-  
mente, se he possivel.

= Pegos da palavra, Senhora  
Baraõ, repliquei eu; visto que  
presais de generoso, principiai a  
lo com minha prima, e reparaí  
vossas culpas para com ella, obri-  
gando-vos desde já, de hum modo  
positivo, e irrevogavel, a ser meu  
esposo. »

O Baraõ sorriu-se sem se pertur-  
bar, e disse com socego. « Acabe-  
mos com esta discussão cujo resul-  
tado são frases, e que acabaria por  
nos irritar. Amelia conhece melhor  
que ninguem os obstaculos que ain-  
da tenho de vencer para chegar ao  
termo dos meus desejos. Vamos, Se-  
nhor! vinde abraçar-me cordialmen-  
te, e do meu lado esquecerei que  
vi a minha pertendida nos vossos bra-  
ços.

= Foi como minha parenta que  
me abraçava, exclamei eu com ve-

( 185 )  
hemencia. E eu tinha por hum ins-  
tante levantado o véo enganador em  
que os vossos artificios envolvêraõ o  
seu coração; e o divino sentimento da  
virtude hia recobrar os seus direitos,  
quando nos interrompestes. Ella lem-  
brava-se com enternecimento dos  
tempos passados, cuja lembrança não  
he turbada por nenhum pesar.

= Senhor, exclamou o Baraõ,  
a vossa incivil importunidade, e os  
vossos enredos começaõ a cansar a  
minha paciencia! Taõ livre, e inde-  
pendente como no instante em que  
Amelia entrou em minha casa, ella  
he senhora da sua sorte. Que deci-  
da entre nós!

= Ó meu doce amigo! disse A-  
melia com ternura, e apertando a  
maõ do Baraõ ao seu coração, he  
necessario desculpa-lo. He o dema-  
sido interesse que toma na minha  
sorte, que lhe faz esquecer o res-  
peito que vos deve!

= Enganas-te, exclamei eu; nun-  
ca conheci melhor o que elle he, do  
que hoje. »



**PECULIO DE RECREIO**

**BIBLIOTHECA DE 200 ROMANCES**

**ORIGINAES E TRADUZIDOS**

DE

DUMAS, WALTER SCOTT, LAFONTAINE, FREDERICO SOULIÉ,  
V.<sup>E</sup> D'ARLINCOURT, MADAME COTTIN,  
VICTOR HUGO, BOCAGE, GEORGE SAND, ETC.

*2*

*20*

O catalogo distribue-se gratis em todas as livrarias de Lisboa,  
Coimbra, Porto e Braga.

**ROLLAND & SEMIOND**

**3 — RUA NOVA DOS MARTYRES — 3**

**LISBOA**

HENRIQUE,  
E  
AMELIA,  
OU  
A HERANÇA INESPERADA.  
POR  
AUGUSTO LAFONTAINE.

TRADUCCÃO DO FRANCEZ.

~~~~~  
TOMO II.
~~~~~




64-C

LISBOA. M.DCCC.XXXVIII.

—————  
NA TYPOGRAPHIA ROLLANDIANA.

~~~~~  
*Vende-se em casa de Rolland, Rua Nova
dos Martyres, N.º 10.*

HENRIQUE, E AMELIA,
O U
A HERANÇA INESPERADA.



Sériamente occupado com o meu projecto de ir falar ao Principe, em quanto hia seguindo o meu caminho, recapitulava o que lhe havia de dizer, e declamava em alta voz. Depois de ter passado por entre os guardas, e cortezãos, dizia comigo, hei de apresentar-me a Sua Alteza, e dizer-lhe: « Senhor, o dever de hum Soberano he proteger a innocencia opprimida, e nenhuma ha mais sagrada do que a de hum sexo debil, e facil de enganar. Se os vossos pagens, e escudeiros pôdem impunemente seduzir, e ultrajar nossas filhas, e nossas irmãs, que será do

(4)
socego das familias? » Porém o
cipe responderá: « De vagar
nhor, quem sois vós? de quem
queixais? » Então lhe respon-
desembaraçadamente: « Sou
homem, e autor. Como tal te-
o direito de levar as minhas que-
chen, vosso escudeiro, roubou
nha prima; hum ultraje desta na-
reza deverá ficar impune? = Ne-
certamente! me dirá elle; porém
ma prima que consente em ser
bada vale a pena de fazer tanta
lha? = Ah! Senhor, lhe tornare-
a vossa indulgencia póde parecer
voravel á povoação; porém a lei
deve proteger senão aquillo que
legal. Os fructos da libertinagem
que raras vezes são bons subditos
serão por ventura preferiveis á pa-
das familias, á felicidade domesti-
ca, que só pódem produzir bons ci-
dadãos? Por esse motivo he que re-
queiro.... »

Fui repentinamente interrompido
do no meu monologo, cahindo

(5)
falta de attenção em hum fosso que
não tinha visto. A noite estava es-
curissima, e na minha distracção ti-
nha tomado hum caminho falso. De-
pois de me ter levantado, dirigi-me
para huma loz que via de longe; e
tendo a muito custo atravessado os
campos lavrados onde me tinha per-
dido, cheguei ao pé da barreira. A
luz que me tinha servido de farol es-
tava no quarto da minha querida Ro-
sa, cuja janella ainda estava aber-
ta. A tirei-lhe com o meu lenço, cha-
mando-a pelo seu nome.

Immediatamente appareceo á ja-
nella, e ficou admirada de que esti-
vesse de volta áquella hora taõ im-
propria.

« Querida Rosa! lhe disse, abrí-
me a porta, eu vo-lo peço por fa-
vor.

= He muito tarde, me respon-
deo ella; estou para me deitar.

= Fostes menos cruel ha algum
tempo. Certifico-vos que não estou
agora em melhor estado do que en-
taõ; e tenho muitas cousas que di-
zer-vos.

(6)
= Sinto isso muito, Senhor, porém hoje não temos huma unica lha de chá em casa. Boas noites até mais vêr.

= Linda Rosa, tende compaixão de mim. Se recusais abrir-me a porta, entro pela janella.

= Não vo-lo aconselho, » disse a voz grossa, que parecia enchei ser a do pai, que appareceu na janella visinha.

Então retirei-me sem motim, e encaminhei-me para a minha habitação.

Chegado a casa, fiquei corrido da minha loucura. « Commetti huma imprudencia, disse comigo; o Barão, cujo procedimento tão altamente reprovo, não he peor do que eu. Deos sabe o que teria acontecido, se Rosa me tivesse permitido que entrasse em sua casa! Com tudo não tinha intentos nenhuns criminosos. Ah! a sua innocencia sempre me ha de ser sagrada. E que mal podia resultar de conversarmos huma hora juntos? He verdade que

(7)
talvez de quando em quando algum innocente beijo houvesse enchido as pausas da conversação; porém nisso não havia peccado nenhum.... Todavia he necessario confessar que o pai appareceo muito a proposito; porque, em todo o caso, teria sido muito ridiculo escalar huma janella. » Este soliloquio tendo-me sociegado, deitei-me, e adormeci pacificamente, pensando na amavel Rosa.

No dia seguinte pela manhã, quando acordei, a minha primeira idéa foi executar o meu projecto de ir falar ao Principe. Depois de ter almoçado, vesti-me, e puz-me a caminho. Porém á medida que me aproximava do palacio, sentia augmentar a minha perturbação. Esforcei-me em tomar animo. « Qual he a razão desta timidez? dizia comigo; acaso o Principe não he hum homem como eu? Se neste mesmo instante aqui estivesse com huma simples casaca, não hesitaria em falar-lhe. Então porque estremeço á

(8)

vista de hum esplendor emprestado
que deve ao alfaiate, e ao bonfaiate,
dor? A pesar destes bellos raios
nios, o coração me pulsava com
lencia quando entrei na grande
leria. Porém qual foi o meu espanto
quando, dizendo que desejava falar
ao Camarista de serviço, vi apparecer
o Barão d'Eschen, que sabia de
hum gabinete! Fitou os olhos em
mim sorrindo-se malignamente, e
disse-me: « Ah! sois homem de
palavra. Entrai, Senhor!

= Sim, Senhor. Venho falar ao
Principe, disse-lhe eu tornando a
mim da minha perturbação.

= Anticipei-me, continuou elle;
vou representar ao Principe, em
nome da mãe de Amelia, que guar-
dais desde muito tempo a vossa jo-
ven prima em huma especie de ca-
tiveiro, para obriga-la a casar com
vosco; e que a mãe, e a filha não
podendo já supportar as vossas im-
portunas perseguições, recorrêrão á
minha protecção, que eu, na quali-
dade de antigo amigo da sua casa,

(9)

lhes não podia recusar. Ahi está tu-
do, Senhor. »
Fiquei tão indignado com esta
arrogante audacia, que não pude
proferir palavra.

= Eis a petição que a mãe me en-
tregou de entregar ao Principe,
continuou o Barão, tirando hum pa-
pel da algibeira; logo vou apresen-
tar-lha.

= Como! pois minha tia tam-
bem seria culpada?... exclamei eu.

= Sim, Senhor; ella advoga a
favor da liberdade de sua filha, so-
bre a qual vos arrogais direitos que
vos não pertencem; e a vós mesmo
he que deveis attribuir as consequen-
cias desagradaveis que disto vos pu-
derem resultar. »

Quando ouvi estas palavras insultadoras não pude já conter-me, e exclamei com indignação: « Senhor Barão, só hum cobarde he que pôde recorrer aos ameaços; eu não temo os vossos, despreso-vos demasiado para que os tema. Porém vejo que a minha pobre prima está perdida.

(10)
Renuncio a interessar-me por ella,
e entrego-a á sua infeliz sorte.

= Neste caso, respondeo elle com
hum sorriso de protecção, a petição
naõ se entregará ao Principe; e se
fordes prudente, naõ vos resultará
disto nenhuma consequencia des-
agradavel.

= Podeis fazer o que quizerdes,
lhe disse; pouco me importa com
isso. Se por hum lado perco a minha
prima, pelo outro ganhei, porque des-
mascarei a vossa atrocidade, e vin-
gar-me-hei disso no meu primeiro ro-
mance, mostrando ao público a tor-
peza do vosso character. »

Dizendo estas palavras, sahi pre-
cipitadamente do salaõ, e apressei-
me em chegar á rua, repetindo com
mágoa: « Quero abandona-la para
sempre. »

« Convém todavia que a veja ain-
da huma vez, exclamei ao entrar
em minha casa. E sem tomar o mi-
nimo descanso segui a estrada de
Steinau. Rosa que me avistou de
longe, atravessou o seu jardim, e

(11)
veio ter á estrada real. O pai está-
va á janella quando passei; porém
naõ me atrevi a olhar para elle, e
acordei-o sem levantar os olhos. Quan-
do me aproximei de Rosa, ella fin-
gio admirar-se de vêr-me, e disse-
me: « Estimo muito encontrar-vos;
tenho soffrido muito desde hontem
por vossa causa. Nunca vi meu pai
naõ encolerizado; atirou com indi-
gnação a peça de ouro que me ha-
vieis dado, gritando que era o sala-
rio da minha ignominia. Deveis te-
la recebido, com a carta que elle vos
escreveo.

= Naõ, minha filha, eu naõ fi-
quei em casa esta manhã.

= Elle dizia que ereis hum mal-
vado, hum seductor, continuou el-
la; depois mudava de parecer, e
pensava que talvez fosse verdade a-
quillo que se dizia ultimamente....
Oh! naõ o uso repeti-lo.

= Fala, minha querida, que se
dizia pois de mim?

= Ah! Senhor, me respondeo
ella hesitando (e hum amavel rubor

(12)
lhe cobrio o rosto), dizia...
á força de estudar perdestes o
zo.

= Deixai-os falar, minha rica,
lhe respondi, eu voltarei esta tarde
e falarei a teu pai. »

Então ella exclamou de repente:
« Ah! meu Deus! ei-lo que me cha-
ma; enfadar-se-ha de novo comigo.
Adeos, adeos; » e voltou para ca-
sa. Continuei o meu caminho, e no
fim de algumas horas achei-me na
visinhança do castello. Aproximan-
do-me de hum bosquete perto da es-
trada, vi sahir d'elle huma menina
embrulhada em hum chale, que se
encaminhava para o castello. Julguei
ser Amelia, e dobrei o passo; mas
quando me achei perto della, conhe-
ci que me tinha enganado. Para dar
principio á conversação, perguntei-
lhe se era aquelle o caminho do cas-
tello.

« Sim, Senhor Henrique, » me
respondeo com voz muito agradável.
Muito espantado de que ella me sou-
besse o nome, patenteei-lhe a mi-

(13)
nha admiração, e então fez-me lem-
brar que eu tinha tido a honra de
dançar com ella o anno passado no
boile campestre dos arredores. Dis-
se-me que só havia oito dias que es-
tava de volta em Steinau, e que hia
fazer huma visita á Senhora minha
prima.

O particular accento com que
pronunciou estas ultimas palavras,
arrancou-me hum profundo suspiro.

« Parece-me que penetro este
suspiro, me disse Elisa fitando os
olhos em mim com ar de inexplica-
vel interesse.

= Ah! adivinhais os meus sen-
timentos, repliquei tristemente.

= Pois, então, Senhor, peço-
vos que digais áquella pobre meni-
na, que não he a primeira victima
daquelle pérfido, e que tambem não
ha de ser a ultima.

= He desgracia que se prégue
em vão ás pessoas que não querem
ouvir, lhe respondi eu.

= Dizei-lhe, continuou ella, que
lhe posso dar provas disso. Se eu não

(14)
temesse a vingança daquelle per-
goso homem, ha muito tempo que
a teria prevenido.

= Oh! pelo amor de Deos, por-
ço-vos que lhe vades falar logo, lo-
go, acha-la-heis só, o Barão está
na cidade. Eu vou entretanto ver
o Paroco deste lugar, que julgo ser
o Senhor vosso pai. »

A estas palavras olhou para mim
com ar melancolico; algumas lagri-
mas lhe cahíraõ dos olhos, e disse-
me: « Ai de mim! meu pai já não
existe: o Paroco actual he meu cu-
nhado; sereis recebido com toda a
cordialidade. »

Fui ao Presbyterio, porém não
encontrei lá ninguém; o Paroco a-
cabava de ser chamado a casa de
hum doente, e sua mulher tambem
tinha sahido. Sentei-me debaixo de
hum antiga tilia que assombrava a
frente da casa, e alli estava, havia
hum hora, quando vi hum joven
mulher na margem opposta de hum
lago, que separava a casa do bosque;
fazia-me signal com o lenço. Apro-

(15)
ximei-me, e quando cheguei perto
della, conheci ser Amelia.

« Viste Elisa? = Falaste ao Prin-
cipe? » perguntámos hum ao outro
ao mesmo tempo; e ambos respon-
demos ao mesmo tempo: *Sim.*

« Dás credito ao que ella te dis-
se? repliquei eu.

= Que te disse o Principe? »
me perguntou ella com anxiedade.
Porém eu prosegui: « Parece-
me que os avisos de Elisa não te fi-
zeraõ grande impressaõ.

= Meu Deos! respondeo ella,
eu não nego que elle fosse culpa-
do; porém ella tambem não deixa
de ser reprehensivel. O pai de Eli-
sa, homem vaõ, e ambicioso, era
Paroco de Steinau no tempo do tio
do Barão. Elle attrahio o sobrinho
a sua casa, e este agradou a sua fi-
lha. Confiáraõ no poder dos primei-
ros amores, no character do mance-
bo, e sobre tudo na morte do tio.
Porém este viveo ainda bastante
tempo para dar a conhecer a seu so-
brinho o seu erro; e Elisa em lu-

(16)

gar de ser esposa, foi sómente
= Nada mais? Ah! pobre Amé-
lia, tu corres o mesmo perigo.
= Ó meu amigo! eu hei de
huma, e outra cousa, e não to-
ro occultar, me respondeo ella
rando.

= Ah! meu Deos, exclamei
com dôr, e cobrindo o rosto com as
mãos, devo eu crer nos teus amor-
tecidos olhos, e na pallidez das tuas
faces? Entretanto hontem á noite
vi-te fresca como huma rosa.... A-

mélia, que devo eu pensar disto?
= Não me vistes senão á luz do
candieiro, e tinha posto côr. De-
mais julga o que te parecer, esto-
resolvida; e segundo o que te aca-
bo de dizer, debes vêr que todas as
tuas diligencias são infructuosas.

= Desgraçadamente assim o ve-
jo, repliquei tristemente. Adeos
adeos para sempre! Já não és a mi-
nha antiga innocente Amelia; só
vejo a sua sombra que me arranca
amargas lagrimas pensando na fragi-
lidade do teu sexo.

(17)

= Chora antes o teu proprio er-
ro, meu querido Henrique, e des-
terra esse fatal ciume que envenena
os melhores dias de tua vida.

= Hum genio muito melhor, e
mais suave substituiu o demonio do
ciume no meu coração. A minha sor-
te está decidida; estou justo para
casar. »

Quando ella ouvio estas palavras
sorriso-se com ar incredulo. Porém
quando lho certifiquei bem, sem com-
tudo nomear o objecto do meu novo
amor, accrescentei: « Amelia, per-
suade-te que se não estivesse agri-
lhado por novos, e santos deveres,
não me havias de vêr aqui consumir
os instantes com adeoses. Não! ar-
rancaria a esse pérfido, a todo o cus-
to, a triste victima da sua maldade;
e quando mais não fosse, seria ao
menos o protector do teu socego. »

Amelia, vivamente commovida,
quize falar; porém não pôde proferir
palavra. Por fim huma torrente de
lagrimas lhe alliviou o coração.

« Adeos, Amelia! exclamei com

mágoa. » E (18)
forçando por
as lagrimas que me suffocavaõ,
xei aquelles sitios que nunca
queria tornar a vêr.

As dolorosas sensações que esta
ultima entrevista me havia causada,
dilaceravaõ o meu coração, e não
podia lembrar-me sem estremecer
do cruel abandono em que ficaria.

Naõ havia senão Rosa que
desse consolar-me. Todavia fiz
rias reflexões sobre o passo que
dar, e que devia decidir da sorte
minha vida. « Disse a Amelia que
estava justo para casar, dizia com
go; a minha resolução he inabal-
vel. Rosa não possui tudo quanto
póde fazer feliz? Naõ são unicamen-
te os seus bellos olhos azues, os seus
cabellos louros, e a sua côr rosada
que me seduzem. Assaz conheço que
a formosura passa com os annos. Po-
rém que ingenuidade, que bondade
de character, que candura! E pare-
ce-me que lhe inspirei hum terno in-
teresse. Ella tem bom senso, e hum
espírito recto; não he na verdade

(19)
cultivado como o das meninas
que frequentaõ as sociedades. Tan-
to melhor! em breve ella se instrui-
rá por meio de boas leituras, e da
minha companhia, e não terá os de-
feitos que daõ as sociedades. Eu a-
borreço as mulheres doutoras, e vai-
dosas, assim como as que não pen-
são senão em divertir-se. Ella tem
todas as qualidades que fazem huma
boa esposa, e huma terna mãe. Naõ
tendo huma só idéa do vicio, da cor-
rupção, não me atormentará com os
seus ciumes, porque terá a maior
confiança no meu coração. Ella me
será fiel, porque me ama verdadei-
ramente; e achará prazer, e ventu-
ra no exercicio dos seus deveres do-
mesticos. Eu não poderia ser mais
feliz. Porém desgraçadamente ella
não he só; tem parentes, e que
qualidade de gente! Hum tio curti-
dor, e muitos outros desta especie,
tudo gente ordinaria, e sem educa-
ção; não poderia frequenta-los sem
disso me envergonhar. No passeio,
em qualquer lugar público, aonde

conduzisse minha mulher, por
encontrar esses homens, que se
gloriarão deste parentesco, e
mortificariaõ com as suas grosseiras
e importunas caricias. Que papel
presentará minha mulher vendida
despresada nas sociedades, quando
tiver de envergonhar-se de huma
rentes que o seu coração não
permitted que desprese? . . . »

Sahi destas penosas reflexões
a bulha de huma carruagem que
hia atropellando quando passou. Era
o Barão que voltava da cidade em
huma elegante carruagem tirada por
quatro rabões. Encarou-me com ar
rogancia, e disse-me: « Voltais sem
dúvida de Steinau? »

= Sim, Senhor, para nunca
mais pôr lá os pés, lhe respondi.

= Isto he hum grandissimo in-
sulto feito á minha honra, » exclamou
elle.

Porém respondi-lhe com indigna-
ção: « Seria huma grande felicidade
de que tivesseis alguma. » E voltei-
lhe as costas continuando o meu cam-
minho.

Em breve avistei a janella de
Rosa, que reflectia ao longe os raios
do sol no seu occaso. Esta vista se-
renou-me. « Em fim he preciso deci-
dir-me, disse comigo, o verdadeiro
amor não deve fazer caso dos futeis
escrupulos da vaidade. Rosa! linda
Rosa, só contigo he que serei fe-
liz. »

Ella estava occupada a cozer,
sentada em hum banco fóra da ca-
sa. Quão formosa era com o resplen-
dor do moribundo sol, que parecia
ainda augmentar o amavel rubor es-
palhado em seu rosto! Quando me
aproximei, disse-me em voz baixa:
« Estou só em casa; meu pai acaba
de sahir com meu primo. »

Entrámos para dentro de casa;
porém a lembrança deste parentes-
co arrancou-me hum profundo suspi-
ro, e perguntei com hesitação:
« Quem he vosso primo? »

= He sargento, respondeo-me
em hum tom que parecia dar certa
importancia a esse titulo.

= São homens muito estimaveis,

(22)
lhe disse eu algum tanto mais
mado.

= Oh! quanto a esse, replicou
ella, he o mais bravo de todos elle.
Ha hum mez que completou cincoenta
ta annos de serviço. Ah! Senhora!
que honras elle tem recebido! A
esposa do seu General veio buscá-la
na sua carruagem rica, e conduzi-la
pela mão a huma grande sala, onde
de havia muitos Officiaes, e outros
Miltares de todas as graduações. O
som da musica annunciou a sua che-
gada, e cada huma das filhas do Ge-
neral lhe apresentou huma corôa de
louro, por outras tantas feridas que
elle tinha recebido. Oh! o bom ve-
lho chorava de alegria.

= Isto he muito bem feito, mi-
nha rica! dê-se honra a quem a mé-
rece!

= E os seus camaradas, conti-
nuou ella, lhe offerecêraõ na mesma
ocasiaõ hum lindo cachimbo turco
prateado, no qual haviaõ feito gravar
estas palavras: *Ao nosso bravo pai.*

= He hum elogio tocante; e eis

(23)
hum respeitavel primo, " exclamei
com transporte.

Naquelle instante hum rapazinho
de huns dez annos entrou, e pondo
de huns cartuxos de dinheiro em cima
da meza, disse: " Bons dias, Ma-
demoiselle Rosa, o mestre Muller
terná-vos a mandar este dinheiro;
diz que nisso ha sem dúvida enga-
no, visto que vosso pai pagou ha
muito tempo.

= Pagou! disse Rosa córando
de admiração, e com as lagrimas
nos olhos! Pagou! repetio ella ajun-
tando as mãos. Vai, meu menino,
dize ao teu mestre, que não ha a-
qui engano nenhum, e que logo lhe
irei falar. "

O rapaz sahio saltando de ale-
gria.

" Vossos olhos chorosos, queri-
da Rosa, parecem indicar que se
trata de hum engano muito mais in-
teressante que o dinheiro.

= Ah! Senhor, respondeo ella,
he o melhor dos homens. Verdade
he que elle está bem; porém tem oi-

(24)
to filhos, e acaba de augmentar
da o numero delles adoptando
pequeno orfaõ que vistes agora. De-
viamos-lhe cincoenta escudos desde
muitos annos. Meu pai com as suas
economias foi ajuntando a pouco e
pouco esta quantia, e mandou-lhe
hoje; porém como este querido
conhece a nossa miseria, teve a ge-
nerosidade de negar a divida; não
deve isto enternecer-me?

= Eis-ahi mais hum digno pa-
rente, lhe disse eu com hum movi-
mento de alegria!

= He o curtidor Muller, me
disse ella; he irmão de minha de-
funta mãe, e tem hum coração ex-
cellente, como era o de sua irmã.
Oxalá que meu tio Conselheiro o ti-
vesse taõ bom.

= O que, Rosa, tendes hum
tio Conselheiro?

= Sim, replicou ella, he Con-
selheiro das finanças; porém he hum
vil que se envergonha dos seus pa-
rentes. » (Esta reflexaõ envergo-
nhou-me a mim mesmo.) E conti-

(25)
nuou: « Elle adquirio huma fortu-
na muito consideravel por todos os
caminhos illegitimos, e entrou nas
altas sociedades. He o irmão mais
velho de meu pai. Ah! meu rico Se-
nhor, não me faltaria que contar a
seu respeito. Havia tres mezes que
minha mãe estava de cama, e a sua
molestia tinha de tal sófma esgota-
do os nossos meios, que não tinha-
mos com que faze-la enterrar quan-
do morreo. Meu pai escreveu entaõ
a seu irmão Conselheiro, porque ha-
via muito que se não atrevia a ir a
casa delle; pintava-lhe a nossa mi-
seria nos termos mais expressivos;
porém o Conselheiro nem se quer se
dignou dar-lhe huma resposta.

= Amaldiçoado seja o cruel, e
deshumano Conselheiro! Porém Deos
abençoe o querido tio curtidor! ex-
clamei com calor.

= Oh! Deos recompensa-o já
neste mundo. Basta vêr a sua casa,
e os seus oito filhos todos lindissi-
mos, e muito interessantes. Passo
dias inteiros no meio delles com o

(26)

mais vivo prazer. Amao-me como a sua propria m^ãi; e quando vejo aquellas olhos ingenuos, alegres, e ta^o cheios de amor, conheço que he huma felicidade o ser m^ãi. »

Fiquei enternecido com esta expressa^o de hum coraça^o sensivel, e beijei-lhe a m^ão com enthusiasmo.

« Ah! Senhor, continuou ella tirando a m^ão, e filhos taes sa^o o mais precioso dom da Divindade, e a sua verdadeira Imagem. Eis tambem a raz^ão por que Nosso Senhor os amava tanto, pois o seu innocente olhar he o reflexo da sua santa, e celeste innocencia.

— Ah! Rosa, exclamei apertando-a vivamente ao meu coraça^o, tambem vejo nos teus olhos aquella divina, e innocente pureza. A tua vista desperta na minha alma o sentimento de todas as virtudes, he hum amor quasi religioso. Oh! n^ão desvies de mim os teus olhos, anjo de bondade, e de virtude. Vem a este coraça^o, vem a meus braço^s, e consente em unir para sempre a tua sorte á minha. »

(27)

Abundantes lagrimas inundára^o as suas faces, e o seu palpitante peito. Na^o me respondeo, por^ẽm apertou-me ternamente a m^ão, e retirou-se para o seu quarto soluçando.

Esperei muito tempo que voltasse, porque me inspirava hum sentimento demasiado delicado, e respeitoso para que ousasse segui-la. Faltamente, vendo que n^ão voltava, escrevi huma carta ao pai, que deixei em cima da meza, e recolhi-me a minha casa, penetrado de amor, e de grandes esperanças.

Quando entrei no meu quarto, sentei-me mais animado á minha es-
crivaninha. Os presentimentos da minha felicidade dava^o-me doces inspiraço^{es}. Tornando a lêr as ultimas paginas que tinha escrito, já n^ão achei nas minhas personagens as allu-
sões que devia^o fazer o objecto principal dellas. Que distancia de Angelo sempre nobre, e virtuoso, áquelle Bara^o vil, e corrompido, a quem elle devia servir de exemplo!

(28)
E aquella doce, e sublime Cecilia, quanto não he superior a Amelia, e para quem todos os exemplos de virtudes seriaõ perdidos! entretanto continuei a escrever.

Continuação da historia de Angelo di Amone.

Tinhamos deixado Angelo no Convento, onde debalde esperou todo o dia a chegada de Cecilia. Entretanto informava a Superiora dos acontecimentos da Côrte, e lembrava-lhe os seus antigos conhecimentos. A boa parenta, a quem elle tinha persuadido que o fim da sua viagem a Italia era ir visitar Nossa Senhora do Loreto, não se limitou sómente a dar-lhe de presente huma preciosa Reliquia, mas tambem lhe deo cartas de recommendação para todos os Conventos que lhe ficavaõ no caminho, cujas Imagens milagrosas gozavaõ de alguma reputação; e reparando no seu ar abatido, que tomou por huma contrição dos seus peccados,

(29)
procurou distrahi-lo fazendo-lhe ver todos os cantos do Convento, e entre outras cousas, foi-lhe mostrar as vastas, e bellissimas adegas que encerravaõ todas as qualidades dos vinhos mais novos, e exquisitos, que lhe deo a provar á larga; depois levou-o á Igreja gothica. Elle ahi vio aquelles Altares, junto dos quaes tantos corações dilacerados debalde procuráraõ hum Deos de amor, e não encontráraõ senão pesares terrestres. Contemplava com respeito as Imagens daquellas Virgens Martyres, que pareciaõ mostrar o caminho do Ceo, e ficou muito commovido com a vista daquelles silenciosos tumulos, dentro dos quaes tantas penas, e tantas lagrimas acháraõ socego. Com tudo, a sua attenção em breve se voltou para o côro, onde a travez das grades vio as Religiosas, e as jovens pensionistas, cujos celestes olhos lhe causáraõ huma viva commoção.

« Ah! Senhora, disse elle beijando respeitosaente a mão da Su-

periora, concedei-me o favor de
 templar de mais perto aquelles
 jos de santidade. » A boa Senhora
 a quem elle inspirava hum terro-
 resse, concedeo-lhe o que elle pe-
 dia. Abrio huma pequena porta
 teral do côro, e em quanto ella
 lava a hum sacristaõ, a quem dava
 algumas ordens, elle franqueou
 degrãos, e achou-se no meio daquel-
 las jovens bellezas, que ficãto es-
 pantadas com esta apparição inesper-
 rada. Disse cousas lisonjeiras a ca-
 da huma dellas, e no encanto em
 que se achava, quizera abraça-las a
 todas de muito boa vontade, se tres
 Religiosas decrepitas, semelhantes a
 outras tantas furias, não houvessem
 protegido o santo rebanho contra as
 emprezas do profano.

« Virgens celestes, exclamou elle,
 le, pedi a Deos por mim. » E im-
 mediatamente inclinando todas a ca-
 beça ao mesmo tempo, pareciaõ pro-
 metter-lhe que sim.

« Ah! continuou elle, na vossa
 companhia o tempo perderia as suas
 azas.

— Senhor, disse huma das ve-
 lhas, não ha senaõ os Anjos que te-
 nhaõ azas.

— Rezamos, e trabalhamos, ac-
 crescentou a segunda; isto mata o
 tempo, e a carne.

— E só levantamos os olhos pa-
 ra os Santos Martyres que estão lá
 em cima, disse a mais velha, le-
 vantando os seus olhos vsgos para
 o Ceo. »

Angelo inflammado com o vinho,
 e com a vista de tantas bellezas,
 exclamou: « Ah! eu tambem sou
 martyr, posto que não seja santo;
 sou devorado pelas mais crueis ten-
 tações; porém em lugar de demonios
 saõ as graças que me tentaõ. O meu
 coração sente ao vê-vos os maiores
 tormentos. Sinto-me agrilhoadado por
 ferros indissoluveis, e as chammas
 que me consomem saõ as do mais
 terno amor.

— Ó Jesus! Maria! » exclamáraõ
 ao mesmo tempo as velhas fazendo
 o signal da Cruz, e tapando os ou-
 vidos com as mãos. As jovens pen-

ensionistas quizeraõ fazer outro tanto, porém suas pequenas, e delicadas mãos não puderaõ impedir-lhes que ouvissem esses discursos.

Todavia elle continuou com enthusiasmo: « Ternas pombas com en-
nhor, quanto vos lastimo de estar-
des assim separadas do mundo! Quão
suave seria para mim ser o vosso pen-
nitenciario, e o secreto confidente
dos doces sonhos dos vossos sensiveis
corações! »

A Superiora, que ouviu estas ul-
timas palavras quando chegou, fi-
cou escandalizada, reprehendeo-o
sevéramente, exhortando-o a dar an-
tes o edificante exemplo da contri-
ção, e do arrependimento, e condu-
zio-o para fóra do côro. Todavia as
Religiosas, e as pensionistas reti-
raraõ-se, e as ultimas não puderaõ
deixar de olhar para o formoso man-
cebo em quanto o não perdêraõ de
vista.

Cecilia chegou quasi ao sol pos-
to; Angelo foi recebe-la, apertou-a
entre os seus braços exclamando:

Finalmente chegastes, companhei-
ra de desgraça.

= Ah! respondeo Cecilia, ain-
da chego cedo de mais; dei hum pas-
sante me ha de condemnar.

= Que importa, se a minha cons-
ciencia te absolve? que mais te he
necessario?

= Ah! continuou ella, serei con-
tada no numero daquellas mulheres
despresiveis que sacrificã a honra,
e a virtude a vãos desejos, e serei
o objecto do geral desprezo.

= Querida Cecilia, não te jul-
gues tão sévéramente, he huma a-
mizade pura, e virtuosa que te re-
cebe nos seus braços fraternaes.

= Não vos illudais, Senhor Mar-
quez. Eloquentes frases não me en-
ganaõ. Conheço muito bem quaõ cri-
minosa he a minha determinação, e
que mil perigos me ameaçaõ. Estre-
meço quando penso no abysmo em
que estou a ponto de precipitar-me,
e por vezes estive quasi voltando pa-
ra traz; porém reflectindo na paixãõ

(34)
criminosa do Príncipe, na
seu pai, e no sentimento de
tio, e de mais a mais em todos
falsos testemunhos que me haviam
levantar, tomei a minha resolução
entrego-me com confiança nos
ços de hum homem nobre, e virtu-
so.

= Não recêes cousa alguma
respondeo Angelo. Similhante a hum
talisman, a imagem de Augusta
protegerá, e o seu nome, quando
pronunciarees, será a tua salva-guar-
da....

= Ó Angelo! » disse Cecilia em
voz baixa, e hesitando; e lançou
se nos seus braços. Nestes doces,
puros abraços, seus corações cimem-
táraõ os laços de huma santa amiza-
de; e o mais terno dos irmãos con-
duzio a sua presada irmãa á sege.

Augusta! exclamou dolorosamen-
te Angelo, voltando pela ultima vez
os olhos para o lugar que ella habi-
tava; e tirando do seu seio o retrat-
to da sua amante, inundou-o de lag-
rimas.

(35)
Todavia a sua triste companhei-
ra, cansada das commoções que ha-
via experimentado, adormeceu dei-
xando cahir a cabeça sobre o peito
de Angelo; este considerou-a com
enternecimento, e disse consigo:
« Oh! quão feliz sou na minha des-
graça, em ter huma tal confidente.
A sua vista só he huma consolação,
e o seu olhar innocente, e puro co-
mo a sua alma, restitue o socego ao
meu coração agitado. Ella foi a con-
fidente de Augusta, e a depositaria
dos seus mais doces segredos.... Ó
boa Cecilia! dorme pacificamente,
e console-te hum feliz sonho.... Sem-
pre serás a minha querida irmãa; e
quando te apertar ao meu coração,
lembrar-me-hei da minha Augusta.»
« Estes sentimentos estão na hu-
mana natureza, disse comigo quan-
do tornei a lêr o meu manuscrito
da vespera; não estou eu pouco mais
ou menos no mesmo caso? Amo na
pessoa de Rosa a amante que perdi
para sempre, e a minha imaginação

(36)
de boamente lhe dá as qualidades
que outrora me encantavaõ en-
melia.... »

No mesmo instante senti bater
porta do meu quarto, e a minha
Rosa entrou com ar tímido, e tur-
bado.

« Como estás pallida, querida
Rosa, lhe disse sahindo-lhe ao en-
contro.

= Não he de espantar, » me
respondeo, lançando furtivamente
olhos ao espelho.

Hum rubor subito coloreou
suas faces, e continuou: « Os cui-
dados não me deixáráõ pregar olho
em toda a noite; não sabia que par-
tido tomasse, e ainda me lanço en-
rosto o passo que dou em vir a vos-
sa casa..... He verdade que meu
pai me dá o seu consentimento, as-
sim como o meu bom primo sargen-
to.... »

= Bravo! exclamei eu, isto vai
optimamente.

= Não he tanto assim, replicou
ella, porque meu tio Muller.... »

(37)
= Não te dê isso cuidado; nós
alcançaremos a sua approvaçãõ. De
mais disso, se não quizer ceder, ha-
vemos de provar-lhe que podemos
muito bem passar sem o seu con-
sentimento.

= Ah! meu rico Senhor, meu
tio sempre foi o nosso verdadeiro a-
migo, e bemfeitor; eu antes quize-
ra morrer do que ser ingrata.

= Que escrupulos! exclamei eu.
Rosa, o amor não conhece outras
leis senãõ as do coração. »

Entãõ ella tomou hum ar sério,
e disse-me suspirando: « Ah! meu
Deos! se assim pensais, meu tio
não deixaria de ter razãõ.

= Pois que quer esse tio? re-
pliquei de máo humor.

= Oh! não me atrevo a repe-
ti-lo.... »

= Fala, fala, minha rica; diga
elle o que quizer, que eu lhe pro-
varei que não tem razãõ.

= Pois bem! eis o que elle me
disse: Se o teu amante compõe ro-
mances, segundo dizem, elle causa

hum grande mal. Os autores, e especialmente os poetas, são ordinariamente dissipadores; raras vezes tem a conducta, e mais raras vezes a professaõ bons principios. Desprezam as leis Divinas, e humanas, e são alto da sua imaginaria grandezza olhaõ com dó, e desprezo para com os outros homens, a quem não de ignorantes, e tolos, porque não disparataõ como elles. Falaõ em virtudes sem ter huma só, e preguem a humanidade, e os bellos sentimentos, em quanto nos seus escritos dilaceraõ os seus semelhantes do modo mais indigno, e mais deshumano.

= Assim discorre hum ignorante curtidor, repliquei eu com colleira! Se ha algumas infelizes excepções entre os autores, que tem ellas de commum com a nossa felicidade? Não te afflijas com esses vãos discursos, e trata de desenganar a teu tio. Como poderia elle resistir á tua meiga voz, ás tuas lagrimas, e a esse encanto espalhado em toda a tua pessoa!

= Já o tentei, me disse ella sorrindo, e empreguei os afagos, e os rogos; porém respondeo-me que quanto me dizia era para bem meu; e quando me puz a chorar, elle sabia do quarto dizendo-me que não podia vêr as minhas lagrimas.

= Visto isso elle não he insensivel, e poderás faze-lo tornar em si da prevençãõ em que está. Volta a sua casa, faze-lhe muitos afagos, chora, dize-lhe que tens de ser infeliz, e que morrerás se não consentir....

= Oh! respondeo ella, se ateio a sua sensibilidade, ha de ceder, disto estou certa..... Porém se obtenho o seu consentimento a pesar seu, não me ha de depois estimar tanto.

= Amavel Rosa, lhe disse, respeito o affecto que tens a teu tio; porém parece-me que levas muito longe a delicadeza, e he preciso não sacrificarmos a nossa felicidade ao capricho, e aos prejuizos de hum miseravel curtidor.... Viva o primo sargento! esse he outra qualidade de homem!

= E de meu pai, replicou
 não dizeis cousa alguma; se
 seis visto com que satisfação elle
 abraçou, exclamando: Ah! agora
 posso morrer com descanso... e
 grimas de alegria regavaõ as suas
 neraveis faces.

= Se teu tio Muller tivesse
 presenciado aquella scena, elle
 ra dado o seu consentimento. Essas
 lagrimas da paternal ternura
 produzido mais effeito do que
 as que te visse derramar.

= Não he assim; estou certa
 elle houvera de consentir se eu
 presentasse o papel de desesperada;
 porém eu detesto similhantes meios.

= He preciso confessar, lhe
 disse eu, que tens a consciencia
 muito delicada.

= Entaõ quereríeis que não
 tivesse nenhuma! Elle he irmão
 de minha defunta mãe, cuja
 memoria respeito na pessoa
 de meu tio, hum tão sagrado
 sentimento não pôde ser
 offendido impunemente.... A
 minha consciencia reprehender-me-
 hia

eternamente.... Entretanto, cre-
 de que vos amo além de toda a ex-
 pressaõ, tanto, como amava o meu
 defunto noivo.... Ah! desculpai
 estas lagrimas que involuntariamen-
 te regaõ as minhas faces quando
 delle me lembro."

Commovido por esta delicadeza
 de sentimento, exclamei: « Estas
 lagrimas honraõ-te, minha querida
 Rosa. Amar-te-hei como elle te a-
 mou, a fim de hum dia me tornar
 digno de ser chorado como elle. Hu-
 ma sublime innocencia como a tua
 ennobrece o coração humano. »

A estas palavras a sensivel Ro-
 sa deixou-se cahir nos meus braços,
 e debulhou-se em lagrimas; apertei-a
 ao meu coração, e disse-lhe com ter-
 nura: « Oh! teu tio não poderá por
 fim deixar de consentir.

= Elle consentirá de boa vanta-
 de, respondeo ella, quando tiverdes
 alcançado algum emprego honroso.

= Ah! minha rica, lhe disse eu,
 o talento não pôde sujeitar-se a hum
 trabalho mecanico, e nas adminis-

(42)
trações preferem-se os que são
quinas uteis aos homens espirita-
sos.

= Isto he huma desgraça! di-
se Rosa suspirando.

= Já fiz diversas tentativas em
varias administrações; porém hum
achavaõ as minhas expressões de-
masiado livres; outros censuravaõ a
minha paixã pelas letras. Aquelles
desagradava o meu trajo demasiado
elegante; estes queriaõ que fosse
servil. Os chefes não protegem se-
não os seus parentes, e as suas crea-
turas.....

No mesmo instante ouvi bater á
porta, e Rosa ficou taõ sobressalta-
da, que todo o seu corpo estava em
tremuras.

« Depressa! entrai aqui dentro, »
lhe disse em voz baixa; e empurrei-a
para a minha alcova, e cerrei a por-
ta.

Amelia, a infeliz Amelia entãõ
entrou, e pedio-me as chaves do seu
alojamento.

Fiquei taõ perturbado com esta

(43)
appariçaõ, que não pude proferir pa-
lavra, e entreguei-lhe as chaves em
silencio.

« Estás doente, meu querido Hen-
rique? me disse ella. Tens hum ar
taõ carrancudo.

= Pódes adivinhar a causa dis-
to.
= Trouxe comigo tres carros, e
vamos levar todo o nosso trem; vim
cá com o Baraõ na sua carruagem
nova; elle foi á cidade, e eu estou
só.

= Pois eu não estou só, lhe dis-
se eu com alguma confusaõ.

= Não te quero mal por isso,
disse ella chorando; vim para recon-
ciliar-nos..... A lembrança da tua
amizade, e de todos os teus sacri-
ficios arranca-me lagrimas..... Oh!
perdoa-me todos os desgostos que te
tenho causado!... Não fujas da a-
miga da tua infancia..... Vem di-
zer-lhe hum ultimo adeos.... Ai de
mim! tu me repelles, e recusas hum
ultimo abraço, homem frio, e insen-
sivel!

(44)
= Eu não abraço a noiva d'outro. Houve tempo em que te considerava como minha...

= Não renoves feridas antigas. Ah! eu deveria invejar a sorte da tua futura; quão feliz ella será! ella deverá ter inveja. Tu has de passear em huma elegante carruagem, em quanto nós andarmos a pé; has de brilhar com ricos vestidos de veludo, e seda, e ella não ha de ter senão hum triste vestido de algodão; ella vêr-se-ha na necessidade de ouvir as impertinencias da sua cosinheira, e tu não has de ouvir os teus criados quando disserem na tua ausencia: *Assim he que lhe chamaõ.*

= Quão amarga he esta ironia, disse ella chorando; porém perdõote.... Onde está a tua futura? He necessario que a veja. Onde está ella?

= Não está longe daqui; porém não queiras vê-la. Amelia, como poderias supportar sem córar a vista

(45)
daquelle ente puro, e innocente?... Com que titulo hei de apresentar-te, quando toda a cidade conhece a tua conducta? »

Então Rosa sahio repentinamente do gabinete, e chegando-se para Amelia com hum amavel rubor, disse-lhe: « Desejais conhecer-me, minha Senhora; eu he que sou a futura de vosso primo. Desde a vossa infancia o conheceis, e eu hei de receber com reconhecimento todos os vossos conselhos ácerca do que he necessario fazer para a sua felicidade, que tambem será a minha. »

Amelia attonita com esta repentina apparição, ainda mais espantada ficou quando reconheceo aquella que outrora tinha despedido tão duramente; porém recobrou a sua serenidade, e disse-lhe com ar de soberba: « Não pensava que me estivesseis escutando nesse gabinete.

= Foi a vossa chegada que fez com que eu alli entrasse, respondeo Rosa com hesitação.

= Oh! não duvido disso, » re-

plicou Amelia (46)
dor. E voltando-se para mim
crescentou ironicamente: « Eu
dou os parabens, meu querido
mo, de haverdes encontrado
anjo de virtude que se esconde
vossa alcova, e diante do qual,
pesar de quanto dizeis, nonhum mo-
tivo tenho de envergonhar-me.

= Oh! defendei-me, disse Rosa
sa aproximando-se de mim com ti-
midez.

= Escolheis hum máo advoga-
do, replicou Amelia; hum hypocri-
ta que condemna nos outros fragili-
dades que elle mesmo tem. »

Apenas tinha acabado de dizer
estas palavras, quando o Barão en-
trou no meu quarto como hum furio-
so, gritando: « Ah! estais cá! »
E chegando-se para Amelia, exha-
lou a sua cólera em horrorosas pra-
gas. A pobre rapariga consternada
debalde se metteo entre nós ambos.
No seu furor, agarrou-me por hum
braço, eu fiz outro tanto; e naquel-
le mesmo instante a guarda que se

(47)
hia render passando por baixo das
janellas, o motim dos tambores não
nos deixava ouvir o que diziamos,
sem embargo de que animados pela
cólera, falavamos muito alto.

Durante esta algazarra vi en-
trar arrebatadamente hum velhinho,
vestido de pardo, que se aproximou
tremendo de raiva, da pobre Rosa.
Ella ficou tambem consternada com
esta vista, e escondeo o rosto nas
suas mãos. « Que fazes aqui, desa-
vergonhada? » exclamou elle pegan-
do asperamente no braço de Rosa.
E levou-a comsigo á força.

« Ah! ah! eis huma linda so-
ciedade, » exclamou o Barão rindo
desdenhosamente. E levou comsigo
Amelia, que estava em hum tal es-
tado de afflicção, que não lhe pôde
dizer huma só palavra.

Ainda não tinha tornado a mim
da perturbação que me tinha causa-
do esta scena, quando ouvi bater de
novo a porta com força.

« Sou o mestre Muller, me disse
o homem vestido de pardo, e en-

trando; peço-vos que desculpeis a minha entrada arrebatada de agora.

= Ah! Senhor, lhe disse eu sorrindo, sois hum homem honrado, a quem muito estimo.

= Honrado, e sem cerimonia, eis a minha divisa, Senhor, merecedo elle; porém não he de mim que se trata neste momento.

= Ah! repliquei eu, sem dúvida quereis falar da vossa linda sobrinha, daquella amavel, meiga, e innocente Rosa.... He hum anjo celeste de formosura, e virtude, que adoro com a mais viva paixão, e a quem, se vós o permittirdes, o amor o mais terno, e o mais puro tornará feliz.

= Que verbosidade! exclamou o velho. Não me admiro que semelhantes frases corrompaõ hum joven, e innocente coração, e destruaõ todos os sentimentos de virtude, e de Religiaõ. Lastimo-a; a pobre rapariga he desculpavel. Porém vós, Senhor, não o sois, em abusar desse modo

da sua simplicidade, e da sua innocencia, e expô-la ao desprezo público.

= Convenho, repliquei eu, que as apparencias são contra mim; porém dou-vos a minha palavra, meu querido Senhor, que não haveria seducção, nem desgraças domesticas, nem lagrimas paternaes, nem mesmo divorcios, se todas as mulheres fossem tão castas, e tão virtuosas como Rosa. Além de que, se de direito a mulher deve estar com seu marido, que mal póde haver em que a futura esposa esteja ao lado do seu noivo?

= Acabai com estas frases, Senhor, exclamou o homem batendo com a sua bengala no chão; não se trata aqui de falar; cada qual póde seduzir huma joven, e roubar-lhe a sua honra. Porém depois do escandalo que destes, he necessario caçar com Rosa, ouvistes?

= Não vos agasteis tanto, homem estimavel, lhe disse eu com doçura; o que acabais de dizer foi

sempre o objecto dos meus mais
ceros votos, e o vosso consentimen-
to fará a nossa mutua felicidade.
Sempre tive as mais puras inten-
ções....

= Realmente! disse elle em um
mais brando; pois bem! vou man-
dar publicar os banhos, e lavar o
contrato.

= Ah! Senhor, satisfazei a mi-
nha impaciencia, e alcançai-me
uma dispensa dos banhos.

= Sem dúvida receais algum im-
pedimento?

= Não, Senhor! eu só receo
que não quizesseis dar o vosso con-
sentimento.

= Bem está! eu vou tratar da
dispensa. Talvez que hum e outro
em breve vos arrependais do passo
que ides dar; porém.... ahi não
ha meio termo, he muito melhor
que minha sobrinha seja esposa in-
feliz, do que ser huma.... huma....
salvo o respeito que vos devo, con-
mo a senhora vossa prima.

= Não receeis cousa alguma,

Senhor; vossa sobrinha ha de ser
humas esposa feliz.... " Dizendo
estas palavras acompanhei cortez-
mente o querido tio até ao fundo
da escada.

O meu coração consolado com
este desfecho mais feliz do que eu
esperava, voltei para o meu quar-
to; e depois de ter descansado de
todas as commoções que tinha ex-
perimentado, lembrei-me do meu
manuscrito, que resolvi concluir an-
tes do meu casamento. Peguei da
penna, e continuei a escrever.

*Continuação da historia de Angelo
di Amone.*

Deixámos Angelo, e a sua com-
panheira de viagem caminhando pe-
la posta. Já tinhaõ atravessado os
Alpes, e saudáraõ com transporte
as romanticas regiões da feliz Hes-
peria. As distracções de huma via-
gem são o mais efficaç remedio con-
tra os desgostos; ellas foraõ suavi-
sando pouco a pouco a viva dôr de

Angelo, e mitigando o pesar que Cecilia experimentava de fugir para longe da sua terra natalicia. A medida que a tranquillidade renascia em suas almas, o seu affecto, e huma reciproca confiança forão insensivelmente estreitando os laços da mais terna amizade.

Nas risonhas margens do lago de Garda, hum casal solitario, obumbrado de antigos platanos, offerceo hum delicioso asylo aos nossos viajantes. Angelo o comprou, e ahi se estabeleceo com Cecilia. Passáram tres mezes retirados de toda a sociedade naquelle isolado retiro. Suas recordações, e huma amizade pura, e fraternal tornavaõ deliciosos todos os seus instantes, e o suave habito da sua innocente intimidade foi insensivelmente mitigando os seus dissabores. Angelo cada dia se firmava mais na idéa de que tinha perdido Augusta para sempre, e de que magoas, e lagrimas inuteis faziaõ senão abreviar inutilmente os seus dias. Tratava de convencer a

Cecilia disto, e esta terna irmã era absolutamente do seu parecer. Hum dos seus amigos na Allemanha, com quem elle estava em continua correspondencia, escreveo-lhe hum dia o que se segue:

Em breve, meu querido Angelo, teremos o gosto de vêr-te restituído á tua patria. Augusta está justa para casar com o Duque de ***; e logo que o casamento se tenha concluído, has de ser chamado. Falei com a aia; ella gracejou muito ácerca do ephemero enthusiasmo da mocidade, que tinhaõ tomado por huma verdadeira paixã; alargou-se muito principalmente sobre as extravagancias (como ella lhes chama) que tinhas pratidado no Convento, e falou com desdem do rapto de Cecilia, accrescentando que esta noticia havia decidido Augusta a esquecer-te para sempre....”

O correio chegou á meia noite.

Angelo consternado com esta noticia, sentio a mais viva commoção atormentado alternativamente pelos sentimentos do amor enganado, e do amor proprio offendido, esteve a ponto de entregar-se á mais violenta desesperação. Porém ao mesmo tempo a secreta ternura que Cecilia lhe inspirava, e que sem elle o perceber augmentava cada dia, induzio-o a confiar as suas mágoas á quella fiel amiga. Entrou no quarto onde ella dormia; e acordando-a, deo-lhe a carta exclamando: « Eis como o teu sexo guarda os seus juramentos; ella me atraicôa, e dá a sua mão a outro. Esquece-me, e despreza-me ao mesmo tempo. »

Cecilia sentio hum passageiro movimento de alegria quando ouviu as primeiras palavras deste discurso; porém quando elle acabou, disse-lhe: « Não, meu amigo, isto não pôde ser, ella he incapaz disto. »

— Augusta me despreza, e esquece-se de mim, continuou elle, porque associei a minha sorte á tua,

e te salvei da tua ruina, porque a bruxa da Superiora de hum Convento me embriagou com o seu vinho que me fez disparatar alguns instantes... E por amor de quem me renuncia ella? por huma ridiculissima figura que nunca ha de saber apreciar o thescuro que me rouba. Elle eu adorava com fervor religioso, e eu adorava com fervor religioso, e destroe hum paraíso que os Anjos me houverão invejado. Arrebata-me hum coração preferivel a todos os thronos do mundo. Ó Augusta! como pudeste mudar tão repentinamente? Se não a tivessem violentado, ella teria deixado a purpura para seguir-me; ella teria despresado os prejuizos vulgares, e o meu amor ter-lhe-hia servido de pompa, e de grandeza... Oh! nunca me conheste, ingrata! Tu não suspeitavas até que ponto eu te amava, nem quaõ custoso era o sacrificio que o meu coração te fazia. »

Cecilia estava muito de accordo ácerca de tudo quanto elle dizia, e

prodigalisava-lhe inutilmente as mais ternas consolações; elle parecia não perceber-la. De repente levantou-se como se sahisse de hum sonho, e exclamou abraçando Cecilia com entusiasmo: « Sim, amiga incomparavel, estou decidido a isso, quero esquecer a infiel, has de ser minha esposa, e apresentar-nos-hemos aos seus olhos, na Côrte, e em todas as funções. A minha presença fará o seu supplicio, e o nosso mutuo amor perturbará o seu socego.... Desde já, Cecilia, és minha, e amanhã a nossa uniaõ será abençoada junto do Altar.... Ó Cecilia! não hei de existir senão para ti, e has de ser o unico objecto do meu amor. »

Embriagada de amor, e de felicidade, e attonita com esta inesperada declaração, que foi acompanhada das mais ternas caricias, Cecilia não conheceo naquelle afortunado instante a que fonte impura ella devia os seus transportes amorosos; entregou-se ao sentimento de

humã paixão reciproca, e a voluptuosidade tendo cativado todos os seus sentidos, não despertou senão no dia seguinte nos braços do seu amante.

Huma faisca da lampada de Psyche acordou outrora o Amor adormecido, que logo fugio; porém foi humã lagrima ardente que cahindo no seio de Angelo, o arrancou do seu adormecimento. Abraçou ternamente a sua amante, e com os seus carinhos, e juramentos suspendeo a torrente de lagrimas que ella derramava.

No dia seguinte partio para Verona para ordenar os preparativos do seu casamento. Queria que o Bispo abençoasse a sua uniaõ, e que as principaes pessoas da cidade fossem testemunhas della.

Engolfado no mais doce delirio, foi-se lembrando pelo caminho de todos os instantes passados que tinhaõ relação com Cecilia: aquelle em que a víra pela primeira vez, e que tão espantado o deixou da sua formosura

ra; o baile da Côrte, onde elle lhe viu seu protector, e a entrevista que elle lhe seguiu naquella noite. A sua memoria recordou-lhe vivamente todas as singulares situações em que se tinha achado com ella. Lembrou-se com enternecimento da doce sympathia das suas almas, dos ternos cuidados que ella lhe havia prodigalizado durante a sua molestia, e de todos os desgostos que o seu sensível coração experimentára por amor d'elle.

Parou repentinamente a sua sege, e com extremo espanto reconheceo o preto da Princeza, que lhe entregou huma carta escrita pela mão de Augusta. Apenas teve forças para fazer algumas perguntas incoherentes áquelle negro, o qual lhe disse que lhe haviaõ recommendado a maior celeridade, e que tinha caminhado pela posta dia, e noite.

Angelo abriu a carta, e todo tremulo lêo o que se segue:

« Nunca dei credito aos discursos da calumnia. Se consenti por

» fim em tristes desposorios, fi-lo unicamente para conservar os dias, ameaçados de grande perigo, daquelle, a quem sempre amarei. Meu pai morreo hontem de humo terrivel apoplexia, e choro sinceramente a sua perda. Com tudo a minha dôr he mitigada pela liberdade que esta morte me dá de dispor da minha mão a favor do honorem, que desde o primeiro momento foi a unica escolha do meu coração, e que espero não tardará em vir ter com a sua fiel Augustata. »

Com esta leitura Angelo cahio quasi sem sentidos no fundo da sua sege.

Tinha eu chegado a este ponto, quando minha prima entrou desfeita em lagrimas, e exclamando: « Oh! meu amigo! venho implorar o teu soccorro. Protege-me! O Barão está furioso, e accusa-me de traição; quer abandonar-me, »

disse-me mil improperios na presença de todos os criados. Volto para aqui com todos os nossos trastes.

— Isto esperava eu, » lhe disse eu commovido. Porém ella continuou chorando:

« Tu és a causa de tudo isto. O Barão soube que nos encontramos outro dia no bosque. Oh! quantos dissabores tenho tido por amor de ti! Eu disse-te milhares de vezes que os teus ridiculos arrebatamentos haviaõ de destruir toda a minha felicidade.... Porém, pelo amor de Deus, meu rico, vai ter com elle, fala-lhe; a tua propria honra está interessada nisso.... dize-lhe que não nos vimos sem testemunhas; em fim trata de o convencer; a minha vida depende disso. Oh! peço-to de joelhos, vai falar-lhe. »

Extraordinariamente commovido do estado em que a via, levantei-a, e disse-lhe: « Querida Amelia! se lhe falar, derramar-se-há sangue, porque esta desavença não he senão não hum pretexto para deixar-te. Os

malvados, taes como elle, deitaõ fóra o limaõ depois de lhe terem espremido o succo.

— Oh! meu amigo! continuou ella com o accento da mais profunda desesperaçõ, he huma infeliz mãi que te implora em nome do filho que traz no seu ventre. Vê as minhas lagrimas.... Eu não sobre-viverei á minha deshonra, e o rio será a minha sepultura, se me não salvar. »

Naõ pude resistir ás suas instancias, e desci. Porém logo vi o Barão metter-se na sua brilhante carruagem. Partio, e o criado voltou-se ainda para mim com ar mofador. Ah! de todas as grandezas da pobre Amelia, não ficou em casa senão a palha que tinha servido para enfiar os trastes, que ella de novo tornava a trazer.

« Acaba de partir, » disse eu a Amelia quando voltei.

Apenas tal ouviu, cahio desmaiada em meus braços.

Eu estive a ponto de me succeder

outro tanto, e exclamei: « Maldito! no inferno serás julgado; e esta deploravel victima da tua peridia será vingada.

= Ah! meu Deos! eu morro, disse Amelia abrindo os olhos, e estendendo para mim as suas trémulas mãos.

Procurei socega-la, dizendo-lha que toda a esperanza não estava perdida. Então exclamou: « Oh! minha mãe! minha mãe! » e hum torrente de lagrimas alliviou o seu oppresso coração.

« Tua mãe está cá? lhe perguntei eu.

= Não! replicou ella, deixei-a no campo, doente, e padecendo muito. Oh! meu amigo! depressa, depressa huma sege; quero ir já, já, tratar della, » exclamou fitando em mim os olhos com ar supplicante.

Mandei logo buscar huma sege, e disse á minha criada que a acompanhasse.

Depois della ter partido, e ter-se a minha commoção serenado, tornei a pegar na penna.

Continuação da historia de Angelo di Amone.

A carta de Augusta produzio hum effeito magico no coração de Angelo, e a sua imaginação representou-lhe a Princeza cercada de todo o esplendor dos seus encantos, e da sua graduacão. O seu antigo amor despertou-se com mais força do que nunca, e a sua vaidade lisonjeada offercia-lhe em perspectiva todos os prazeres que podiaõ satisfazer os seus desejos. Os manes dos seus antepassados pareciaõ surgir dos seus tumulos lembrando-lhe a nobreza da sua origem, e estas idéas foraõ insensivelmente enfraquecendo a imagem de Cecilia, pela qual já não sentia quasi senão hum debil sentimento de dever, e compaixão.

« Que hia eu fazer? exclamou elle. O descendente de tão illustres avós, o feliz amante de Augusta, iria representar o papel infantil de hum pastor apaixonado?.... Des-

graçada illusão! que me fizeste esquecer em hum instante de delirio a ordem a que pertenco, e a minha dignidade, que hia sacrificar a hum louco amor. . . . Porém Cecilia tem bastante character, e bastante sisão para vêr que eu não posso resistir ao meu destino, e em breve ella não ha de considerar a nossa curta união senão como hum romanesco desvario, demasiado doce para inspirar arrependimento, e demasiado passageiro para ser lamentado. Huma fortuna certa substituirá as suas esperanças, e eu não porei limites á minha generosidade, e reconhecimento. »

Entretanto a pobre Cecilia debalde esperava, desde o romper da aurora, a chegada do seu amado. Os seus olhos alagados em lagrimas estavaõ fixos na estrada de Verona. Em fim avistou huma nuvem de poeira que se levantava ao longe, e o seu coração já palpitava de alegria. Mas ah! em lugar de Angelo não vio chegar senão hum criado que lhe trazia huma carta.

Abrio-a toda trémula; porém, ó dôr, o seu conteudo gelou-a de terror. Apenas podia dar credito a seus olhos: quanto lhe acontecia parecia-lhe hum sonho funesto. Lêo, e tornou a lêr esse fatal escrito que lhe annunciava a sua desgraça, e que derribava as suas mais bellas esperanças. Angelo enviava-lhe huma doação da quinta, e huma consideravel somma; porém isso não a indemnizava dos cruéis tormentos que o seu sensivel coração experimentava. Não rompeo em estereis exclamações; a sua alma desde muito tempo acostumada a supportar o peso da dôr, cahio na mais profunda, e sombria desesperação.

Tinha eu chegado a este ponto, quando o sol que se hia pondo, vibrou os seus raios sobre o meu papel, e produzio as mais lindas refrações a travéz dos vidros. Larguei a penna; e deixando a infeliz Cecilia entregue á mais pungente dôr, em quanto o seu infiel amante só se occupava da

sua amorosa fuga, eu não pensava senão na minha amavel Rosa. Quando cheguei, encontrei seu pai vestido, e prompto para sahir. Apertou-me affectuosamente a mão, e testemou-me a satisfação que tinha em conceder-me a mão de sua filha. Depois de algumas palavras em que eu exprimia o gosto que me dava o seu consentimento, pedio-me que o desculpasse de vêr-se elle obrigado, para satisfazer ás suas obrigações, a deixar-me, e quando sahio fez-me signal com a mão que fosse vêr sua filha.

Depois de ter subido alguns degrãos, senti algumas vozes desconhecidas no quarto, e parei para escutar. Eraõ algumas jovens amigas de Rosa, que brincavaõ humas com outras, e conheci que falavaõ de mim.

« Canta elle bem? perguntou humma.

— Supponho que sim, respondeo Rosa, porque o som da sua voz he

muito melodioso, e agradavel quando fala.

— Quão feliz has de ser! disse outra. Elle dar-te-ha lindos vestidos, e bellos chales, e levar-te-ha as grandes assembléas.

— He elle muito terno, muito amoroso? perguntou a terceira.

— Oh! elle he todo amor, respondeo Rosa; quizera que chegasse neste mesmo instante, entãõ verieis quanto elle he amavel. »

Ao ouvir estas palavras bati á porta, e achei-me no meio dessas jovens, que deraõ mostras de grande espanto com esta súbita appareçaõ. Rosa correo apressadamente a lançar-se em meus braços, e depois de ter-me abraçado ternamente, apresentou-me as suas tres amigas. A loura Frederica era a filha do coureiro; Minna, a do escrivaõ; e Henriqueta a filha mais velha do recebedor dos direitos.

« Entãõ! que vos parece? porventura exagerei muito? » perguntou Rosa com hum ar triunfante que

as fez córar a todas tres. Ficárao
taõ turbadas, que naõ souberaõ que
dizer.

Em fim Frederica foi a primeira
que rompeo o silencio, e disse: « Já
principia a fazer frio; » e embrou-
lhou-se no seu chale.

« O minhas amigas, admirai co-
mo o sol, no seu occaso, doura a-
quellas nuvens, » disse com hum
certo ar de sentimentalismo a tími-
da Minna, aproximando-se da ja-
nella que estava aberta.

Naõ houve senaõ Henriqueta que
se afoutasse a fazer-me alguns cum-
primentos ácerca do meu futuro ca-
samento, que acompanhou de pom-
posos louvores das minhas obras,
que dizia ter lido com summo inte-
resse. Desviei a attençaõ destes ex-
cessivos elogios dessa moderna Mi-
nerva, fazendo cahir a conversaçãõ
sobre outro assumpto; e falámos das
obras immortaes de Schiller, Goethe,
João Paulo, La Fontaine, e tantos
outros que saõ a honra, e gloria da
litteratura Allemãa. Todavia ao mes-

mo tempo que conversava, lançava
eu os olhos á amavel Rosa, que me
ouvia com hum inexplicavel trans-
porte; e algumas vezes encontrava
es bellos olhos pretos, e vivos da
inda Minna, que no mesmo instan-
te os abaixava.

A insignificante Frederica obser-
vou por fim, arranjando o seu cha-
le de hum modo pittoresco, que se
fazia tarde; e dentro de hum quar-
to de hora fiquei só com Rosa.

Ella saltou-me ao pescoço com
a maior ternura; falámos da nossa
futura felicidade, e naõ pudemos deĩ-
xar de rir lembrando-nos das angus-
tias que nos havia causado a recu-
sação do tio Muller, e que taõ fe-
lizmente se haviaõ terminado.

« Elle estava furioso esta manhã,
disse-lhe eu, quando taõ arrebatada-
mente te obrigou a sahires com el-
le.

— Oh! meu amigo, me respon-
deo ella, que horrivel susto tive!
Nunca na minha vida corri tanto.
Meu tio arrastava-me apoz de si

com tal rapidez, que parecia que eu quizeria fugir; e estava tão envergonhada que não ousava levantar os olhos. Chegando a casa, encontrei meu pai á porta, que pareceo até certo ponto ser do parecer de meu tio; e logo que este sahio, olhou para mim com ar grave. Então lançei-me ao seu pescoço, e abracei-o ternamente. « Rosa, me disse elle com huma expressão dolorosa, lembra-te de tua mãe! » Ao ouvir estas palavras, puz-me a chorar, e assentei comigo mesma de nunca mais vos vêr sem testemunhas... Porém já he tarde; adeos, meu querido amigo! »

= Permite-me, querida Rosa, que ainda fique hum instante contigo; não he muito tarde.

= Para nós já he tarde demais.

= Prometto de ser muito assisado, e discreto.

= O meu amante que morreo nunca promettia, e era sempre assisado.

= Sempre o teu defunto ha de

vir á balha; dás-me desgosto com isso, minha querida Rosa.

= Não o leveis a mal, meu querido! ainda salamos delle muitas vezes quando estou com sua irmã Minna... Elle era tão bom rapaz!...

A proposito, não sabeis que agradeis muito a Minna?...

= Muito o estimo! aquella menina parece-me muito amavel, e interessante.

= He a melhor rapariga do mundo todo, e tem hum coração muito sensível. Em quanto ella cá esteve, não vos perdeo de vista hum só instante.

= Na verdade, ella tem huns olhos muito expressivos.

= Agrada-vos, meu amigo?

= Certifico-te que muito.

= Ah! quanto estimo isso. Assim a minha amizade com ella continuará a ser tão íntima, como tem sido até agora.

= Mas, minha rica, não receias que ella possa tornar-se perigosa?

= Que tenho eu que recear!
me amais vós?

= Oh! minha querida Rosa,
amor he huma virtude muito ar-
cada, e que degenera muito facil-
mente.

= Não, meu amigo! nos cora-
ções honrados o amor não degenera.
Amai sempre a Minna como pesa-
de amizade; não vejo nisso perigo
algun, e não hei de ter ciúmes.

A sege que tinha conduzido a
melia estando de volta, parou á
portas da cidade, e eu aproveitei-
para voltar para minha casa. Logo que
acabei de ceiar, puz-me a escrever.

*Continuação da historia de Angelo
di Amone.*

A Princeza Augusta contava os
dias e as horas, e entendia que An-
gelo já podia ter chegado. Entre-
tanto a aia achava-se no maior em-
baraço; ella presentia funestos a-
contecimentos, porque desde a mor-
te de seu pai, a Princeza havia por-

ativamente prohibido que lhe falas-
sem nas suas desgraçadas nupcias;
ella havia empenhado o joven Prin-
cipe seu irmão, a afastar o noivo,
e declarava que estava decidida a
viver, e morrer livre. O Principe
que amava extremosamente a sua
irmã, e que nunca tinha gostado
do Duque de ***, assentio com gos-
to ao que ella pedia; e cedeo-lhe
o castello de Wildthal com as suas
dependencias, para ahi estabelecer
a sua residencia.

Debalde a aia empregava toda a
sua eloquencia para falar-lhe dos seus
deveres, da sua alta graduação, e
do pernicioso exemplo que a sua con-
ducta hia dar; a sua alma não pen-
sava senão em Angelo. Estará elle
doente? terá morrido? ou o que era
peior do que tudo, ter-lhe-hia elle si-
do infiel? Consternada com esta in-
certeza, mandou segundo expresso
depois do preto.

Huma noite em que todos os ha-
bitantes de Wildthal estavaõ sepul-
tados no somno, a Princeza era a

única que ainda não tinha pregado o olho, e estremeceu sentindo os passos de alguém que parecia aproximar-se do seu quarto. Já se tinha levantado para tocar a campainha, e acordar os guardas que dormiam na ante-câmara, e lembrou-se que talvez Angelo, conduzido pelo amor, se tivesse introduzido no castello, e nesta anxiedade prestou ouvido mais attento.... Porém qual foi o seu espanto, quando a porta secreta da alcova se abriu, e viu apparecer Cecilia pallida, e trémula, que se lançou a seus pés desfazendo-se em pranto! « O Princeza, disse ella em voz baixa, a força das circumstancias, e a minha triste posição devem fazer-vos perdoar-me o meu procedimento.... Devia aproveitar a obscuridade da noite para penetrar até aqui... »

— Não, Cecilia, respondeo Augusta; he em pleno dia, á vista de toda a gente, que te quero dar provas da minha amizade. Foi por minha causa que tanto soffreste.... »

Vem sentar-te a meu lado; conta-me onde estavas? Lembravas-te ainda de mim? Que soubeste de Angelo? Mas pareces doente; estás pallida como a morte. Oh! muito culpada sou.

— Eu, Princeza, he que sou a única culpada, respondeo Cecilia. Ah! durante hum instante fui demasiado feliz.... »

A Princeza muito occupada das suas proprias idéas, não tinha ouvido estas ultimas palavras; ella continuou: « Ha muito que o espero.

— Eu tambem de balde o esperarei, disse Cecilia suspirando.

— Então a sua imagem não se apartou hum só instante do teu coração?

— Ella ha de seguir-me á sepultura, » replicou tristemente Cecilia.

Então a Princeza tomou-lhe amigavelmente a mão, e disse: « Nunca deixarás essas lúgubres idéas de morte, e de sepultura?... Porém dize-me para onde tinhas ido? Por que razão me não escreveste?

(76)

= Acompanhei Angelo na fuga; elle foi o meu protector.

= Cecilia, não zombes comigo; a calumnia quiz que eu descredito a hum conto semelhante; porém eu ouvia-o rindo, porque conheço o teu coração, e a tua virtude.

= Ó Princeza! que terieis feito no meu lugar? Opprimida pela cólera de vosso pai, perseguida pela odiosa paixão de vosso irmão, e pela indignação de meu tio, que partido me restava? O homem que o meu coração adorava, apertou-me entre os seus braços, jurou que me serviria de irmão, e de protector... Eu confiei nos seus juramentos....

= Infeliz! he pois verdade que me trahiste?

= Não sejais injusta; elle estava perdido para vós. A voz pública, e as cartas da capital annunciavaõ o vosso proximo casamento. Succumbindo debaixo do pezo da sua pungente dôr, elle procurou consolações no seio de huma amiga, e acabou por offerecer-me a sua mão.

(77)

= Pérfida! ingrata! não digas mais. Retira-te da minha presença, exclamou a Princeza.

= Elle foi para Verona apressar os preparativos, continuou Cecilia; e accrescentou suspirando: « Porém elle não voltou.

= Ah! não voltou.... Bem vês, mulher louca, e orgulhosa!

= Ah! nunca tive orgulho, sou só desgraçada.... A desesperação fez com que voltasse para a minha patria, e o acaso fez que o encontrasse no caminho.

= Oh Deos! onde está elle?

= No Convento de S. Jaques, no lugar onde me foi receber quando partimos.

= Ah! consolas-me; elle não está longe daqui, disse a Princeza mais socegada.

= E todavia está mais afastado para vós, e para mim do que nunca, replicou Cecilia.

= Oh Deos! elle está doente?

= Não dá esperanza alguma.... A fadiga, os dissabores.... disse Cecilia soluçando.

(78)

= Tu és a causa da sua morte, exclamou Augusta irada.

= Não sou eu, respondeu Cecilia sorrindo-se dolorosamente. Deixei de a fatal quédá que deo no bosque nunca deixou de sentir huma dor no peito, e a precipitação com que fez a sua viagem, tornou a abrir as suas antigas feridas.

= Com que frio triunfo te comprazes a dilacerar o meu coração! Como tiveste animo de o abandonar naquelle estado?

= Foi por sua ordem expressa. Elle quer morrer nos vossos braços, nos braços do amor; e que a minha mão, a da amizade, lhe feche os olhos.

= Nada quero partilhar com huma criada, exclamou a Princeza transportada de cólera. Retira-te da minha presença, ente desprezível, quando não mando-te prender.

= Não, Princeza; ouví-me, disse Cecilia; vinde antes comigo, o tempo he precioso. A vista daquelle leito de morte me justificará.

(79)

A Princeza, transportada de raiva, e dôr, tocou a campainha. Porém Cecilia sem se perturbar continuou, lançando-se aos seus joelhos: Em nome de Deos, Princeza, não penseis agora em mim, lembrai-vos somente delle; leve-lhe eu huma palavra de amor; e de consolação da vossa parte; huma unica palavra, cuja recordação suavise a sua ultima hora, e o acompanhe além da sepultura... Oh! de joelhos vo-lo supplico, huma só palavra para elle!

A Princeza, exasperada, tocou ainda mais forte; e Cecilia receando ser preza, retirou-se precipitadamente pela mesma escada secreta por onde tinha entrado.

A campainha da Princeza não tinha por felicidade acordado ninguém.

Depois que Cecilia sahio, derramou ella huma torrente de lagrimas. O ciúme, a cólera, e a ternura agitavaõ alternativamente o seu coração; em fim o amor triunfou; e

(80)
disfarçada com hum denso véo, di-
rigio-se em segredo ao Convento
sim que rompeo o dia.

Porém a infeliz Cecilia chegou
primeiro, e achou peor o doente.
Quando a vio, hum debil sorriso
somou a seus lívidos labios, e en-
tendeo-lhe a sua ardente mão, que
ella inundou de lagrimas.

« Eis a minha ultima vontade, di-
se Angelo com voz moribunda, mos-
trando-lhe com o dedo hum embru-
lho lacrado que estava em cima da
meza; o meu testamento assegura-
te huma tranquilla existencia para
o futuro.

— A esposa seguirá o seu espo-
so, disse Cecilia levantando ao Ceo
os seus olhos arrazados de lagrimas.

— Viste Augusta? lhe pergun-
tou-lhe.

— Vi-a, e informei-a da vossa
situação. O amor, e a ira uividaõ
entre si o seu coração. Porém da ira
eu sou a causa; o amor sem com-
paração muito mais forte, não tem
outro objecto mais que a vós. »

(81)
A estas palavras elle pareceo sor-
rir-se, e disse com voz agonizante:
« Ente generoso! quanto te devo! »
Porém apenas acabou estas poucas
palavras, logo tornou a cahir em hum
lethargico somno.

Cecilia considerou-o com enter-
necimento, e disse suspirando: « Tu
dizes que eu sou generosa, pobre
Angelo! não sabes quanto isto me
custa.... Ó Pai celeste! tu que fos-
te a unica testemunha dos comba-
tes do meu coração, poderias tu con-
demnar o meu desejo de voltar para
o teu paternal seio? Murcháraõ to-
das as rosas da minha vida; já não
tenho nenhuma esperanças sobre a
terra, nenhum amigo, nenhum soc-
corro! O mundo frivolo olhará para
mim com desprezo, e contar-me-ha
no numero das mais despresiveis
creaturas; e o amor..., o mais ter-
no amor, não me offerece já senão
a sepultura.... Ah! que farei eu
da vida?... Só lá em cima, além
do tempo, e da vida, he que o torna-
rei a encontrar.... Sim! lá nos tor-

(82)
naremos a vér, e ficaremos unidos eternamente; lá, onde couaa nem ma nos separará. . . . Augusta quer existir para elle, viver com elle, porém o seu amor atrever-se-hia a segui-lo ao tumulto? . . . Digo não he ella capaz, a sua paixão não he senão hum sentimento terrestre. . . . E eu? oh! o meu amor está purificado de tudo quanto podia ter de mortal; nenhum sacrificio lhe poderia ser custoso. He debaixo dos seus olhos, debaixo dos olhos de Augusta, que quero gozar do triumpho de segui-lo. »

Neste instante Angelo, que parecia estar sonhando, exclamou:
• Augusta!

— Esteja ella ainda presente á tua imaginação durante alguns instantes desta vida terrestre! replicou Cecilia levantando os olhos ao Ceo. Em breve, Angelo, quando estes mortaes vinculos se quebrarem, quando estiveres naquellas felizes regiões onde chegarei antes de ti, então não pertencerás senão á tua fiel Cecilia. . . . »

(83)
Depois de ter escrito até aqui, larguei a penna; e reflectindo no defecho da sorte desta infeliz, disse ao comigo: « Que será desta pobre Cecilia? eis a questaõ. Não vejo meio nenhum de a salvar. Entes desta natureza não ouvem na sua exaltação, nem conselhos, nem consolações; encontraõ prazer nos seus tormentos, e não receião abraçar a morte como hum anjo salvador. Eu mesmo experimentei este sentimento, quando outrora estive a ponto de morrer pela ingrata Amelia; e com tudo a minha morte talvez não houvera servido senão de augmentar o meu egoismo, e o seu amor proprio. Devo ter muito merecimento, e muitos seductores encantos, havia de dizer-lhe a sua vaidade, visto que aquelle pobre Henrique antes quiz renunciar á vida do que á minha mão. »

• Não aconteceria o mesmo com Angelo, se se restabelecesse da sua enfermidade? Todos os sacrificios da generosa Cecilia, e a sua mesma

morte, não serviriaõ senão de lison-
 jear a sua vaidade; e não se esque-
 ceria em breve tempo della nos bra-
 ços de Augusta? Ah! se Cecilia pu-
 desse encontrar algum consolador que
 derramasse o salutar balsamo da re-
 signação, e do animo nas profundas
 chagas daquelle coração dilacera-
 do. . . . se o seu bom anjo viesse sus-
 tenta-la! Mas ah! elle fugio para
 sempre, desde o fatal instante em
 que ella cedeo ás funestas illusões
 do amor. . . . Que disse eu? para
 sempre! . . . Não! não! a miseri-
 cordia do amor eterno não tem limi-
 tes; a sepultura reconcilia o pecca-
 dor com a virtude, e com o Ceo. . .
 Porém Cecilia deixou por ventura
 de ser virtuosa? deo ella ouvidos a
 huma paixão desenfreada, e cedeo
 a terrestres desejos? Ah! o sacrifi-
 cio do seu socego teve huma mais
 pura origem. O amor o mais virtuo-
 so, hum reconhecimento sem limi-
 tes, e a certeza de ser sua esposa
 desculpaõ-na sufficientemente. De
 mais disso, almas puras como a sua

accumbem muitas vezes a huma
 ante de desvario, e de illusaõ, po-
 rem esta mesma queda não faz mais
 que eleva-las de novo a huma mais
 nobre, e mais sublime perfeiçaõ mo-
 Animado por estas reflexões, con-
 tinuei a escrever.

*Continuaçaõ da historia de Angelo
 di Amone.*

Era quasi sol posto quando Au-
 gusta chegou. Angelo dormia pro-
 fundamente. A doce Cecilia foi ao
 encontro da Princeza, e pegando-
 lhe na mão que inundou de lagri-
 mas, apertou-a ao seu coração. A
 vista daquelle leito de dôr aplacou
 o resentimento de Augusta; os olhos
 de Cecilia brilhavaõ com hum celes-
 te resplendor, e exprimiaõ os pre-
 sentimentos da eternidade.
 Foi a primeira que rompeo o si-
 lencio, e disse com voz baixa a Au-
 gusta: « Acaba de passar por huma
 grande crise, depois da qual ficou

nesta modorra. Porém o medico não goura muito bem disto, e se Deus o permittir, será salvo.

— Oh! Deos! elle será salvo, e repetio a Princeza, cobrindo com o lenço os seus olhos inundados de lagrimas.

« He para vós que elle tornará á vida... disse Cecilia. Só espero que elle acorde para livrar-vos para sempre da minha importuna presença.»

Augusta, extraordinariamente commovida desta grandeza de alma, abraçou-a apertando-a ao seu coração.

« Sou feliz, replicou Cecilia, visto que reconquistei o vosso coração. Ah! quem sabe se algum dia me não lastimareis... »

Neste instante Angelo, a quem o somno havia algum tanto fortificado, abriu os olhos, e viu com transporte de alegria o grupo que ainda se conservava abraçado. Cecilia foi a primeira que viu que elle tinha acordado, e ella mesma conduzio a feliz Augusta aos braços do seu a-

mante; depois retirando-se, pegou com mão trémula em hum vaso que continha huma bebida que ella havia preparado, e que devia acalmar todos os dissabores, e todos os tormentos do seu dilacerado coração. Ouvio que Angelo falava dos seus ternos cuidados, da sua grandeza de alma, e a fatal bebida por pouco não escapou da sua gelada mão.

Porém recobrou animo, dizendo consigo: « Porque hei de hesitar? Augusta está nos seus braços, e só a minha morte lhe póde dar descanso. »

Todavia Angelo, e Augusta chamáraõ ambos ao mesmo tempo por Cecilia. Parecendo-lhe ouvir a voz do destino, largou estremecendo a bebida, e voltou-se para o doente. Os terrores da morte, e a mais violenta desesperação se pintavaõ nas suas alteradas feições, e não ouvio as consoladoras palavras que Augusta lhe dirigia. Com esta vista Angelo sentio-se extraordinariamente commovido; acerbos remorsos, e si-

nistros presentimentos agitáraõ a sua alma. Com tudo, Augusta esforçou-se em socega-la, disse-lhe com muita doçura: « Vem, disse-lhe com a amizade, renascer para a esperança, e para a vida; o tempo, aquelle grande consolador, apagará a lembrança das tuas magoas; esquece-las-has, e acharás a felicidade ao lado de hum homem digno de ti, que eu te destino. »

Cecilia olhou para ella com arrependimento, e exclamou: « Eu esquecer! ser feliz nos braços de outro! Ouves, Angelo, ouves? Oh! nunca! nunca. »

Demasiado abalado com esta dolorosa scena, não pôde proferir palavra. Porém Cecilia arrancando-se com força dos braços de Augusta lançou a mão á fatal bebida; e em quanto a levava a seus labios hum celeste sorriso animou a sua desmaiada fisionomia.

Fui interrompido por hum mensageiro do tio Muller, que me man-

dou a dispensa promettida; a minha criada estava occupada em adornar o leito nupcial, e eu pensava com transporte de alegria na minha futura felicidade, quando senti abrir a porta do meu quarto. Voltando-me vi com espanto Amelia vestida de luto. Estava pallida, e vacillante; e aproximando-se de mim, perguntou-me o motivo dos preparativos que via fazer no meu quarto.

« Vou casar hoje, disse-lhe hesitando.

= Oh! meu Deos! exclamou Amelia, hoje? no mesmo dia em que o meu ingrato me abandonou para sempre. Que horrorosa sorte!

= E tua mãe? repliquei com hum triste presentimento.

= Ah! já não existe, respondo-me ella chorando amargamente... Junto da sua tumba lembrei ao Barão as suas promessas; implorei-o de joelhos... Julguei que elle se enterneceria; porém desculpou-se allegando as circumstancias, e offereceu-me huma bolsa cheia de ouro...

Atirei-a com indignação a seu pé, e venho refugiar-me em tua casa. O teu coração he demasiado humano, e sensível para repellir-me; e creio que és demasiado humano para me condemnares.

= Pobre prima! a minha casa sempre te será aberta, e te oferecerá hum asylo; porém Rosa he quem ha de decidir ácerca das nossas futuras relações.

= Então não ha dúvida que vais casar com ella? Similhante baixeza humilha-me mais que o meu proprio infortunio. Ó Henrique! não tardarás a arrepender-te disso.

= Amelia, vejo que a desgraça azeda o teu character....

= Não, meu amigo. Se fosse falsa, e injusta, enganar-vos-hia com fingidas caricias, e só na vossa ausencia he que falaria em desabono de huma rapariga intrusa na nossa familia, e para quem nunca poderia olhar sem ter vontade de zombar della. Como pudeste illudir-te, e abaixar-te a tal ponto?

= Enganas-te, Amelia, lhe disse eu. A innocencia, as graças, e a virtude elevaõ huma mulher, de qualquer condiçãõ que seja, a cima de muitas das suas similhantes. Porém basta... Caso hoje, e peço-te que não venhas perturbar a nossa festa. Ahi tens as chaves do teu quarto.

A criada veio interromper-me para dizer-me que a sege estava prompta.

Então Amelia pareceo entregar-se á maior desesperaçãõ; e exclamou: « Ó Deos meu! tende compaixãõ de mim! » e recolheo-se ao seu quarto cambaleando.

Metti-me logo na sege, e fui ás portas da cidade buscar Rosa para conduzi-la ao Altar.

Entrando em casa do meu futuro sogro, a linda Minna, irmãa do defunto amante, veio ao meu encontro. Usano com os meus direitos de noivo, cortejei-a ao passar, e quiz ir direito ao quarto de Rosa;

(92)
porém Minna poz-se diante de mim.
Reparei que estava pallida, e
seus olhos vermelhos annunciava
que tinha chorado. Varios enfilei
para o casamento, estava espalha
dos pelo quarto, e no mesmo instan
tante huma rajada de vento abrindo
a janella, levou a corôa de nyrto
que estava em cima da meza. Hum
sinistro presentimento fez-me estre
mecer. . . . « Muito vos lamento,
disse Minna soluçando. Fiquei hon
tem a noite até ás dez horas com
Rosa; ella estava mais silenciosa do
que era seu costume, e o som da
sua voz tinha alguma cousa de sor
lemne. Voltei esta manhã muito
cedo para ajuda-la a vestir-se. Jul
gai qual foi o meu espanto! Achei
a pobre Rosa de cama com huma
febre ardente; e logo que me vio,
disse-me com voz moribunda: « Es
tou perdida! sinto-me morrer. » Des
de aquelle instante tem ido sempre
a peor. »

Voei ao quarto onde ella estava,
e achei o pai inconsolavel junto da
cama de sua filha.

(93)
« Pobre Henrique! disse debil
mente Rosa esforçando-se para sen
tar-se. Porém tornou a cahir, e con
tinuou com mais força: « Viste-lo,
Henrique? »

« Não era senão hum sonho,
lhe respondeo Minna. »

Porém Rosa reforçando a sua
voz, replicou: « Não! não! não es
tava dormindo, estava tão acordada
como o estou neste mesmo instan
te. Sentia-me muito opprimida, e
levantei-me para ir buscar hum có
po de agua ao quarto visinho. Fazia
o mais bello luar. De repente senti
no braço o toque de huma gelada
mão; e voltando-me cheia de terror,
vi-o mui distinctamente. O seu ros
to era pallido como a morte; deo
hum profundo suspiro, e encostou a
cabeça sobre o meu hombro. . . . Eu
exclamei: Wolmar! E no mesmo
instante elle desapareceo, e cahi
sem sentidos no meio do quarto.
Não sei o tempo que ahi fiquei; mas
tornando a mim, achei-me na ca
ma. »

Então o pai disse-me em voz baixada: « Ah! achei-a pela manhã sem sentidos no meio da casa. »

Profundamente commovido com esta narração, e com a anxiedade que estava pintada na fysionomia da pobre Rosa, perguntei quem era aquelle Wolmar de quem ella falava.

« Era meu irmão, me respondeo Minna, o seu defunto noivo. »

Todavia a doente, agitada por huma violenta febre, não cessava de delirar, e falava daquella apparição com o extasis de huma inspirada. O pai penetrado da maior afflicção, levou-me para o quarto visinho. Ahi achei o medico, e perguntei-lhe com anxiedade se não havia esperança de a salvar.

« Quem póde preve-lo? me respondeo elle. As enfermidades são huma guerra entre o mal, e a natureza. Póde-se, por ventura, em quanto o combate dura, Senhor, domar o destino, e proclamar com certeza a victoria? Mas permitteme, Senhor, que vos pergunte se tendes confiança em mim? »

= A mais íntima, lhe respondi eu. Em todo o tempo tive o mais profundo respeito á sciencia do Medico; elle anda sempre ás mãos com o destino, e quanto mais desigual he a luta, mais honrosa he.

= Neste caso, peço-vos que me respondais com franqueza. Ereis amado?

= Assim o penso, lhe respondi com viveza.

= Muitas vezes nos illudimos, tornou o medico; examinai-o bem, Senhor; não vos terieis enganado á cerca dos sentimentos de Rosa, talvez julgasseis ser amor o que não era senão simples sentimento de estima, de amizade, e reconhecimento? Por ventura notastes na vossa futura, aquelle sentimento exclusivo que vai todos os dias em augmento? Perdoai a franqueza de huma pergunta que as circumstancias me obrigaõ a fazer-vos.

= Confesso-vos, repliquei hesitando, que nunca a vi muito apaixonada; porém attribuo aquelle so-

(96)
cego á doçura, e á igualdade do seu caracter.

= Não falou ella nunca do seu defunto amante? prosequio o medico.

= Ah! disse-lhe eu, mais vezes do que eu houvera desejado. Sempre falava delle nos seus discursos; e quando isto succedia era com huma especie de extasis.

= E com tudo pensastes ser verdadeiramente amado?

= Fazeis-me estremecer, disse-lhe eu a tremer.

= Se me não engano, continuou elle, julgo descobrir a causa da sua doença. Hum coração como o seu, não pôde amar senão huma vez... O amor acompanha o objecto amado á sepultura... Rosa não tem bens; o desejo de alliviar a velhice de seu pai, a quem ella ama; a estima em quem tem as vossas qualidades; huma certa benevolencia, e o seu reconhecimento para com as provas que lhe haveis dado da vossa affeição, pôdem te-la decidido a dar-vos a sua

(97)
amãõ.... Porém, vendo chegar o dia decisivo, o antigo amor, que estava sómente sopitado, despertou com toda a sua força. A sua viva imaginação, tão commum ao seu sexo, evocou de repente a sombria querida, e a sua consciencia tirou novos laços que está para contrahir.

= Não, Senhor, repliquei eu; estais enganado a este respeito.

= Eu conheci Wolmar, continuou elle, foi meu discipulo, e fui testemunha do quanto elle era amado.... Porém vós não podeis sympathisar inteiramente com Rosa... Para estabelecer huma reciproca felicidade, he necessario que o espirito tenha pouco mais ou menos o mesmo gráo de cultura. Rosa estava ao nivel do seu amante, que posta de parte a sua profissão, era manco de pouco talento. Vós pelo contrario sois-lhe infinitamente superior a este respeito.

No mesmo instante ouvimos a

doente que gritava com força: Wolmar! Wolmar!

« Ouvís, Senhor? disse o medico; eis a prova de que não estou enganado. » E entrou no quarto da doente.

Eu tinha ficado só com Minna, e hia fazer-lhe algumas perguntas, quando a minha criada entrou com precipitação, dizendo-me: « Senhora, vinde sem demora para casa; Mademoiselle Amelia está quasi á morte! »

Pedi ao medico que a fosse vêr, e entrei com Minna no quarto da doente.

« Eis-vos pois ahi ambos! » disse Rosa pegando na mão da sua amiga. Inclinámo-nos para abraçá-la; e como nos abaixassemos ao mesmo tempo, as nossas ardentes faces se tocárao.

« Henrique! disse-me a doente, Deos assim o ordena, não o duvides. Estou muito bem acordada, e perfeitamente senhora dos meus sentidos. . . . Légo-te a minha amiga,

a irmã do meu defuncto amante. . . . Desejo que tome o meu lugar. . . . »

Ditas estas palavras, Minna tirou a mão das da sua amiga, e occultou o seu rubor, e as suas lagrimas na almofada da doente, que continuou com voz moribunda: « Sinto-me peor; adeos, Henrique! não te esqueças de mim. »

Eu estava tão abatido, que não podia responder-lhe senão com soluços. Os meus olhos errantes, e cansados de chorar, ora se dirigiao á sensível Minna, que parecia o anjo consolador á cabeceira daquelle leito de morte, ora para as feições alteradas da pobre Rosa, cujos olhos fixos já pareciao procurar o seu amante na Eternidade.

O pai pedio-me que me retirasse. « Quer minha filha morra, quer escape, não póde ser vossa esposa. Sois digno de encontrar hum coração livre, que seja capaz de fazer a vossa felicidade. »

Inclinei-me ainda com a mais

viva dôr sobre a cama da pobre
 sa que estava agonisante; e levan-
 tando-me encontrei os olhos de Min-
 na, que os abaixou côrando, e pa-
 receo muito perturbada. Não lhe fa-
 lei, e retirei-me com o coração lacera-
 do, e entregue á mais sombria
 desesperaçã. A noite estava escu-
 rissima, e não se via brilhar nem
 ma estrella a travez das densas nu-
 vens; só alguns relampagos he que
 de quando em quando sulcavaõ ao
 longe os ares, e espalhavaõ huma de-
 bil, e passageira luz naquellas pro-
 fundas trévas.

Cheguei finalmente a minha ca-
 sa, e ao entrar no meu quarto, A-
 neliã cahio a meus pés. Soltei hum
 grito agudo.

Porém no mesmo instante ouvi
 huma voz melodiosa que me disse:
 « Acorda, Henrique! » e senti hu-
 ma maõsinha macia que passando so-
 bre o meu rosto, enxugava as lagri-
 mas que me inundavaõ as faces. A-
 bri os olhos; e vendo a minha Rosa

deitada ao meu lado, fiquei conven-
 cido de que tudo aquillo havia sido
 hum sonho. Com tudo tamanha im-
 pressã me tinha feito, que ainda
 estava todo trémulo.

« Acorda, me disse a minha que-
 rida Rosa; que sonho te atormen-
 tou tanto? Estiveste sempre a cho-
 rar; a tua almofada está alagada.

— Não me faças perguntas, mi-
 nha rica; os sonhos não valem a pe-
 na de que nos occupemos delles.

— Torna a adormecer, continuou
 ella, apenas saõ duas horas da ma-
 nhã. » E foi no meio dos mais ter-
 nos afagos de minha mulher que tor-
 nei a pegar no somno em seus bra-
 ços.

Acordámos bastante cedo com o
 canto de jovens meninas, que can-
 tavaõ na nossa antecamara hum epi-
 thalamio composto pela douda Hen-
 riqueta, no qual a *Aurora*, e o *Deos*
do dia coroavaõ o *Amor*, em quanto
todos os Deoses, e *Semi-deoses* do *O-*
lympto se regosijavaõ do nosso feliz
hymeneo, e celebravaõ as nossas
chammas, &c.

Ouvindo estes cantos alám-me a
 go de levantar-nos, gracejando muito
 ácerca do enthusiasmo poetico da no-
 sa amiga, e logo que apparecemos
 Henriqueta apresentou-nos o seu por-
 ma com huma fingida modestia, di-
 zendo: « Dignai-vos aceitar este
 ensaio de huma debil musa ainda no-
 viça. Não estou inteiramente descon-
 tente d'elle, e he huma das minhas
 melhores composições; porém fica
 muito abaixo do que houvera deseje-
 do fazer. » Agradeci-lhe sorrindo;
 e vendo que Minna se aproximava
 modestamente para offerecer hum
 lindo bordado que tinha feito para
 minha mulher, não pude deixar de
 minha mulher, não pude deixar de
 cótar lembrando-me do meu sonho
 da noite passada; e todavia os meus
 olhos encontravaõ-se a meu pesar
 com os della.

Em quanto mandei preparar al-
 guns frescos, as jovens meninas
 consideravaõ hum busto de Miner-
 va que estava desde muito tempo em
 cima da minha escrivaninha, sem
 que a sua influencia me tivesse ain-

da dignamente inspirado. Rosa dis-
 go hum pouco enfadada, que era
 o retrato de Amelia. Henriqueta a-
 chava-lhe alguma similhaça com sua
 mãe, e Frederica entendeo lá para
 si que era huma cabeça para cabel-
 leiras de nova invenção. Rindo da
 sua ignorancia, principiei a fazer hu-
 ma dissertação mythologica sobre as
 diversas attribuições daquella divin-
 dade; porém no meio do meu dis-
 curso, o meu auditorio preferio vol-
 tar-se para os adornos, e enfeites das
 bôdas, e examinar o enxoval de mi-
 nha mulher, que aos olhos dellas ti-
 nha mais attractivos do que as mais
 bellas allegorias da fabula.

Derepente Amelia entrou no meu
 quarto. Estava pallida, e desfigura-
 da, e os seus lagrimosos olhos an-
 nunciavaõ o estado da sua alma. Con-
 fusa com a vista daquellas meninas,
 fez com huma especie de confusão
 alguns cumprimentos de felicitação
 a Rosa, e logo veio collocar-se de
 alguma sómra debaixo da minha pro-
 tecção, abraçando-me, e derraman-

(104)
do algumas lagrimas. Assim que se
achou alguma cousa mais serena,
disse-me: « Não achas que a minha
nova prima se parece muito com a
Condessa de Holberg? »

— O cumprimento he lisongeiro,
disse eu a Rosa; aquella Senhora
he a mais formosa dama da Corte...
Com tudo ainda seria preferivel pa-
recer-se com a melhor. »

Então Henriqueta voltando-se pa-
ra a pobre Amelia com hum sorriso
desdenhosamente ironico, disse:
« Madama he sem dúvida huma das
pessoas da familia? »

— Mademoiselle, repliquei eu
carregando nesta palavra, he minha
prima, e mora em minha casa. »

A boa Minna, vendo a confusão
da desditosa Amelia, aproximou-se
della, e disse-lhe sorrindo-se: « Se
me não engano, Mademoiselle, fo-
mos companheiras de escola na nos-
sa infancia. »

— He verdade, » respondeo A-
melia, a quem estas poucas palavras
parecêraõ dar nova vida; e abraçou-a

(105)
com hum sentimento de amizade, e
reconhecimento. Vi com gosto que
minha mulher commovida com a si-
mulação de minha prima se juntou a
Minna para dissipar a sua tristeza.
Entretanto a sábia Henriqueta vol-
tou á minha escrivãinha, e folheou
o meu manuscrito. Isto fez-me lem-
brar de continuar o meu romance,
que os preparativos do casamento
me haviãõ feito esquecer. « Eis-me
quasi chegado ao desfecho, disse co-
migo; porém que será das duas a-
mantes se Angelo expira? E se Ce-
cilia morre do veneno que engulio,
que será do meu romance? Verda-
de he que desembaraçado daquella
infeliz victima do destino, o meu
heróe poderia ser elevado á ordem
de Principe, e desposar Augusta,
porém desse modo hum coração vir-
tuoso, e fiel, seria huma victima in-
nocente, e triunfaria a inconstancia.
A tendencia moral perder-se-hia.
Pelo contrario Cecilia espirando aos
seus olhos, torna-se hum exemplo
para todas as jovens que esquecem

os limites da sua condiçãõ; e a
desesperaçãõ de Angelo seguida
morte, seria huma liçãõ terrivel
para todos os homens que julgãõ
der zombar impunemente da inu-
cencia. »

Em quanto fazia estas reflexões,
as Senhoras foraõ-se retirando huma
depois da outra; e Rosa tendo ido
presidir ao governo da casa, pu-
me de novo a escrever.

*Continuaçãõ da historia de Angelo
di Amone.*

No momento em que Cecilia le-
vava a hebdida aos seus labios, An-
gelo, vendo pela vidraça da janella
arbustos cobertos de flores, pediu a
Cecilia que lhe fosse colher algu-
mas.

Solícita em satisfazer aos dese-
jos do doente, largou o vaso, de que
naõ tinha bebido senãõ metade, e
desceo ao jardim. Trazendo-as disse
comsigo: « Estas rosas terrestres
naõ o triste symbolo das que elle

roubou, e seraõ para elle hum
fatal presagio. Ah! eu hei de des-
apparecer antes dellas. »

Durante a sua curta ausencia,
Angelo tendo muita sede, pediu que
lhe dessem de beber, e Augusta
ignorando que o vaso que estava em
cima da meza continha hum mortal
veneno, deo-lho para beber. Cecilia
que entron no mesmo instante com
o ramallete, apenas vio a bebida
mortal nas mãos do doente, cahio
desmaiada junto da cama. A Prin-
ceza teve muito trabalho em faz-la
tornar a si; porém logo que Cecilia
recobrou os sentidos, lançou-se, com
o delirio da desesperaçãõ, sobre o
corpo quasi gelado de Angelo, cuja
constituiçãõ debilitada pela molestia,
mais promptamente se resentio do
effeito do veneno; depois desappa-
receo repentinamente.

Com tudo Augusta ignorando o
que se passava, attribuiu a condu-
ta de Cecilia aos combates do seu
amor com o dever. Na anxiedade
sem que se achava, naõ reparou que

as mãos do doente estavaõ geladas, e o lethargico somno que se apoderava insensivelmente de todos os seus sentidos pareceo-lhe huma coisa mais socegada, lembrou-se por tanto tempo de voltar para Wildthal, e com o coração cheio de enganosas esperanças, deixou Angelo, que nunca mais devia tornar a vêr.

Cecilia quando sahio do quarto do doente, foi refugiar-se na Igreja, e prostrar-se junto do Altar-mór. O espanto dos seus olhos, e a sua fysionomia, que exprimião a mais profunda desesperaçãõ, attrahirão a attençaõ de hum velho Ecclesiastico que estava na Igreja. Vendo aquelle veneravel anciaõ, pensou que lhe apparecia hum Anjo consolador, e abraçou os seus joelhos com o maior fervor; elle levou-a para hum confessorario, e as suas doces, e paternaes exhortações fizeraõ-lhe sentir a ineffavel misericordia do eterno amor, e infundirão algum socego na sua alma agitada. A ponto de

deixar hum mundo onde não tinha encontrado senão tribulações, suspirava pelo unico asylo que lhe offerecia a sepultura.

Porém no castello de Wildthal reinava a maior desordem. A aia, dando pela fuga da Princeza, estava na maior consternação, e despachou hum correio ao Principe. Os dias, e as noites passáraõ-se em angústias, e em inuteis pesquisas. Em fim o Principe partio em pessoa para o Castello de Wildthal, e passou a noite inteira no gabinete de Augusta, entregue ás maiores inquietações. O público ignorava a causa de todo esse alvoroço. Espalhou-se o boato que a Princeza, tendo cahido doente repentinamente, havia dito que queria vêr o Principe seu irmão, e que o seu estado não lhe permittia vêr pessoa alguma; e Augusta gozava de huma tão boa reputação que ninguem disso duvidou.

Entretanto, o preto, que hum accidente imprevisto havia demorado

(110)
no caminho, chegou ao castello. Ignorava elle absolutamente o que tinha passado, e declarou ao Principe o objecto da sua missã, accrescentando que Angelo se lhe anticipára, e que devia ter chegado havia alguns dias.

O Principe ouvindo esta noticia encheo-se de indignaçã, e reprehendeo a aia muito asperamente.

Nesse mesmo instante a minha querida Rosa entrou, e pondo-se a traz da minha cadeira lêo por cima do meu hombro o que acabava de escrever. O doce halito daquella querida mulher afagando as minhas faces, pareceo-me taõ delicioso como o zephiro da primavera. Voltei-me para ella, os nossos labios encontrã-se, e larguei a penna.

« Que scenas de horror, e de desolaçã! disse-me ella desviando os olhos do meu manuscrito. Porque não fazes, meu amigo, com que estes amantes sejaõ taõ felizes quanto nós o somos? »

(111)
= Felizes! repliquei eu; porventura não o foraõ já? Lembra-te que Dom Carlos, na immortal obra de Schiller, exclama: « Hum ins-tante de felicidade passado no paraiso não se paga muito caro com a morte. »

= Mas, respondeo Rosa, qual he o crime da infeliz Augusta? O amante morre pela mã da sua amante, e não deixa atraz de si senã dôr, e desesperaçã. Não teria sido muito melhor acabar por hum casamento, que teria socegado o leitor, e dissipado as idéas tristes, e melancolicas que esta historia lhe causarã?

= Minha querida, estes casamentos no fim de hum romance agradaõ-me muito pouco. Não posso deixar de pensar no futuro daquelles herões felizes de romances, e entã vejo-os desencantados; a chamma poetica apaga-se, e os bellos dias do veraõ saõ seguidos de hum outono frio, e chuvoso. »

Porém Rosa respondeo-me sorrin-

do-se: « Muitas vezes me tens dito que o amor ameigava os caracteres e tornava-os mais humanos, e como tudo tu fazes morrer as tuas personagens sem misericordia. A sorte de Cecilia causa-me o maior sentimento; Augusta he o maior sentimento; e não te posso perdoar a tragica morte de Angelo.

= Oh! minha rica, a morte não he senão huma passagem; a felicidade, e o tumulto são palavras synonymas. Não ha senão as almas vulgares que se julguem felizes com a existencia terrestre. Corações mais elevados só suspirão pela celeste patria, e esperão com impaciencia o instante de lá chegarem. O homem não póde ter verdadeira segurança senão na sepultura. Não somos por ventura toda a nossa vida crianças, gente insensata, bonecos..., sons discordantes que o temporal dispersa para hum e outro lado.... »

= Ao menos nós, replicou Rosa, sempre havemos de estar em harmonia; e apertou-me ternamente ao seu seio palpitante.

= Oh! minha filha, exclamei eu, a vida he com tudo muito apreziavel quando se passa contigo.

= Pois bem! querido Henrique, tratemos de gozar della. A proposito, pedi a Minna que jantasse conosco, assim como á pobre Amelia.

= Fizeste muito bem, minha querida! porém receio que o aspecto da nossa felicidade cause desgosto a essa desgraçada.

= Pelo contrario, respondeo Rosa; ella está tão triste, e tão melancolica, que he preciso dar traças para distrahi-la.

= Muito custará alcança-lo: hum coração dilacerado como o seu não encontra asylo senão no seio de seu pai celeste.... »

Rosa interrompeo-me dizendo: « Minna está em huma triste posição; desde que sua mãe morreo, he muito maltratada pelo escriptaõ seu padrasto. Que te parece, meu querido? Se a convidassemos a ficar conosco, o padrasto ceder-no-la-hia de muy boa vontade, e a sua companhia

TOMO II. H

(114)
seria huma salutar distracção para a pobre Amelia. De mais disso, ella não he pobre, e huma renda de douscentos escudos de que ella gozará muito a proposito.

= Por ventura precisas de socorros? lhe perguntei com espanto.

= Sim, meu amigo, respondeo ella sorrindo-se; isto ajudar-me-hia a executar hum pequeno projecto, que poderia augmentar os nossos rendimentos de hum modo muito honroso.

= Entaõ o que he?

= Bem sabes, me disse ella, que eu entendo de tudo quanto diz respeito ao officio de costureira. Amelia borda com perfeicção, e Minna tem muita habilidade para modas; estabeleceremos huma escola de raparigas. Quando ella estiver arranjada tambem nella farás o teu papel. »

Naõ pude deixar de dar gargalhadas de riso com esta lembrança.

« Naõ ha ahi cousa que desafia o riso, replicou Rosa; o nosso pro-

(115)
jecto naõ pôde falhar. Vamos, meu amigo, ajuda-nos a realisa-lo, e fa-me hum lindo prospecto.

= Ah! minha rica, peço-te que me dispenses deste trabalho; o meu offito he mais elevado, e espero alcançar o titulo de Conselheiro do Principe. = Oh! bello titulo que não rende nada! Naõ seria muito mais nobre consagrar os teus talentos a aperfeicóar o coração, e o espirito das meninas, de cuja educação nos encarregassem, e fazer dellas boas esposas, e ternas mãis?

= Fazei o que vos parecer; eu naõ quero entrar nisso de modo algum..... Lembra-te do que disse hum dos nossos autores, que dez romances naõ são taõ perigosos como o seu autor. Assim a mulher de hum homem que escreve romances, naõ poderá ser crédora de muita confiança. »

A nossa conversação foi interrompida pela criada que nos veio chamar para jantar. Amelia que vinha jantar connosco, chegou-se pa-

ra mim, e deo-me a mão dizendo-me: « Rosa me restituiu a paz. A amavel Minna veio depois d'elle e tendo-me testemunhado o seu reconhecimento pela amigavel recepção que tencionavamos fazer-lhe, falou da escola das meninas como de hum negocio decidido, e Rosa entrando naquelle mesmo tempo, continuáraõ a dissertar sobre as grandes vantagens que offerecia este projecto.

Felizmente a sopa pôz termo á discussaõ; e observei com magoa que Amelia não havia tomado parte alguma nesta conversação. Silenciosa, e concentrada em si mesma, a sua fysionomia expressava huma sombria desesperação. Durante o jantar alguns movimentos convulsivos agitavão os seus labios; passageiros estremecimentos fazião tremer todo o seu corpo, e os seus olhos quasi sempre fechados davaõ-lhe apparencia de huma pessoa morta.

Assim que se acabou de jantar, encaminhou-se vacillando para a por-

ta. Rosa fez-me signal para que lhe desse o braço, e acompanhei-a ao seu aposento. Quando me achei naquelle mesmo quarto, onde tinha passado tantos felizes momentos com ella, senti huma viva commoção; não pude conter as minhas lagrimas, e apertei-a com ternura entre os meus braços, exclamando: « Ah! desgraçada Amelia! »

A estas palavras, a infeliz lançou-se a meus pés, soltando hum grito doloroso; pareceo acommettida de huma violenta desesperação, e exclamou: « Estou perdida para sempre.

— Não, minha querida! lhe disse eu levantando-a, não te entregues á desesperação. Estás com toda a segurança nos braços da mais terna amizade, e debaixo dos olhos de teu pai celeste, que allivia os corações afflictos.

— Ah! deixa-me rezar! » respondeo-me ella entrando no seu gabinete.

Quando me recolhi Rosa conhe-

céo que tinha chorado; e depois ter-lhe relatado a situação de Amelia, disse-me: « Eu vou acompanhá-la, e rezar com ella. Ah! sei o alívio que isto nos dá. Lembra-te, querida Minna, continuou ella, quando o teu pobre irmão morreo, como passámos a ultima noite a rezar de joelhos junto da sua cama! Elle estava agonisante; porém as nossas Orações pareciaõ suavisar os seus padecimentos.

— Vai, querida Rosa, lhe disse eu abraçando-a, sê hum anjo consolador para essa desgraçada, e leva a paz, e a tranquillidade áquelle dilacerado coração. »

Depois que minha mulher sahio Minna disse-me: « Lastimo infinitamente aquella pobre Amelia; porém he preciso convir que he em grande parte o amor que vos tinha, e que parece renascer depois da sua desgraça, que a torna tão desditosa.

— Não vos persuadais disto, replicou eu; não ha senão os homens que conheçaõ bem o amor, e sua

omnipotencia. O vosso sexo está insento dos seus funestos effeitos pelo amor proprio, e egoismo. Nós não sentimos na nossa desesperação senão a perda de hum objecto amado. A mulher, pelo contrario, não lastima senão esperanças enganadas, e projectos mallogrados. Em geral amaõ-se demasiado, para serem susceptiveis de huma profunda paixãõ.

— Oh! vós não conheceis o vosso sexo.

— Demasiado o conheço. Houve hum tempo em que amei; e em breve me convenci de que nunca fôra amado com tanta paixãõ como eu amava. Nem ousou lisonjear-me de occupar exclusivamente o coração tão puro, e tão terno de minha mulher. Os cuidados domesticos, os enfeites, e mil outras cousas preoccupaõ hum coração, que, se bem amasse, não deveria pensar senão no seu amor, e esquecer o resto da terra.

— Esse socego, que pareceis tachar de indifferença, he hum mui precioso dom que o Ceo fez ao nos-

no sexo. Sem elle, que seria de mim naquelles instantes em que teria tentações de esquecer o Ceo, a terra, e até o nosso proprio dever?

= Não digo que assim não seja, porém ha hum argumento em meu favor, e que prova ainda melhor que a vossa alma não he susceptivel da quella abrazadora chamma que consume....

= Estais enganado, replicou Minna: conheço algumas que são victimas de hum amor tanto mais vivo, por isso que não tem esperança nenhuma....

Eu não estava disposto a continuar a discussão. Afflicto com a desgraça da minha pobre prima, tomei o partido de sahir, esperando que a vista dos campos soçegaria a minha alma. Porém debalde o campo ostentava aos meus olhos os seus thesouros, e o sol parecia vivificar a natureza inteira: a imagem da desditosa acompanhava-me a toda a parte; cada monte me parecia hum tumulo, e não pensava senão em ruínas, e desgraças.

Quando voltei para casa, achei Rosa, e Minna a chorarem junto da Amelia, que estava immovel em hum cadeira de braços, com os olhos fechados, e os braços estendidos. A minha chegada levantou alguma cousa as palpebras, e disse-me com voz sepulcral:

“Estou morta, Henrique! não o vês? Olha para estas amigas que chorão a minha morte... Manda-me enterrar quanto antes.”

Este triste espectáculo fez-me estremecer, e a minha sensivel Rosa esteve a ponto de succumbir á violenta commoção que experimentava. Felizmente o medico, chegando no mesmo instante, serenou o terror de Rosa, dando-lhe algumas esperanças; porém tomando-me á parte, não me occultou que a doente lhe parecia perdida sem recurso, e que não se lhe podia dar outro allivio mais do que evitar tudo quanto pudesse recordar-lhe as suas antigas idéas.

Esta triste circumstancia foi a

primeira nevoa que nos escureceu o horizonte, depois do nosso casamento. Achámos nos papeis da desditosa Amelia grande numero de extractos, e fragmentos destacados, que elle escreveu desde a sua ultima volta de Steinau. Elles eraõ huma prova dos combates horriveis a que a sua alma se entregára desde aquelle fatal momento, e pudemos avaliar quanto ella devia ter soffrido. Os seus ultimos fragmentos bastante patenteavaõ o amor em que agora se abrazava pelo amigo, cujo coração ella outrora desprezára, e que a vista da nossa felicidade domestica parecia augmentar. A cruel certeza de ter perdido para sempre as suas esperanças, tinha sem dúvida produzido a idéa maniaca de julgar-se morta. Meiga, porém taciturna, e coberta com hum véo atado com huma fita preta, ficava quasi sempre em huma attitude immovel, e nunca falava. Com tudo logo que me aproximava, e que lhe falava, abria algum tanto os seus pesados olhos.

Então hum doloroso sorriso resvalava em seus seccos, e pallidos labios. Parecia evitar a presença de minha mulher; porém por outro lado parecia ligar-se mais intimamente com Minna, em cujo sensível coração algumas vezes derramava amargas lagrimas.

Com tudo, era preciso tratar de acabar o romance de Angelo; fui por tanto assentar-me á meza para continua-lo.

Continuação da historia de Angelo di Amone.

Cecilia abatida com o peso das suas magoas, gemia aos pés dos Santos, e invocava a sua preciosa assistencia, lisonjeando-se de encontrar nos seus Altares hum socego que desde muito tempo fugia da sua alma. Cada dia hia semear novas flores no tumulto do seu amante, e regava-o com as suas lagrimas.

Entretanto a Princeza Augusta voltando para Wildthal, cheia de fe-

lizes esperanças, encontrou no
minho o correio que tinha mandado
depois do preto. Tendo este passado
pelo Convento, ahí soube que Angelo
tinha morrido, e logo tratou de ir
participa-lo a Augusta. Com esta
triste, e inesperada noticia cahio
desmaiada nos braços da sua fiel Ca-
marista, que não vio na sua com-
ternação outro partido que pudesse
tomar, senão o de dirigir-se áquelle
Convento, de que estava pouco a-
fastadas.

Augusta tornou a si quando se
achárao perto do Convento. O zim-
borio da Igreja estava alumiado pe-
los ultimos raios do sol no seu occa-
so; no côro retumbavao as melodio-
sas vozes das Religiosas, ás quaes
se unia o lúgubre, e solemne som-
dos sinos. O aspecto daquella mora-
da de paz pareceo dar alguma con-
solação á sua alma.

« Quero acabar aqui os meus
dias, » exclamou ella. E encami-
nhando-se ao côro, foi cahir aos pés
da Superiora, pedindo-lhe que a re-

cebesse no numero das suas freiras.
Debalde esta quiz representar-lhe a
precipitação da sua determinação;
tiração baldada de todas as suas repre-
sentações; e não tiveraõ melhor re-
sultado as diligencias do Principe
seu irmaõ, que empregou as mais
vivas sollicitações para desvia-la do
seu designio. Ella persistio nelle, e
renunciou inteiramente ao mundo,
e ás suas vãs illusões.

Não tentarei descrever a primei-
ra entrevista que ella teve com Ce-
cilia. A morte daquelle que foi o
objecto do amor de ambas, reconci-
liou inteiramente Augusta; as duas
infelizes choráraõ-no juntamente, e
poucas semanas depois da Princeza
tomar o véo, Cecilia morreo nos seus
braços.

Desde então a Princeza, tendo
renunciado a todas as frivolas, e ter-
restres lembranças da vida, e dos
seus prestigios, achava huma doçura
melancolica em chorar sobre as
sepulturas de Angelo, e Cecilia. O
seu coração purificado por huma aus-

teridade religiosa, não era já insensível ás paixões; ella não via naquellas victimas do amor senão anjos sellando da mais pura, e ineffavel felicidade, e a sua alma esperava o feliz humo religiosa impaciencia o feliz instante de ir juntar-se com ellas.

Fim da historia de Angelo.

Entregando a ultima folha do meu manuscrito á minha criada velha para leva-la ao impressor, deixou cahir humo lagrima no papel, dizendo com hum suspiro: " Ah! pobre Amelia! "

Commovido da sua sensibilidade, exclamei: " Ah! se se pudesse imprimir esta lagrima! ella mitigaria o máo humor do mais severo crítico. = Ah! Senhor, respondeo ella, quem poderia deixar de commover-se á vista do desgraçado estado daquella desditosa? Deos tenha compaixão della!

= Tranquillisa-te, minha rica,

Deos não abandona os desgraçados. Faça-se a sua Divina vontade! "

Naõ podia esquecer aquella lagrima da minha velha cosinheira. Ah! exclamei, o vasto leito do rio Leman não bastaria para conter todas as que a dôr fez derramar desde que ha infelizes no mundo. Se de mil milhões de almas que habitão o nosso globo, cada individuo não derramar senão hum milheiro dellas na sua vida, haverá muitos milhões derramados no fim de meio seculo. Que somma de dôres, de mágoas, e de lagrimas! "

Rosa, que me tinha ouvido, accrescentou: " De que o nosso sexo fornece ao menos os nove decimos.

= Concedo, lhe respondi eu; porém que são essas ligeiras lagrimas á vista daquellas que huma profunda dôr arranca do coração do homem? Huma só das suas peza hum milheiro das vossas.

= Sexo orgulhoso, replicou Rosa, não contas pois por cousa nenhuma os prantos de huma infeliz

ella, a applicação he a fonte da utilidade, e da riqueza. Hum trabalho assiduo desenvolve, e fortifica todas as faculdades fysicas, e moraes.... Fugí pois della como da mais perigosa inimiga do vosso socego.

— Queres falar da preguiça, interrompi eu; » porque a minha pobre mulher tinha-se enganado, e havia saltado duas regras do manuscrito. Córrou quando vio que a mais velha das suas discipulas, para occultar o seu sorriso, pôz-se a arranjar os seus lindos anneis de esbelleiros que lhe adornavaõ a fronte, e as outras abaixáraõ a cabeça sobre o seu trabalho..... E concluiu alguma cousa confusa: « Em huma palavra, minhas ricas meninas, sêde attentas, e diligentes. »

As jovens guardáraõ o silencio; e Minna que estava sentada ao piano, querendo occultar tambem a sua vontade de rir, entoou a bella Ode de Schiller á Alegria. Ainda não tinha cantado a metade da primeira strophe, quando arrastado pelo en-

thusiasmo que inspira aquella sublimidade, acompanhei-a alegremente com a minha voz, e a sysionomia das jovens discipulas cobrou immediatamente mais serenidade. A linda Thereza, que era a mais velha, levantou-se como por instincto, e aproximando-se do piano, encostou-se ao meu braço, e misturou a sua doce voz com as nossas. A minha querida Rosa não pôde resistir ao contagio, e ajuntou-se ao côro. O sentimento da alegria que aquella ode inspira, foi taõ universal, que o nosso canario tambem nos acompanhou, misturando o seu canto com os nossos.

Com tudo Rosa, com a gravidade de mestra, chamou Thereza para o trabalho. Aproximei-me della; e durante a conversação tendo-lhe perguntado que idade era a sua, respondeo-me que tinha quinze annos. Minha mulher reprehendeo-a da sua bacharellice, e das suas distracções.

Porém eu exclamei: « Querida

menina, estais naquella idade de
em que o mundo parece ainda cheio
de doces illusões, e bellas esperan-
ças.

= Nem sempre, » me respondeo
Thereza lançando-me hum olhar si-
gnificativo. É aq mesmo tempo chu-
pou algumas gotas de sangue que
sahião de huma picada que dera no
seu lindo, e mimoso dedo.

« Muito estouvada sois! » exclamou
minha mulher. Porém Thereza
ainda olhou para mim mostrando
com a ponta da sua agulha huma pin-
ga de sangue que tinha cahido na
sua obra.

« Ah! lhe disse eu, o sangue
de Venus que colorio a rosa, não
era mais puro. »

A estas palavras minha mulher
mostrou muito má cara, e Minna
puxou-me pela aba da casaca res-
mungando.

Fiquei alguma cousa confuso com
estas importunas reprehensões; e pa-
ra remediar a minha imprudencia,
continuei em tom grave: « Minha

menina, temei o funesto effeito des-
te juvenil sangue. Vivo, e ardente,
muitas vezes he a causa da impre-
videncia, que nos induz a fazer mui-
tas loucuras. »

Em lugar de me responder, The-
reza amimou sorrindo-se o canario
que ficava por cima da sua cabeça,
e se-lo cantar de tal fórma que nos
alurdio.

Então minha mulher fez hum
movimento de impaciencia, e deitou
o seu lenço por cima da gaiola para
o fazer calar.

Eu mordi os beiços, e Thereza
disse em voz baixa, e suspirando:
« Ah! pobre avesinha! »

= Assim he que se fazem calar
os faladores, » respondeo Rosa com
enfado. Ella quiz continuar o seu
discurso sobre a applicação, porém
o relógio deo meio dia, e as jovens
largarão o seu trabalho para irem
jantar em suas casas.

Como a escada do meu aposento
era muito escura, aproximei-me pa-
ra offerecer o braço a Thereza. Po-

rém minha mulher entregou-me duas pequenas, dizendo que Theresza era bastante crescida para deitar só. Minna seguiu-nos com os olhos; quando chegámos á porta da rua, Thereza voltou se, e disse-me com muito bom modo, que era muito sensível á minha attenção, que lhe não tinha escapado.

Ouvi os passos de Minna que seguia de vagarinho os meus, e demorei-me de proposito ainda algum tempo á entrada da porta. Voltando para cima encontrei-a na escada; e levantando a cabeça, tambem vi Rosa que se debruçava com ar curioso por cima da balaustrada, para observar-me, e que desapareceo quando me vio subir.

O nosso jantar foi muito silencioso; eu falei pouco; Rosa, e Minna não me respondiaõ senão com monosyllabos. Com tudo reflectindo na conducta de Theresa, fiquei convencido de que a pesar da sua pouca idade, não era mais do que huma descarada namoradeira; e as poucas

palavras que minha mulher dissera della durante o jantar, prováraõ-me que ella era da mesma opiniaõ, e fazia tenção de dispensar-me do cuidado de dar lições ás suas discipulas. Ainda fiquei mais convencido disso quando, tendo Rosa sahido hum instante, Minna me declarou com hum ar muito sério, que eu não era de modo nenhum proprio para dirigir a educação de meninas, e que os meus discursos não faziaõ senão perverte-las.

Quiz responder-lhe, porém minha mulher entrou, e disse com gravidade: « Meu querido Henrique, o teu comportamento de hoje não he proprio para acreditar o nosso estabelecimento. Ainda estou escandalizada do modo como cantaste.

— Entaõ não nos acompanhaste, minha querida, lhe disse sorrindo-me.

— Cantar huma ode taõ apaixonada! accrescentou Minna a resmungar.

— Oh! dissei antes huma produc-

(136)
caõ immorttal, lhe respondi; além de
que vós, Mademoiselle, fostes a pri-
meira que cantastes.

= Quanto á cantiga, passe, con-
tinuou minha mulher; porém não he
coisa insupportavel ouvir huma lon-
ga digressão sobre algumas gotinhas
de sangue daquella ranhosa?

= Ó meu Deos! respondi com
doçura; não aproveitei essa occasião
para dar-lhe huma lição de moral?

= Oh sim! replicou Minna rin-
do ironicamente, he huma grande
lição, comparar o seu sangue ao de
Venus. Demais disse, não tinheis
olhos senão para ella; he preciso con-
vir que isto faz honra ao vosso bom
gosto.

= He verdade, acrescentou mi-
nha mulher; elle não se dignou o-
lhar huma só vez para mim. »

Com tudo tendo-se passado o tem-
po nesta discussão, ouviraõ-se as
duas horas, e Thereza entrou. « Mi-
nha mamam faz-vos muitos cumprimentos, disse ella a Rosa, e encar-
regou-me de dizer-vos que tinha ten-

(137)
caõ de ir hoje á sua casa de campo;
e como passa lá a noite, manda-vos
pedir que me deis licença de ficar
em vossa casa até ámanhã de tar-
de.

= Como se entende isso? disse
minha mulher hum pouco perturba-
da.

= Entende-se muito bem, ex-
clamou Minna com ar ironico; Ma-
demoiselle quer dormir cá.

= Ah! incomodar-vos-hei o me-
nos possivel, continuou Thereza com
timidez; passarei de boa vontade a
noite em cima do sofá.

= Não he necessario, repliquei
eu estouvadamente, ceder-vos-hei a
minha cama.

= Que indecencia! exclamou
minha mulher enfadada. Não, The-
reza, dormireis com Minna. » E de-
pois voltando-se para mim, disse:
« Parecia-me que querias ir vêr meu
pai? »

Respondi-lhe que receava incom-
moda-lo áquella hora; e deitei-me no
canto do sofá, onde Thereza queria

(140)
alienação, não cessou de repetir-me
estava morta, e que era necessário
enterra-la. Em quanto estava occupa-
do com esta desgraçada, vi que
se aproximavaõ tres Senhoras, hu-
ma das quaes conheci ser a Prince-
za Albertina.

As perguntas que ella me fez
annunciavaõ que tomava o mais vi-
vo interesse na deploravel situaçãõ
da pobre Amelia.

« He huma triste victima da mais
negra traiçãõ, repliquei eu, e o seu
estado he digno de compaixãõ. »

A estas palavras Amelia abriu
os olhos com ar espantado; e levanta-
do a mão á sua testa, gritou varias
vezes: « Steinau! Steinau!

— Ouvís, Senhora? disse huma
das outras Senhoras, fala de Steinau. »

Entãõ eu continuei: « Ah! sim,
foi ahi que o mais vil dos seducto-
res fez morrer de desgosto huma res-
peitavel mãe, e reduzio á mais hor-
rorosa desesperaçãõ sua desditosa fi-
lha, que elle tinha immolado aos
seus criminosos desejos.

(141)
= Ó Deos! » exclamáraõ ao
mesmo tempo aquellas Senhoras pe-
netradas de horror. E no mesmo ins-
tante o Baraõ de Eschen sahio de
huma rua do bosque. Saudou as Se-
nhoras com ar desembaraçado; po-
rém logo que vio a infeliz Amelia fi-
cou petrificado. Ella levantou as suas
pesadas palpebras, porém não o re-
conheceo, e continuou a pedir com
instanciã que a enterrassem. . . .

Naõ pude resistir á profunda com-
moçãõ que isto me causou; e pegan-
do no braço do Baraõ, gritei com
indignaçãõ: « Barbaro, reconheces
esta infeliz? Ella não ha de tardar
a comparecer ante o Juiz Supremo,
e a eterna justiça chamará a vingança
celeste sobre a tua culpada cabe-
ça. »

O Baraõ ficando na maior per-
turbaçãõ, balbuciou algumas palavras
inintelligiveis.

Porém huma daquellas Senhoras,
que como depois soube, era a sua
nova desposada, voltou-se para elle
com ar de desprezo, e disse-lhe:

(142)
« Senhor, o vosso procedimento cau-
sa-me horror, e desde já renuncio a
todas as relações que tem havido en-
tre nós. »

Ao mesmo tempo a Princeza or-
dhou para elle com indignação, e dis-
se-lhe: « Afastai-vos, monstro, que
a vossa vista me faz horror, e não
torneis a apparecer na minha pre-
sença. »

O Barão confuso, e profunda-
mente humilhado, embrenhou-se no
bosque.

Voltei-me para a Princeza, e dis-
se-lhe: « Senhora, aquillo que com-
mummente se chama acaso, parece
ter-nos conduzido hoje a este lugar.
Porém ha sem dúvida hum supremo
destino que dirige a sorte dos mor-
taes. »

Mas huma das damas de honor
falou em voz baixa á Princeza; e se-
gundo pude perceber, deo-lhe algu-
mas informações ácerca da desgra-
ça de Amelia, a quem parecia co-
nhecer. Durante esta conversação,
a Princeza lançava a miudo os seus

(143)
ternos olhos á minha pobre prima,
e a mais terna compaixão estava pin-
tada nas suas feições.

« Voltai para casa na minha se-
ge, » me disse ella com summa bon-
dade. E acrescentou: « Eu man-
darei saber noticias desta menina,
e informar-me-hei do que me seja
possivel fazer para seu allivio. »

Depois de ter testemunhado o meu
reconhecimento pelas bondades da
Princeza, ajudei a metter Amelia
na sege.

Quando cheguei a casa naquella
brilhante equipagem, todos os meus
visinhos estavaõ ás janellas, e mi-
nha mulher, e Minna não podiaõ
tornar a si do seu espanto.

Depois de lhes ter dito que tinha
salvado á Princeza, minha mulher pa-
tenteou-me a sua admiração de que
tivesse guardado tanto tempo o si-
lencio ácerca da honra que tinha de
ser conhecido da Princeza; pedio-
me sériamente que a apresentasse a
Sua Alteza, e entãõ encetou huma
longa conversação com Minna sobre

(144)
os enfeites que queria arranjar para
humta taõ solemne occasiaõ.

O calor com que ella falava nis-
so impedio-a de reparar que There-
za, que tinha acabado o seu traba-
lho, me acompanhava ao meu gabi-
nete. Tomou-me familiarmente o
braço, e disse-me com confiança:
« Peço-vos que vejais se podeis im-
pedir que eu durma com Minna,
porque não ha pessoa a quem eu
mais deteste.

= Como podeis, minha querida,
lhe disse eu com espanto, falar as-
sim de humta pessoa a quem deveis
respeitar?

= Senhor, me respondeo ella
com viveza, ella tambem não vos
tem respeito algum.

= Isto he muito differente, lhe
disse eu; vós sois sua discipula, e
deveis respeitá-la como vossa mes-
tra. »

Porém a pequena continuou: « Ah!
Senhor, durante a vossa ausencia,
e em quanto vossa esposa sahio al-
guns instantes do quarto, Minna re-

(145)
prehendeo-me amargamente. Disse-
me que me comportava muito mal
para comvosco, e que ereis hum ho-
mem muito perigoso, de quem era
necessario desconfiar. Accrescentou
mais, que não me testemunhaveis
alguma attençaõ senaõ para mofar de
mim, e que estas brincadeiras (se-
gundo ella se expressava) só servi-
riaõ para me intrigar com vossa es-
posa. Porém eu não considero esta
bacharellice senaõ como effeito do seu
ciume, porque essa delambida co-
nhece muito bem que me haveis de
amar mais do que a ella.

= Ó meu Deos! disse-lhe eu,
que dizeis? Se ella vos ouvisse?...
Na vossa idade deve-se ignorar o que
são paixões, e falais da mais terri-
vel de todas. Quem vos iniciou taõ
cedo no conhecimento deste funes-
to sentimento?

= Devo o conhecimento delle ao
meu proprio coração. Oh! de todos
os monstros que despedaçã o cora-
ção humano, o ciume he o mais hor-
roroso, e o mais despresivel... Vós

(146)
mesmo o dissestes em hum dos vos-
sos romances.

= Visto isso lêstes as minhas
obras?

= Podeis duvida-lo? Ha muito
tempo que ellas me tinhaõ inspira-
do o desejo de conhecer o homem
que taõ bem sabe definir o coração
humano, e saber se corresponde
na realidade á idéa que tinha for-
mado da vossa pessoa. Com tudo,
só a tremer he que entrei a primei-
ra vez em vossa casa; desde que
vos vi, fiquei persuadida que a mi-
nha maior felicidade seria ser edu-
cada debaixo dos vossos olhos....
tenho-vos em tanta estima!...

Fiquei espantado de que huma
menina de quinze annos falasse taõ
livremente, e respondi-lhe com al-
guma frieza: « Guardai esta estima
para minha mulher.

= Ah! respondeo Thereza, ella
naõ me considera senaõ como huma
criança.

= Oxalá que o fosseis, repli-
quei eu.... Hum coração taõ pre-

(147)
maturo ha de fazer hum dia a vossa
desgraça.

= Ah! disse ella suspirando,
já sou bastante desgraçada!
A estas palavras, huma voz co-
nhecida exclamou em tom aspero de
fora do quarto: « Quem he taõ des-
graçada? »

Porém Thereza sem perder o ti-
no respondeo em voz alta: « He
quem escuta ás portas. »

Ouvimos no mesmo instante fe-
char a porta exterior da alcova com
força.

« Sois muito imprudente, » dis-
se eu em voz baixa a Thereza.

Entaõ ella abaixou igualmente a
voz; e olhando para mim com ar de
confiança, perguntou-me: « Senhor,
correspondeis ao amor de Minna? »

Esta pergunta causou-me espan-
to, e respondi-lhe com ar muito sé-
rio: « Thereza, eu sou esposo, e
minha mulher sempre occupará o
primeiro lugar no meu coração. Min-
na naõ poderia ter senaõ o segundo.

= Ah! respondeo ella, quanto

(148)
seria eu feliz com este segundo la-
gar! Todavia não vos illudais,
Senhor. He demasiado evidente que
Minna quereria usurpar o primei-
ro. . . . Acautelai-vos; o vosso suce-
sso depende disso!

= Falais como o meu anjo tute-
lar, disse-lhe eu sorrindo-me.

= Ah! quem me déra pode-lo
ser, » me respondeo ella saltando-
me ao pescoço. Os nossos labios es-
tavaõ a ponto de encontrar-se, quan-
do de novo senti o ruido da porta
exterior que se abria; entã exclai-
mei em alta voz para ser ouvido:
« Sim, Thereza, sou o mais feliz
dos homens; Rosa possui todas as
qualidades, e todas as virtudes que
sãõ o ornamento do seu sexo. »

No mesmo instante minha mu-
lher (porque era ella que tinha a-
berto a porta) entrou. Tinha ouvido
estas ultimas palavras, e hum ar de
satisfação, e ao mesmo tempo de
enfado estava pintado na sua physio-
nomia. Eu preveni-a dizendo: « A-
cabo de mostrar o teu retrato a The-
reza, e falavamos de ti. »

(149)
Ella voltou-se para Thereza, e
disse-lhe: « Minna está muito enfa-
dada com vosco, e creio que com
razaõ; ide pedir-lhe perdaõ; ide!
= De muito boa vontade, se as-
sim ordenais, » replicou Thereza có-
rando. E depois de ter abraçado mi-
nha mulher retirou-se.

Logo que Thereza sahio, a sy-
sionomia de minha mulher mudou
repentinamente; o máo humor, e o
despeito pintáraõ-se no seu rosto, e
disse-me com voz suffocada: « Pa-
rece que tens muito empenho em
instruir as minhas discipulas. Con-
fesso-te que este zelo summamente
me desagrada. »

Como não ha cousa mais inutil do
que falar razaõ a huma mulher quan-
do está encolerizada, não lhe res-
pondi; contentei-me com lançar maõ
de hum jornal litterario que se acha-
va em cima da minha banca, e no
qual faziaõ hum elogio assaz lison-
jeiro de hum dos meus ultimos ro-
mances; li-lhe a passagem seguin-
te:

« O autor deste romance possui
 » hum profundo conhecimento da
 » coração humano; e as suas narra-
 » ções ora patheticas, ora accompanha-
 » das de finos gracejos, annuncia-
 » muita sagacidade em observar o
 » desenvolvimento, e os effeitos das
 » diversas paixões. Nenhuma dúvi-
 » da temos por tanto em colloca-lo
 » no numero das melhores obras des-
 » te genero. . . . »

Minha mulher interrompeo-me
 exclamando: « Tudo isto não prova
 nada. »

Pedi-lhe que ouvisse até ao fim,
 e continuei a lêr:

« Pinta as suas personagens, e
 » sobre tudo as mulheres como na
 » realidade são na sociedade. Obser-
 » va com particular arte as mais de-
 » licadas graduações do sentimento,
 » e apresentando os caracteres se-
 » gundo a natureza, dá conselhos, e
 » exemplos que são muito instructi-
 » vos. . . . »

A este elogio minha mulher re-

primio a custo hum pequeno sorriso
 de approvaçãõ, que lhe arrancou a
 sua vaidade.

« Entãõ! lhe disse eu, ainda me
 recusas o talento de formar o espi-
 rito, e o character de huma menina!
 Aquella Therezasinha, por exemplo,
 tem hum coração que merece a pe-
 na de ser estudado; como pôdes tu
 ser taõ simples para forjar quime-
 ras? »

Minha mulher, que muito mal
 me comprehendêra, respondeo-me
 summamente enfadada: « Não se
 trata aqui de quimêras. . . . Porém
 não quero, que te occupes de cora-
 ções alheios. . . . »

Dei huma grande gargalhada, e
 hia responder-lhe, quando me trou-
 xeraõ hum bilhete concebido nestes
 termos:

« Deseja-se dar duas palavras ao
 » protector da pessoa infeliz que se
 » vio no jardim do castello, e offe-
 » recer-lhe os allivios de que ella
 » possa precisar. Pede-se-lhe por tan-

- » to que se ache amanhã á mesma
 » hora no mesmo lugar onde foi es-
 » contrado por tres Senhoras. »

A...

Li repetidas vezes aquelle mysterioso bilhete; a pesar da letra inisial com que estava assignado, teria sido hum excesso de vaidade julgar que vinha da parte da Princeza. Posto que fizessem justiça ás suas virtudes, passava em geral por ter hum character demasiado altivo, para abaixar-se a escrever-me. Por outro lado, a vista de huma infeliz desconhecida não podia excitar senão compaixão, e a minha posição não era de natureza que pudesse dar-lhe lugar a suppôr que eu tivesse necessidade de soccorros.

Suppuz conseguintemente, com mais verosimilhança, que era hum laço que me armava o Barão d'Eschen. Elle não podia deixar de estar irado contra mim, por eu ser a causa do seu rompimento com a sua

futura, da perda das suas esperanças, e talvez de hum completo desvalimento. Pêrfido, e fraco como era, talvez tivesse o designio de vingar-se por meio de hum assassinio.

Todavia o encontro havia de ter lugar em pleno dia, e em hum sitio muito público: que tinha eu que recear? Resolvi por consequencia de alli me achar á hora determinada, porém nada disse a minha mulher.

Entrando de tarde em minha casa, minha mulher sahio-me ao encontro com ar de consternação, e gritando: « Oh! meu rico, Minna desapareceo.

= Consolemo-nos, lhe disse eu abraçando-a; não te tenho a ti, minha querida? »

Rosa continuou: « Ella está ausente ha tres horas. Mandej a casa de seu pai, e das minhas amigas; porém ninguem deo noticias della. Oh! meu Deos! estou com o maior cuidado.

= Pois eu não..., lhe respondi, lembra-te que desde alguns dias

(154)

ella não falava senão de ternas cismas, desejos vagos, presentimentos, e outras cousas desta natureza. Terá talvez achado algum objecto digno de tocar o seu coração.... E quem sabe, accrescentei sorrindo-me, se não sou eu?

= Que louca presumpção!

= Não o he tanto como pensas.

Ha muito tempo que eu desconfiava de alguma cousa; parece que a sua consciencia por felicidade se despartou, e que ella quer fugir do perigo.... Porém que nos importa isso, minha querida! Felicitemo-nos antes de estarmos livres della.

= Sempre encaras as cousas pelo lado mais desfavoravel, respondeo-me Rosa. Não he muito cruel para mim fazer-me perder huma tão boa amiga, que era o mais firme esteio do meu estabelecimento?

= Ah! Rosa, disse-lhe eu, abandona esse estabelecimento, encarecidamente to peço. Elle não he proprio para ti.

= Não, meu amigo! nunca o a-

(155)

bandonarei, disse-me ella com vivacidade.

= Neste caso, darei sobre tudo os meus cuidados á instrucção de Thereza, repliquei eu sorrindo-me.

= Oh! afasta-la-hei.

= E eu farei outro tanto com as outras.

= Nunca te achei tão pouca graça como agora.

= Pobre Rosa, lhe disse, não ves quanto eu desejo assegurar a tua ventura, e tranquillidade!

Ao ouvir estas palavras fitou os olhos em mim com ar de dúvida, e algumas lagrimas humedecêrao as suas faces; disse-me com hesitação: « Lembra-te ao menos do público. Que dirão quando virem que esta instituição tão preconizada não durou senão alguns dias? Tornar-nos-hemos objecto de escarneo.

= Pois então, lhe respondi eu, quando o público rir, riremos com elle, e em breve ninguem se lembrará disso. No caso contrario, as lagrimas, e as magoas que has de

(156)
ter, nūnca haõ de cessar....
onde está Thereza?

— Ella não quiz cá ficar, e voltou para sua casa, » replicou minha mulher com azedume.... E sem dizer-me mais nada, recolheu-se aturada, e sem abraçar-me, ao seu quarto.

Dormiamos a somno solto, quando á meia noite acordei sobresaltado ouvindo gritar: Fogo! fogo!

Levantámo-nos a toda a pressa; e minha mulher atordoada com o motim augmentado ainda pelo toque dos sinos, e dos tambores da guarda, ficou taõ assustada, que corria para hum e outro lado em camisa, e tomava os meus vestidos pelos seus. Eu tratei de vesti-la com a promptidaõ que me permittia o meu proprio susto, e esforcei-me em anima-la, sem eu mesmo saber ás quantas andava. Todavia o cheiro do fumo penetrou no nosso quarto, e quando fomos para a sala, a casa visinha pareceo alumada com o reflexo das chammas. « Ó meu Deus!

(157)
exclamou Rosa, tende compaixãõ de nós! Henrique, se for necessario morrer, eu morrerei a teu lado. » Abrindo a porta fiquei quasi suffocado com o fumo; e tendo penetrado até á escada, vi com espanto, que o fogo tinha pegado em baixo, e que todo o corredor estava em chammas.

Voltámos muito angustiados, e sem saber como nos haviamos de salvar, para a sala, quando hum chorro de agua lançada pelos bombeiros, metteo dentro a janella, que cahio sobre mim, e deitou-me de costas juntamente com Rosa. Gritei pedindo soccorro pela janella; porém a algazarra, e a confusaõ eraõ taes na rua, e o incendio fazia taõ rapidos progressos, que não ouviraõ os nossos gritos. Estavamos na mais horrorosa desesperaçãõ, quando hum homem coberto de ferrugem, e de fumo se precipitou no nosso quarto, e arrastou Rosa até ás aguas fortadas. Eu segui-os; fez-nos passar por huma abertura na parede-meia da casa visinha; porém no mesmo ins-

tante a lanterna que trazia escapou-lhe das mãos, e apagou-se. Fomou andando algum tempo ao acaso em hum profunda obscuridade, quando de repente o nosso conductor desappareceo; e Rosa, que eu debalde queria deter, cahio atraz delle. Mais morto do que vivo procurava ás célgas como sabiria daquella escuridão, quando ouvi Rosa gritar: « Henriquetta, cá estou; não me succedeo mal nenhum. »

Posto que fiquei algum tanto mais socegado, tinha de tal fórma perdido a cabeça, que só a muito custo he que pude dar com a escada, por cuja abertura Rosa tinha cahido. Quando cheguei a baixo, então já pude distinguir melhor os objectos, porque o incendio da minha casa alumiaava todo o bairro. Achei a pobre Rosa toda trémula; porém como felizmente tinha cahido sobre o seu conductor, vio-se quite pelo susto, e por hum ligeira contusão no braço. No seu terror não tinha podido reconhecer aquelle a quem devia a

vida, o qual tinha desapparecido logo depois da sua quéda, e no meio da confusão que reinava em toda a parte ninguem tinha reparado nelle. Na nossa afflicção tomámos o partido de nos ir refugiar em casa de meu sogro, onde passámos o resto da noite a socegar a pobre Rosa, que não podia tornar a si do seu susto, e lamentava ter perdido tudo naquelle incendio.

« Consolai-vos, meus caros filhos, nos dizia o veneravel anciao; de que vos serviria ter salvado a casa, se hum de vós ambos tivesse tido a desgraça de perecer? »

Isto lembrou-me a infeliz Amelia, em quem não tinha pensado com o terror de que estava possuido, e estremeci com a idéa que aquella desgraçada tivesse sido victima daquelle incendio. « E a minha pobre criada, e o infeliz Sélime, todos foraõ sem dúvida reduzidos a cinzas! exclamei com mágoa. »

Todavia a douta Henriqueta chegou para consolar a sua amiga; e

aproximando-se para nós com ar grave, e sereno, declamou com empha se os versos seguintes:

Aos decretos sevêros do destino
Em vão resistir tentão os humanos:
Virtude não ha, siso, nem prudencia,
Que da sorte aos revezes possa oppôr-se.

A pesar da nossa desgraça, não pude deixar de rir ás gargalhadas ao vêr o pedantismo daquella mulher, e respondi-lhe: « Oh! asseguro-vos que estais enganada. Hontem levei as ultimas folhas da minha obra ao impressor; está por tanto salva.

= Então ignorais, replicou ella, que a vossa casa ardeu toda?

= Que importa? lhe respondi, salvei a minha querida Rosa; tudo o mais não vale huma lagrima.

= Bravo! exclamou o tio Mul-ler batendo-me no hombro; eis como hum homem de bem deve pensar. Esta confiança resignada valer-vos-ha huma nova casa; encarrego-me de a mandar edificar á minha custa. »

Naquelle mesmo instante vimos chegar a nossa pobre cosinheira, quasi em fralda, e coberta de ferrugem, e de fumo. Não acordára senão quando a chamma hia penetrando no seu quarto. Querendo fugir desmaiára; e quando tornou a si achou-se na rua em cima de hum banco. As diligencias que fizera em busca da desgraçada Amelia, foraõ igualmente baldadas.

Pela manhã os sinos cessáraõ de tocar, e tudo annunciava que se tinhaõ senhoreado do fogo. Olhando para mim notei que com a confusão tinha posto a minha casaca dos Domingos por cima do meu collete de noite, e calças de baetilha. Não pude deixar de rir-me do meu vestuario, e do de minha mulher, que estava pouco mais ou menos na mesma desordem. Não sabendo o que faziamos, tinhamos trazido connosco alguns pequenos utensilios de cozinha, e outros objectos insignificantes que se achavaõ á mão; nem sequer nos lembrámos de salvar o di-

nheiro, e outras cousas de valor. Este effeito do terror, tão ordinario em casos semelhantes, obrigou-me a fazer profundas reflexões sobre a fraqueza do espirito humano, que se deixa perturbar por hum accidente a ponto de perder a cabeça.

A pressei-me com tudo a ir contemplar de perto o meu desastre; e á medida que me aproximava da minha casa destruida, sentia augmentar em mim hum tremor involuntario em todos os meus membros.

De repente fui assaltado por hum turba de rapazes que me lançavaõ lama, e cinza, gritando que eu era o criminoso autor do incendio, e muito me custou pôr-me ao abrigo das suas injúrias. Porém qual foi o meu sentimento quando contemplei a montañ de ruinas que apresentava á minha casa! A violencia do fogo tinha cessado, porém os amontoados destroços ainda fumegavaõ, e os hombeiros continuavaõ a deitar agua. Vi com grande aperto de coração hum dos meus credores, que exa-

minava este entulho com huma luzeta, e o pobre Sélime immovel como huma estatua, sentado em hum marco proximo.

Em breve a multidaõ que este spectaculo attrahia, apinhou-se em torno de mim, e não me chegava o tempo para responder a todas as perguntas que huma ociosa curiosidade me dirigia de todos os lados. Eu igualmente interrogava a quantos encontrava, para alcançar noticias da minha pobre Amelia. Porém todas as minhas indagações foraõ baldadas, e julguei com extrema dôr que ficára sepultada debaixo das ruinas.

Este desastre fôra parte para que inteiramente me esquecesse da minha ida ao jardim do castello, até que hum criado da cõrte, descobrindo-me no meio da multidaõ, veio ter comigo, e convidou-me a ir no mesmo instante ao castello. Eu o segui; conduzio-me á presença da Camareira mór, e esta Senhora mandou-me entrar, trajado como esta-

(164)
va, e coberto de lama, e ferrugem,
para a grande galeria. Depois de
ter esperado algum tempo, vi appare-
cer a Princeza, e perguntou-me
se tinha podido salvar a desgraçada
Amelia.

A incerteza em que eu estava
da sua sorte, fez estremecer a Prin-
ceza, e algumas lagrimas de enter-
necimento cahião dos seus olhos.
Com tudo animou-me a não perder
a esperança de achá-la, e offereceo-
me com tanta delicadeza huma bol-
sa cheia de ouro, que não pude dei-
xar de acceptá-la.

« Todavia, accrescentou ella,
confesso-vos que até certo ponto
mereceis a vossa desgraça. Li o vos-
so ultimo romance que acaba de ap-
parecer. A desgraçada sorte de Au-
gusta clama vingança; e entretanto
não he innocente. Estou mal com-
vosco por a terdes pintado tão fra-
gil. Pois na verdade eu não perdoar-
ia á ultima das minhas damas si-
milhante conducta. » Dizendo estas
palavras recolheo-se ao seu quarto.

(165)
Segui-a com os olhos, e disse
comigo: « Pobre Princeza! censu-
ras a conducta de Augusta; verda-
do he que essa he a linguagem de
huma orgulhosa segurança. Ah! se
tivessees o coração daquella infeliz,
e amasses como ella, não havias de
ser tão severa. Huma alma apaixo-
nada toma parte igualmente com o
objecto da sua chamma, tanto na
taça das delicias, como na bebida
mortal. »

Voltei para as minhas ruinas; o
pobre Sélime ainda estava sentado
no mesmo lugar. Havia poucos dias
que acabava de ser reformado, fican-
do reduzido a huma modica pensão.
Esmagado debaixo do peso da dôr
levantava os olhos para o ar, e con-
templava em profundo silencio o lu-
gar onde, havia pouco tempo, a ja-
nella do seu quarto era obumbra-
da por huma roseira florida. Commo-
veo-me a sua situação, e metti-lhe
na mão ametade do dinheiro que
acabava de receber. O infeliz, tão
absorto estava na sua profunda dôr,

que não pôde dizer palavra; hum olhar melancolico, e hum aperto do maõ, forão os interpretes do seu reconhecimento.

Fui reunir-me á minha familia. Rosa dormia pacificamente. Sentei-me ao lado da sua cama, e fiz amargas reflexões sobre a infeliz sorte de Amelia, sobre a incerteza do futuro que nos esperava, e sobre a inconsistancia dos destinos humanos, que me submergíraõ na mais profunda melancolia.

No dia seguinte pela manhã, hum official da guarda mandou-me dizer que desejava falar-me em particular. « Acabo de chegar de Steinau, me disse elle; sou primo direito do Baraõ de Eschen, e he da sua parte que aqui venho. »

Este nome fez-me estremecer; e respondi-lhe com amargura: « Ah! neste mesmo instante talvez que a triste victima da sua seducção esteja aos pés do Throno Eterno, e clame vingança!

= Desenganai-vos, respondeo-

me elle com serenidade; Amelia estava sentada ao lado da cama do Baraõ.

= Amelia em Steinau! exclamei eu com espanto; pelo amor de Deus, explicai-vos.

Nada ha mais certo, respondeo elle. Sabereis que o acontecimento que teve lugar no jardim do castello, destruiu todas as esperanças do Baraõ. O grande numero de inimigos que grangeára; hum brillante casamento mallogrado; o recesso de tornar-se objecto de mofa na cõrte, e de cahir em hum completo desvalimento, empenháraõ-no a solicitar a licença de ir viajar alguns annos em paizes estrangeiros. Ignorava elle absolutamente a triste situação a que tinha reduzido a infeliz Amelia, porque a sua leviandade lhe não permittíra informar-se da sua sorte. A vista inesperada daquelle desgraçada penetrou o seu coração de huma viva compaixão, e de pungentes remorsos. Sentio renascer

a sua antiga afeição, e os gritos de sua consciencia não foram suffocados, como outrora, por huma falsa vaidade, e ambiciosas illusões. Elle confiou-me os seus sentimentos, e encarregou-me, ha alguns dias, de vos pedir lhe desseis vossa prima, a quem elle queria assegurar huma sorte honrosa. Estaveis ausente quando me apresentei em vossa casa; porém a senhora vossa esposa certificou-me que nunca em tal consentirieis, e que Amelia estava debaixo da immediata protecção da Princesa.

= Como! Senhor, repliquei eu com espanto, ter-vos-hia minha mulher dito isso? não he possivel.

= Sim, Senhor, he mais que certo. A Senhora com quem falei era muito linda, algum tanto triqueira, e tinha olhos pretos, e muito vivos. O modo como ella se exprimia não me deixou dúvida alguma de que não fosse vossa esposa.

= Ah! Senhor, lhe respondi eu com hum movimento de indignação,

não he minha mulher; Minna he que se vos apresentou como tal... Ó Thereza! não te enganavas... Ó insolencia!... Perdoai, Senhor, si milhante engano; minha mulher he incapaz de falar em taes termos; he demasiado prudente, e tímida, e nem se quer teria ousado receber-vos estando eu ausente.

= Dou-vos disso parabens, replicou elle, queira o Ceo que ella sempre assim seja para vossa felicidade!... Mas voltemos ao objecto que aqui me traz. Dei conta a meu primo do máo successo da minha mensagem. Então elle exclamou: « Pois bem! rouba-la-hei; habitei muito tempo naquella casa, e conheço todos os cantos della; além disto ainda conservo huma gazúa que me ha de servir... » Combati o seu projecto; e pareceo ceder ás minhas razões, e depois nunca mais ouvi falar nisso... Esta manhã fui chamado a Steinau, onde fui dar com elle na cama, tendo a cabeça ligada, e parecendo soffrer muito. A-

(170)

mélia, sentada ao lado d'elle, parecia inteiramente restabelecida, e não dava nenhum indício de alienação. O Barão apenas podia falar; com tudo disse que havia feito uso da sua gazúa, e que tendo persuadido Amélia a que o acompanhasse, tinha-a levado secretamente a casa de hum Senhora do seu conhecimento; que hia metter-se na sege para conduzi-la a Steinau, quando ouviu gritar fogo! e tendo sabido que o incendio era na vossa casa, para lá foi a toda a pressa....

= Ó Deos! exclamei eu, seria elle quem nos salvou a vida?

= Sim, Senhor, me respondeo elle; com tudo elle tambem foi a causa involuntaria da vossa desgraça. Na precipitação com que levou Amélia, esqueceo huma luz que imprudentemente tinha deixado a hum canto onde havia muita palha. Aos gritos de fogo, lembrou-se da sua culpada negligencia, e logo se dirigio ao incendio. Porém as chaminas já tinhaõ invadido a escada, e

(171)

o corredor estava todo em fogo. Subio ao tecto da casa visinha, e fez huma abertura no muro, pelo qual vos arrancou á morte. A desgraçada quêda que deo ferio-o gravemente no craneo. Elle padece muito, e o seu estado dá muito cuidado. Porém vossa prima pareceo despertar de hum comprido sonho, quando tornou a vêr Steinau. Reconciliada com aquelle que nunca cessára de ama-la, chorava de alegria.... Agora sómente me resta pedir-vos que me acompanheis sem demora a Steinau; o Barão fez na minha presença o seu testamento, e eu assignei-o como o seu mais proximo herdeiro. Lega-vos a sua linda fazenda de Steinau com todas as suas dependencias, para indemnisar-vos.

= Será isto algum sonho? exclamei admirado. Não posso crer os meus ouvidos. Quasi que não ousaria apresentar hum desfecho taõ inesperado em hum romance.

= Crede o que vos digo, Senhor, me respondeo elle. O mais sincero

arrependimento expia grandes culpas, e recommenda á vossa protecção aquella nova flor que tão cedo murchou, e cuja desgraça lhe despedaçava o coração com remorsos. Vamos; Senhor, vamos quanto antes. »

Metti-me com elle na sege, e partimos.

No caminho encontrámos o cirurgião que voltava para a cidade, e disse-nos que o Barão acabava de expirar.

Fomos continuando o nosso caminho em silencio; aproximando-nos de Steinau, não pude deixar de estremecer. Parecia-me vêr adejar a implacavel Nemesis sobre o castello, e sacudir os fachos da vingança celestes. Apenas me podia persuadir da realidade; e voltando-me para o meu conductor testemunhei-lhe a minha admiração do consideravel legado que me annunciava.

« Posso dizer-vos, que eu nisso tenho alguma parte. Como herdeiro universal, ainda me resta huma gran-

de propriedade em Rosenthal, e huma somma avultada em rendas, e contractos. Pareceo-me huma dívida de honra o dar-vos huma indemnisação, e representei a meu primo que aquelle que vos roubára huma amiga querida, cuja innocencia, e socego elle destruíra, e que fôra a causa do incendio da vossa casa, vos devia pelo menos huma indemnisação.

= Não me causa isso espanto, Senhor capitão, lhe respondi apertando-lhe a mão. A nobre profissão das armas que exerceis, sempre foi a fonte dos sentimentos elevados. Vivaõ para sempre a gloria, e a honra, que são o principio das mais sublimes virtudes, e das acções as mais generosas! »

Chegando a Steinau, Amelia veio ao nosso encontro. « Já não existe, » me disse ella encostando a cabeça no meu hombro. Abracei-a com hum profundo enternecimento. Ella não derramou huma só lagrima; a sua dôr era muda, e parecia resi-

gnar-se á sua (174)
signal algum de desesperaçãõ ou de
alienaçãõ.

Depois de ter assistido ás exequias do infeliz Barãõ, voltei para a cidade. Como a minha precipitada partida me havia impedido de dar parte a minha mulher do que se tinha passado, estava ella algum tanto inquieta com a minha ausencia. Julgue-se qual seria a sua surpresa, e a da sua familia, quando lhes referi a repentina mudança da nossa fortuna!

Soube quando cheguei, que Minna tinha fugido com hum comediante ambulante, que tinha dado algumas representações na nossa cidade. Porém eu estava demasiado occupado de sentimentos, e interesses mais importantes, para affigir-me com este acontecimento.

Apressámo-nos a transferir-nos quanto antes para Steinau, onde estabelecemos a nossa residencia. Amelia ainda viveo alguns mezes, e acabou com huma doce resignaçãõ

(175)
a sua infeliz existencia em nossos braços.
Muitas vezes vamos regar de sinceras lagrimas o simples tumulo daquelle desgraçada; e adorando os sábios, e impenetraveis segredos da Providencia, naõ cessamos de dar-lhe graças pela felicidade, e avultados bens que nos deo.

F I M.